



Universidade do Porto

Faculdade de Engenharia

FEUP

O Empreendedorismo no Ensino Profissional:

Um estudo de caso sobre a promoção do Empreendedorismo no processo ensino-aprendizagem num Curso Profissional

Rute Alexandra A. P. Ribeiro | mm11056

Dissertação apresentada à Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
para obtenção do grau de Mestre em Multimédia, especialização em Educação.

Orientador: Professora Doutora Joana Rita Pinho Resende | Faculdade de Economia do Porto
Coorientador: Professor Doutor Eduardo Luís Cardoso | Universidade Católica Portuguesa

Porto, 28 de Junho de 2013

O Empreendedorismo no Ensino Profissional:

Um estudo de caso sobre a promoção do Empreendedorismo no processo ensino-aprendizagem num Curso Profissional

Rute Alexandra A. P. Ribeiro | mm11056

Porto, 28 de Junho de 2013

Aprovado em provas públicas pelo Júri:

Presidente: Carla Susana Lopes Morais (Professora Doutora)

Vogal Externo: Carlos Manuel Mesquita Morais (Professor Doutor)

Orientador: Joana Rita Pinho Resende (Professora Doutora)

Resumo

Espera-se que a Escola propicie uma construção pessoal que ajude a “ler” o mundo e a intervir na sua mudança. A situação financeira mundial e o crescente desemprego representam uma séria preocupação para todos, em particular para os jovens que concluem os seus ciclos de estudo e procuram um emprego. *Têm as escolas preparado os seus alunos para uma Sociedade que exige cada vez mais indivíduos com capacidade e espírito empreendedor?*

O Empreendedorismo é visto como uma resposta ao problema do desemprego através da promoção do autoemprego, mas representa muito mais do que isso. Ser empreendedor vai muito além do que ter uma empresa, é acima de tudo uma atitude perante a vida, uma forma de estar que é apresentada como indispensável para o percurso de qualquer indivíduo e claro, também para o desenvolvimento socioeconómico das sociedades.

Neste documento é apresentado um projeto de investigação implementado no presente ano letivo (2012/2013). Visou estudar o impacto de um programa de educação para o empreendedorismo (o programa A EMPRESA, promovido pela *Junior Achievement Portugal*) nos alunos do Ensino Profissional, uma vez que estes optam pela via profissionalizante para rapidamente se integrarem no mercado de trabalho.

A investigação baseia-se num estudo de caso, essencialmente descritivo e analítico, que se centrou em explorar o tema em torno de quatro eixos: implementação do programa A EMPRESA numa disciplina do ensino formal; o envolvimento dos alunos no programa; o impacto deste nos alunos e, por último, a opinião dos professores do Agrupamento sobre a educação para o empreendedorismo nas escolas.

Os principais resultados obtidos mostram que os alunos apresentaram um comportamento oposto ao comportamento empreendedor/consciência empreendedora. Por sua vez, os professores inquiridos reconhecem a pertinência do tema nas escolas, contudo, para que a educação para o empreendedorismo seja uma realidade, sugerem mudanças na estrutura e organização do sistema de ensino, em prol da equidade.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Educação para o Empreendedorismo; Comportamento Empreendedor; Cultura Empreendedora.

Abstract

It is expected that the School fosters a education to help "read" the world and intervene in their change. The global financial situation and rising unemployment are a serious concern for everyone, especially for young people who have completed their courses of study and seek employment. Have schools prepared their students for a society that increasingly requires individuals with the capacity and entrepreneurial spirit?

Entrepreneurship is seen as an answer to the problem of unemployment through the promotion of self-employment, but it is much more than that. Being entrepreneur goes far beyond having a enterprise, is above all an attitude to life, a way of being that is presented as essential to the life course of any individual and of course also for socio-economic development of societies.

In this paper, is presented a research project implemented in the current school year (2012/2013). Aimed to study the impact of a program of entrepreneurship education (A EMPRESA program, sponsored by Junior Achievement Portugal) at students in Professional Education, once they opt for professional track to quickly integrate into the labor market.

The research is based on a case study, mainly descriptive and analytical, which focused on exploring the theme around four axes: A EMPRESA program implementation in a subject of formal education, the involvement of students in the program, the impact of this one on students and, finally, the views of teachers about entrepreneurship education in schools.

The main results show that students presented an opposite behavior to the entrepreneur behavior /entrepreneurial awareness. In turn, the teachers surveyed recognized the relevance of the subject in schools, however, order for the entrepreneurship education to be a reality, suggest changes in the structure and organization of the education system, for the sake of equity.

Keywords: Entrepreneurship, Entrepreneurship Education, Entrepreneurial Behavior, Entrepreneurial Culture.

Agradecimentos

Um longo caminho foi trilhado para a realização do trabalho de investigação que agora se apresenta. Depois de todos os obstáculos ultrapassados olhamos para eles como verdadeiros desafios e instrumentos de valorização e enriquecimento pessoal. São várias as pessoas a quem quero endereçar a minha gratidão por mais uma etapa cumprida.

À Professora Doutora Joana Rita Pinho Resende, pelo seu espírito crítico, construtivo e oportuno com que orientou todo este trabalho e pela total disponibilidade que me dispensou.

Ao Professor Doutor Eduardo Luís Cardoso, pelo incentivo, apoio e reflexão sobre a dimensão educativa da problemática presente na investigação.

À Lurdes Xambre, Paula Seixas, Miguel Pinho, Carla Garcia e Joana Albino, colegas de mestrado que tive a felicidade de conhecer, pelos bons momentos passados nas aulas, nos trabalhos de grupo, nos momentos de estudo. A eles o meu obrigado pela força, apoio e partilha.

Ao Dr. José Guilherme, Diretor do Agrupamento de Escolas da Senhora da Hora, pelo seu apoio e incentivo para a implementação do programa A EMPRESA na escola.

À Professora Judite Vale, Assessora da Direção e responsável pelos Cursos Profissionais, pelo incentivo e total disponibilidade para atender as minhas solicitações para que o programa A EMPRESA fosse implementado no Curso Profissional Técnico de Multimédia.

Aos professores do Agrupamento que contribuíram para a presente investigação colaborando no preenchimento do questionário dirigido aos professores.

Por último, uma palavra especial para a minha família e amigos pela sua compreensão e palavras de incentivo: em particular ao Paulo, pela paciência e apoio na gestão familiar. À minha filhinha Carolina, pela alegria, força e convicção com que me brinda todos os dias, com o seu sorriso, seus abraços, pelas suas meiguices e marotices! À avó Mimi, minha querida mãe, por me ter ajudado tanto! Se escrevesse sobre o seu apoio incondicional, era outra dissertação. Obrigada minha mãe pelo teu amor e apoio sem reservas.

Índice

1. Introdução	1
1.1 Contextualização e pertinência da investigação	2
1.2 Questão de investigação e objetivos	5
1.3 Objeto de estudo e suas delimitações	5
1.4 Metodologia de Investigação	6
1.5 Estrutura da Dissertação	6
2. Revisão de Literatura	9
2.1 Empreendedorismo: Análise concetual	9
2.1.1 Empreendedorismo numa perspetiva económica	11
2.1.2 Empreendedorismo numa perspetiva comportamental	12
2.1.2.1 O Empreendedor e as suas características	14
2.2 Empreendedor e “Capital Humano”: dois conceitos que se interseitam	16
2.2.1 O “capital humano” como elemento estratégico na Economia do Conhecimento	16
2.2.2 O novo paradigma de empregabilidade em que vivemos	17
2.3 Transição dos jovens estudantes para o mercado de trabalho: uma dificuldade crescente	19
2.4 Educação para o Empreendedorismo: Como?	21
2.4.1 Metodologias e estratégias na Educação para o Empreendedorismo	23
2.4.2 O papel do professor	25
2.5 A educação para o empreendedorismo no Ensino Profissional	26
2.5.1 A teoria da “reprodução social”	27
2.6 Iniciativas de promoção do empreendedorismo no Ensino Secundário	28
2.6.1 Associação Junior Achievement Portugal - JAP	32
2.6.2 JAP e os programas de educação para o empreendedorismo	32
2.6.2.1 Programa A EMPRESA: “Boa prática na Educação para o empreendedorismo”	34
2.7 Reflexão sobre a literatura pesquisada	43
3. Metodologia de Investigação e descrição do objeto de estudo	47
3.1 Natureza da investigação	47
3.2 Objeto de estudo	48
3.2.1 Quem	48
3.2.2 Onde	51
3.2.3 Quando	51
3.2.4 O quê	52
3.3 Modelo de análise	52
3.4 Preocupações de ordem ética	54

3.5 Técnicas de Recolhas de Dados vs Instrumentos de recolhas de Dados.....	55
3.5.1 Observação participante	55
3.5.2 Inquérito por questionário.....	56
3.5.3 Análise documental	58
3.6 Técnicas de análise de dados	59
3.7 Estrutura da metodologia de investigação	60
4. Apresentação e análise dos resultados	61
4.1 Eixo 1 e 2 – Implementação do programa A Empresa e o envolvimento dos alunos.....	62
4.1.1 Evolução temporal do programa e análise do envolvimento dos alunos	64
4.2 Eixo 3 – Impacto nos alunos	76
4.2.1 Apresentação dos resultados do questionário inicial.....	76
Reflexão sobre os resultados do questionário inicial.....	78
4.2.2 Apresentação dos resultados do questionário final.....	79
4.2.2.1 Opinião dos alunos que PARTICIPARAM no programa A EMPRESA	80
4.2.2.2 Opinião dos alunos que NÃO PARTICIPARAM no programa A EMPRESA	86
4.2.3 Análise da relação entre as respostas dos alunos participantes e não participantes.....	89
4.2.4 Análise da relação entre as respostas do questionário inicial e do questionário final.....	91
4.3 Eixo 4 – Opinião dos professores	92
4.3.1 Caraterização dos professores	92
4.3.2 O que pensam os professores sobre o Empreendedorismo	93
4.3.3 A importância atribuída à promoção do empreendedorismo nas escolas	95
4.3.4 Iniciativas de educação para o empreendedorismo que conhece	96
4.3.5 O que tem sido feito nas escolas para a promoção do empreendedorismo	98
4.3.6 Principais desafios e sugestões para a educação para o empreendedorismo	100
4.3.7 Professores do Ensino Profissional.....	102
5. Discussão de resultados e Conclusões	105
5.1 Satisfação dos objetivos	105
5.2 Reflexão final	109
5.3 Trabalho Futuro	111
Referências	113
Anexos	118
Anexo 1 – Questionário inicial aos alunos.....	119
Anexo 2 – Questionário Final aos alunos	120
Anexo 3 – Questionário dirigido aos professores	127

Lista de Figuras

Figura 1: Esquema que contextualiza a presente investigação, que se centra na introdução do Empreendedorismo no processo ensino-aprendizagem do Ensino Profissional.	4
Figura 2: As três necessidades básicas do ser humano e, por sua vez, do empreendedor, segundo McClelland.	13
Figura 3: Os três pilares da JAP, fundamentais no sucesso dos seus programas.	32
Figura 4: Alguns dos associados e parceiros que colaboram com a JAP.	33
Figura 5: Programas de educação para o empreendedorismo, promovidos pela JAP.	34
Figura 6: Etapas do programa A EMPRESA, promovido pela JAP.	36
Figura 7: Detalhes relativos à implementação do programa A EMPRESA nas escolas.	37
Figura 8: Eventos que fazem parte do programa A EMPRESA e respetivas datas de realização para 2012/2013.	38
Figura 9: Habilidades que se espera que os alunos desenvolvam com a participação no programa A Empresa.	42
Figura 10: Logotipo do programa A Empresa.	52
Figura 11: Modelo analítico da investigação.	52
Figura 12: Diagrama que define a estrutura da metodologia de investigação.	60
Figura 13: Eixos de análise da investigação.	61
Figura 14: Programa da Sessão de formação para professores, do programa A Empresa, JAP.	62
Figura 15: Crescimento do programa A Empresa em Portugal.	63
Figura 16: Parte reservada para o programa A EMPRESA, disponível no <i>moodle</i> .	66
Figura 17: Programa do GEP- <i>Creativity & Innovation Challenge</i> .	73
Figura 18: Escolas participantes no GEP- <i>Creativity & Innovation Challenge</i> .	74
Figura 19: Divulgação do resultado do evento no <i>Moodle</i> do Agrupamento.	75
Figura 20: Datas em que foram aplicados os questionários.	76

Lista de Tabelas

Tabela 1: Definições de Empreendedorismo.	10
Tabela 2: Pensamentos e ações empreendedoras, segundo (Timmons, 1989).	14
Tabela 3: O conceito associado à Educação para o Empreendedorismo.	22
Tabela 4: Levantamento das iniciativas de educação para o empreendedorismo no ensino secundário.	30
Tabela 5: Levantamento do contexto escolar, familiar e socioeconómico dos alunos que participam na investigação.	50
Tabela 6: AP Levantamento de respostas sobre o desempenho dos alunos no programa A EMPRESA.	81
Tabela 7: AP Opinião sobre desempenho das miniempresas.	82
Tabela 8: AP Principais dificuldades sentidas relativamente às várias etapas do programa.	82
Tabela 9: AP Opinião sobre as razões que contribuíram para a desistência dos alunos.	83
Tabela 10: AP Sugestões dos alunos para implementações futuras.	84
Tabela 11: AP O que está envolvido em ser-se empreendedor, segundo os alunos.	85
Tabela 12: Opinião dos alunos não participantes sobre o que acharam do programa, as razões por não terem participado e o que terá levado os colegas a desistir.	86
Tabela 13: Sugestões dos alunos não participantes relativamente à implementação do programa.	88
Tabela 14: Respostas dos alunos não participantes sobre o que aprendeu do programa A EMPRESA.	88
Tabela 15: Caracterização dos professores que responderam ao inquérito.	92
Tabela 16: Grupos de Recrutamento a que pertence os professores.	93
Tabela 17: Opinião dos professores relativamente à caracterização do aluno do ensino profissional.	102
Tabela 18: Opinião dos professores sobre a importância de promover o empreendedorismo sobretudo no ensino profissional.	103
Tabela 19: Opinião dos docentes sobre a obrigatoriedade da promoção do empreendedorismo no ensino profissional.	104
Tabela 20: Sugestões para implementar um programa/projeto de empreendedorismo no ensino profissional.	104

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Nº de respostas sobre a definição de empreendedorismo.	76
Gráfico 2: Respostas dos alunos à pergunta “Ser Empreendedor é...”.	77
Gráfico 3: Respostas à pergunta “considera-se um empreendedor?”.	77
Gráfico 4: Profissões que os alunos gostariam de exercer.	77
Gráfico 5: Tipo de respostas na questão “em que consiste o empreendedorismo”.	78
Gráfico 6: AP Respostas à questão “participou no programa por...”.	80
Gráfico 7: AP Opinião sobre o programa A EMPRESA.	80
Gráfico 8: Profissões que os alunos gostariam de exercer - após implementação do programa A EMPRESA.	90
Gráfico 9: Iniciativas que os professores conhecem/já ouviram falar.	96
Gráfico 10: Número de professores que já fizeram parte de um projeto relacionado com o empreendedorismo.	97
Gráfico 11: Opinião sobre se estão os professores preparados para introduzir nas escolas o empreendedorismo.	99
Gráfico 12: Opinião dos professores sobre os desafios que dificultam a promoção de uma cultura empreendedora nas escolas	100
Gráfico 13: Sugestões dos professores para a promoção do empreendedorismo na escola.	101
Gráfico 14: Número de professores que gostariam de participar com os alunos num projeto de empreendedorismo.	101
Gráfico 15: Nº de professores inquiridos que lecionam ou já lecionaram no Ensino Profissional.	102

Abreviaturas e Símbolos

OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
ANQ	Agência Nacional de Qualificação
FCT	Formação e Contexto de Trabalho
DCA	Design, Comunicação e Audiovisuais
JAP	Junior Achievement Portugal
INE	Instituto Nacional de Estatística
CE	Comissão Europeia
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
GEM	Global Entrepreneurship Monitor
TAE	Taxa de Atividade Empreendedora
GEP	Global Enterprise Project
ERT	European Round Table
EwB	Enterprise without Borders
MEC	Ministério da Educação e Ciência
DREN	Direção Regional de Educação do Norte
AP	Área de Projeto

Capítulo 1

Introdução

Vivemos num momento de tensão económica a nível mundial que compromete seriamente as perspetivas de emprego para qualquer cidadão. A feroz competitividade, a exigência crescente de informação, conhecimento e as rápidas mudanças do panorama económico, social e tecnológico representam sérios desafios para aqueles que procuram um lugar no mercado de trabalho. Valorizar o capital humano constitui-se um objetivo central na Economia do Conhecimento, que vê na aprendizagem ao longo da vida a resposta para o Homem conseguir acompanhar a evolução e garantir a sua sustentabilidade (Ponchirolli, 2000).

Neste sentido, segundo Coutinho e Lisboa (2011) “exige-se da Escola a capacidade de desenvolver nos estudantes competências para participar e interagir num mundo global, altamente competitivo que valoriza o ser-se flexível, criativo, capaz de encontrar soluções inovadoras para os problemas de amanhã, ou seja, a capacidade de compreendermos que a aprendizagem não é um processo estático mas algo que deve acontecer ao longo de toda a vida”. Espera-se que a Escola, enquanto instituição promova atividades inovadoras e criativas que potenciem nos alunos um conjunto de saberes técnicos e profissionais, **bem como aptidões pessoais e sociais**, para que possam mobilizar na resolução de tarefas complexas.

A Estratégia de Educação e Formação da Comissão Europeia, *“Rethinking education: investing in skills for better socio-economic outcomes”*, assume o objetivo de repensar a educação, através da promoção de competências que permitam aos estudantes um maior desenvolvimento pessoal e profissional aquando da integração no mercado de trabalho, contribuindo desta forma para melhorar os resultados socioeconómicos de qualquer país. O capítulo seis do documento **considera o Empreendedorismo como uma das “competências básicas” do indivíduo, para este conseguir ser bem-sucedido numa sociedade em constante mudança, onde se elevam os padrões de competitividade e inovação.**

*“Improving the key competences of individuals is a major objective of all education and training systems. These range from basic skills such as reading and mathematics to transversal skills such as ICT and **entrepreneurship**. For the European economy skills are a precondition for competitiveness and innovation, and in an ever-changing society, young people need to continually update their skills profile through lifelong learning.”* (Estratégia de Educação e Formação, CE 2012).

No momento, o Empreendedorismo é considerado um forte impulsionador do emprego, do crescimento económico e uma componente chave numa economia de mercado globalizada e competitiva. Por conseguinte, **os empreendedores são pessoas que criam algo novo, algo diferente, que inovam e que estão em permanente busca da mudança, explorando-a como sendo uma oportunidade** (Drucker, 2009). A promoção do empreendedorismo será uma das soluções apontadas para aumentar a empregabilidade e por conseguinte combater a elevada taxa de desemprego, encarando-se atualmente não como uma opção, mas como uma necessidade primordial (Sarkar, 2007). Em janeiro do presente ano a Comissão Europeia volta a reforçar a importância primordial Empreendedorismo, definindo o Plano de Ação Empreendedorismo 2020, com a missão de “Reativar o espírito empreendedor na Europa” considerando-o como um poderoso motor no crescimento económico, criação de emprego, novos mercados e **novas habilidades e atitudes**. Uma das metas apresentadas passa por incluir o ensino e a prática do empreendedorismo nos programas escolares, para que os jovens possam ter, pelo menos, uma experiência prática de empreendedorismo antes de terminarem o ensino secundário (Plano de Ação Empreendedorismo 2020, CE 2013).

A educação para o empreendedorismo é um processo complexo que, por si só, não acontece sem que exista uma organização e pessoas envolvidas. É crescente o interesse nesta disciplina nos últimos anos e cada vez mais se defende a ideia de que os sistemas educativos podem contribuir para promover o empreendedorismo em todos os níveis, desde o primeiro ciclo do ensino básico até à universidade (Estratégia de Educação e Formação, CE 2012).

Neste sentido, **o presente estudo centra-se no Empreendedorismo não tanto na sua vertente empresarial** que envolve a aplicação de competências relacionadas com a criação e gestão de empresas, **mas sobretudo nas atitudes de inquietação, ousadia/risco e pró-atividade na sua relação com o mundo**.

É nesta linha que se posiciona a investigação que elege como problemática central o Empreendedorismo na Educação.

1.1 Contextualização e pertinência da investigação

Num mundo cada vez mais competitivo e em crise financeira, procuram-se profissionais não apenas bem formados, mas sobretudo criativos e capazes de encontrar novas oportunidades. A figura do empreendedor assume-se como o “motor da economia”, um agente de mudanças e de promoção de desenvolvimento económico-social sustentável. Esta visão vai ao encontro das teorias de Schumpeter (1934) que associa o empreendedor ao desenvolvimento da economia, à inovação e ao aproveitamento de oportunidades de negócios (Dolabela, 1999). Para González de Gomez (1997), “trata-se de uma revolução que agrega novas capacidades à inteligência humana e muda o modo de trabalharmos juntos e vivermos juntos”, estamos perante um novo paradigma de empregabilidade, mais flexível, precário e

atípico, em permanente desequilíbrio em resultado de situações de insuficiência de oferta de emprego que não permite ao mercado absorver todos os trabalhadores que nele tentam entrar.

Acrescentando ainda a este cenário a desconcertante taxa de desemprego que se verifica em Portugal, que, segundo o Instituto Nacional de Estatística¹, no primeiro trimestre de 2013, se situou em 17,7%, e a taxa de desemprego de jovens (15 a 24 anos) atingiu os 42,1%, representando 17,4% do total da população desempregada.

À luz do exposto, torna-se pertinente aferir a resposta à seguinte questão: ***estão os jovens a ser preparados nas escolas, para enfrentar esta dura realidade? Estão as escolas a trabalhar para alcançar as metas europeias de promoção do espírito empreendedor junto dos mais jovens?***

A inquietação que estas questões geram na investigadora levaram-na a definir o presente estudo. Como atividade profissional é professora de informática, lecionando desde 2008 disciplinas que pertencem ao currículo dos cursos profissionais, e vem acompanhando de perto a dificuldade que os alunos vivem para conseguir um emprego logo após à conclusão do curso.

A investigadora, através do conhecimento empírico que a sua atividade profissional lhe traz, salienta que os jovens do ensino profissional que terminam os seus ciclos de estudos deparam-se com a realidade de terem estudado vários anos e no fim, em termos práticos, não sabem como enfrentar as exigências do mercado de trabalho, nem sequer aproveitar uma oportunidade que se abre, por falta de orientação e atitude.

Colmatar o fosso existente entre as expectativas dos jovens e a realidade do mercado de trabalho constitui num dos maiores desafios do ensino profissional o que requer uma reflexão quanto aos programas de formação/preparação profissional dos jovens. Cada vez mais, **exige-se programas de formação profissional que desperte nos jovens a capacidade de ler o mundo para encontrarem alternativas de sustentabilidade e de crescimento.**

Segundo a informação disponível no *site* da Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional², “os Cursos Profissionais são um dos percursos do nível secundário de educação, caracterizado por uma forte ligação com o mundo profissional. Tendo em conta o perfil pessoal dos alunos, a aprendizagem realizada nestes cursos valoriza o desenvolvimento de competências para o exercício de uma profissão, em articulação com o sector empresarial local”. Esta “forte ligação com o mundo profissional” acontece na Formação em Contexto de Trabalho, designada ao longo do documento por FCT (ou “estágio”), uma unidade curricular com um total de 420 horas (sensivelmente três meses, trabalhando sete horas diárias), com o objetivo de estabelecer a ponte entre os conteúdos escolares e a prática laboral. Realiza-se em posto de trabalho numa entidade/empresa local, tendo o aluno a oportunidade de adquirir ou desenvolver competências técnicas relacionadas com o perfil do curso que frequenta. Terminado o curso, o aluno procura, em geral, entrar no mercado de trabalho.

¹ Disponível em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOE_Spub_boui=153367812&PUBLICACOE_Smodo=2 [acedido a 20 de abril de 2013]

² Fonte: <http://www.novasoportunidades.gov.pt/np4/faq.html> [acedido a 20 de abril de 2013]

Os alunos que frequentam a FCT passam por uma experiência muito interessante e necessária, uma vez que o seu objetivo é entrar no mercado de trabalho assim que concluem o curso. Seria desejável constatar que o mercado de trabalho absorve estes técnicos certificados com o nível IV. No entanto, não é essa a realidade.

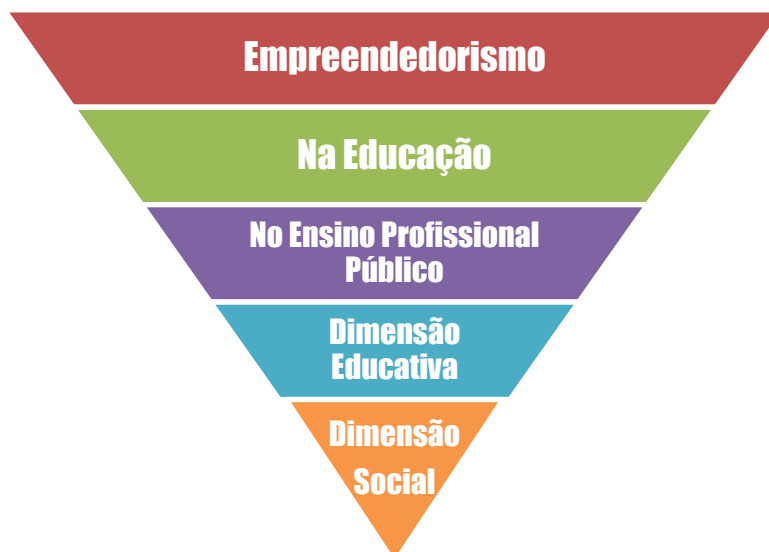
Atendendo à dimensão social desta problemática, a presente investigação desenha-se também oportuna pelo perfil de jovens envolvidos. Os alunos que optam pelo ensino profissional revelam, em geral, fracos hábitos de estudo, preferindo as aulas práticas em detrimento das aulas mais expositivas. Manifestam, na sua maioria, comportamentos desviantes, resultado das fracas referências positivas no seu percurso de vida. Acrescentando a este cenário a severidade da taxa de desemprego jovem, é aumentada a probabilidade da conjuntura atual arrastar os jovens para projetos de futuro sem perspectivas de crescimento, que os coloca em situações de risco ou de exclusão social.

Deste modo, o ensino profissional tem um papel importante a desempenhar que é o de preparar os jovens para um mercado de trabalho radicalmente novo, facultando informações e conhecimentos, competências e qualificações visando o desenvolvimento da capacidade empreendedora e da personalidade do jovem.

Por esta razão, a investigação representa uma oportunidade para consciencializar os alunos envolvidos sobre a importância atribuída às características pessoais, pois são estas que vão contribuir (ou não) para uma melhor interação interpessoal e maior desempenho escolar/profissional, despertando-os para a importância das “soft skills” e do “espírito empreendedor” no sucesso pessoal e profissional de qualquer indivíduo.

É nesta linha que se posiciona a presente investigação, representando um contributo pessoal para ajudar estes jovens a reagirem e contrariarem as previsões negativas quanto ao futuro, fomentando atitudes de inquietação, risco, e pró-atividade.

Figura 1: Esquema que contextualiza a presente investigação, que se centra na introdução do Empreendedorismo no processo ensino-aprendizagem do Ensino Profissional.



1.2 Questão de investigação e objetivos

Apresentada a contextualização do problema de investigação e a sua pertinência, a questão de investigação que norteia este estudo é a seguinte:

“Qual o impacto da implementação de um programa de educação para o empreendedorismo na construção de saberes e na forma como os alunos equacionam o seu futuro?”

Deste modo, o objetivo geral consiste em **analisar a relação existente entre o programa de empreendedorismo implementado numa disciplina do Curso Profissional e a importância que os alunos atribuem ao seu percurso formativo, em estabelecer objetivos profissionais, numa perspetiva construtiva e positiva quanto ao futuro.**

Para melhor estudar e analisar o problema a investigar, foram formulados os seguintes objetivos orientadores:

1. Implementar um programa de educação para o empreendedorismo na aprendizagem formal, numa disciplina do Curso Profissional;
2. Analisar a participação dos alunos nas várias etapas do programa de empreendedorismo implementado;
3. Conhecer a apreciação dos alunos sobre a sua participação no programa e analisar a relação entre as expectativas iniciais e as finais;
4. Analisar a relação entre a participação dos alunos no programa de empreendedorismo e a forma como encaram a escola e o seu futuro;
5. Perceber junto dos docentes da comunidade educativa como encaram a promoção do empreendedorismo nas Escolas.

1.3 Objeto de estudo e suas delimitações

O objeto de estudo aqui apresentado centra-se no programa de educação para o empreendedorismo designado por “A Empresa”, programa bandeira da Associação *Junior Achievement Portugal*³, cuja missão é “Inspirar e Preparar os Jovens para terem Sucesso numa Economia Global”, levando às escolas programas que desenvolvem nas crianças e jovens o gosto pelo empreendedorismo.

Neste sentido, a investigadora propôs-se estudar no presente ano letivo (2012/2013) o processo de implementação de um programa de educação para o empreendedorismo. Foi necessária a participação dos alunos do 1º ano do Curso Profissional Técnico de Multimédia do Agrupamento de Escolas da Senhora da Hora no programa “A Empresa”. O estudo está limitado à implementação do

³ Site da JAP: http://portugal.ja-ye.eu/pls/apex31mb/f?p=17000:1002:8695011161678657:::1002:P1002_HID_ID,P1016_HID_INSTITUTION_ID:6802,7

programa “A Empresa” e à turma escolhida por conveniência, uma vez que a investigadora é professora da turma, e foi responsável pela implementação do programa na sua disciplina.

1.4 Metodologia de Investigação

Na presente investigação pretende-se apurar a interpretação dos significados conferidos pelos alunos às ações em que se empenham, o que faz com que este estudo tenha **uma natureza essencialmente qualitativa**. Segundo Bogdan et al. (1994), este tipo de abordagem apresenta as seguintes características: o ambiente natural é a fonte direta de dados e o investigador constitui o instrumento principal; é uma investigação descritiva; o interesse principal é mais o processo do que os resultados ou produtos; a análise dos dados é feita de forma indutiva e o significado é de importância vital neste tipo de abordagem qualitativa.

Flores et al. (1999) referem que o objetivo geral de **um estudo de caso** é “explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar”. Assim, neste estudo, visa-se ir ao encontro destas conceções.

Visto que se trata de um “estudo de caso”, a investigação incide, essencialmente numa abordagem metodológica que recorre às seguintes **técnicas de recolha de dados**: Observação Participante, Análise Documental e Inquéritos por Questionário. As **técnicas de tratamento de dados** implementadas foram a análise de conteúdo, organização, descrição, síntese, triangulação e interpretação dos dados e o tratamento de dados quantitativos obtidos nos questionários, utilizando técnicas de estatística descritiva. **Este ponto encontra-se devidamente desenvolvido e fundamentado no Capítulo 3.**

1.5 Estrutura da Dissertação

No que diz respeito à estrutura da presente dissertação, encontra-se organizada da seguinte forma:

Capítulo 1 – Introdução

Define o problema que norteia a investigação. Contextualiza a pertinência do tema, à luz do cenário mundial, europeu e nacional, apresentando uma reflexão sobre o novo paradigma de empregabilidade que se vive no mercado de trabalho e os desafios que são colocados à Escola, sobretudo, ao Ensino Profissional.

Capítulo 2 – Revisão de Literatura

É definido o quadro teórico e a estrutura concetual que sustenta a presente investigação.

Agrega os diversos debates teóricos presentes na literatura sobre empreendedorismo, o “ser empreendedor”, o novo paradigma de empregabilidade, o processo de transição dos jovens estudantes

para o mercado de trabalho, a educação para o empreendedorismo, sobretudo no ensino profissional e, por último, é apresentado um levantamento dos programas de Empreendedorismo que vão ganhando expressão em Portugal, debruçando-se de seguida sobre o programa “A Empresa”, da JAP.

Capítulo 3 – Metodologia de Investigação adotada e descrição do objeto de estudo

Este capítulo debruça-se sobre as considerações metodológicas e epistemológicas que norteiam esta investigação, apresentando a sua natureza e respetiva fundamentação teórica, caracterizando o objeto de estudo, as técnicas de recolhas de dados, os instrumentos de recolhas de dados, as técnicas de tratamento dos mesmos, entre outros aspetos.

Capítulo 4 – Apresentação e análise dos resultados

Aqui são apresentados e analisados os dados relacionados com a participação e o envolvimento dos alunos no programa “A Empresa”, obtidos através da implementação dos vários instrumentos de recolha de dados. São igualmente apresentados e analisados os resultados do questionário dirigido aos professores do agrupamento.

Capítulo 5 – Discussão de Resultados e Conclusões

São apresentadas as principais conclusões desenvolvidas no estudo, contemplando uma reflexão dos resultados obtidos de forma a responder à questão que inicialmente foi formulada, que norteou a presente investigação. Por fim, será efetuada uma breve reflexão sobre o contributo da presente investigação para o conhecimento do tema, limitações e investigações futuras.

Capítulo 2

Revisão de Literatura

A revisão de literatura tem um papel fundamental no trabalho científico, uma vez que é através dela que o investigador situa o seu trabalho dentro da grande área de pesquisa da qual faz parte, contextualizando-o. É necessário definir os autores pertinentes para fundamentar o que se pretende estudar, no sentido de identificar a linha teórica em que o trabalho se insere com base nos autores seleccionados. Como nos informam Cardoso et al. (2010) “cada investigador analisa minuciosamente os trabalhos dos investigadores que o precederam e, só então, compreendido o testemunho que lhe foi confiado, parte equipado para a sua própria aventura”.

2.1 Empreendedorismo: Análise concetual

Se por um lado, o estudo do empreendedorismo foi facilitado, pela existência de várias publicações acerca do tema, por outro lado, este estudo revelou-se árduo devido à divergência de visões. Apesar de todo o protagonismo atribuído ao empreendedorismo, defini-lo faz parte de um longo debate concetual. A perspetiva educativa, económica, psicológica e social são apenas alguns exemplos de diferentes abordagens à análise do empreendedorismo. Conforme atesta o facto de “o termo ser usado há mais de dois séculos, mas nós continuamos a alargar, reinterpretar, e a rever a definição” (Bull e Williard, 1993).

No entanto, o foco na perceção de novas oportunidades e na subsequente introdução de novas ideias emerge como um denominador comum a muitas das definições aceites. Estamos perante um campo muito vasto e pode ser estudado a partir de diversas disciplinas – a interdisciplinaridade do empreendedorismo reflete a sua natureza complexa enquanto fenómeno multifacetado (Audrestsch, 2003). Na literatura publicada, são tantas as definições de empreendedorismo que se revela útil procurar resumir as mais relevantes, como se fez na tabela 1:

Autor	Definição
Low e MacMillan (1988)	Criação de novas empresas
Gartner (1990)	O Empreendedorismo envolve as seguintes oito vertentes: <ol style="list-style-type: none">1. O Empreendedor2. Inovação3. Criação de uma organização4. Criar valor5. Organizações com ou sem fins lucrativos6. Crescimento7. Único8. O dono é também gestor da nova empresa.

Stewart (1991)	Baseado em perspectivas antropológicas, económicas e estratégicas, o empreendedorismo pode ser definido como produto da criação, através da inovação.
Davidsson (1991)	Empreendedorismo é gradual e pode manifestar-se de diversas formas: <i>start up</i> , crescimento, inovação...
Krueger, Jr e Brazeal (1994)	Empreendedorismo é a busca de oportunidades independente dos recursos disponíveis. Empreendedor é aquele que se vê como perseguindo essas oportunidades.
Shane e Venkataraman (2000)	O empreendedorismo está diretamente ligado à identificação e à exploração de oportunidades económicas.
Davidson, Low e Wright (2001)	Empreendedorismo pode ser visto como emergência de nova atividade económica, o que inclui imitação e inovação. Tende a gerar-se um consenso de que empreendedorismo é sobre emergência de uma nova atividade
Henderson (2002)	O empreendedorismo é descobrir e desenvolver oportunidades para criar valor através da inovação.
Hisrich e Peters (2004)	Processo para criar algo novo, com valor, com dedicação de tempo e de esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais e recebendo as consequentes recompensas da satisfação e independência económica e social.
(Comissão Europeia, 2005)	O empreendedorismo refere-se a uma capacidade individual para colocar as ideias em prática. Requer criatividade, inovação e o assumir de riscos, bem como a capacidade para planejar e gerir projetos com vista a atingir determinados objetivos.
(Trigo, 2008)	Empreendedorismo é o esforço empregue na criação de valor através do reconhecimento de oportunidades de negócio, da gestão do risco adequado à capitalização dessas oportunidades e da mobilização dos recursos humanos, financeiros e materiais necessários à sua concretização.

Tabela 1: Definições de Empreendedorismo.

Fonte: Autora, adaptado de Gaspar (2006)

A tabela 1 apresenta uma seleção, em parte redutora, relativamente à diversidade de conceitos existentes na literatura à volta da definição do empreendedorismo, que reitera o facto de atualmente não ser possível afirmar que existe uma definição unânime e consensual para o empreendedorismo.

Segundo Macêdo et al. (2009) “Devido ao seu estreito relacionamento com o ambiente empresarial, esta temática é mais comumente abordada por pesquisadores pertencentes à área de conhecimento em administração, porém outras ciências como a sociologia, psicologia, economia e a antropologia também investigam o fenómeno em questão. Deste modo, verifica-se que o empreendedorismo apresenta um carácter pluridisciplinar.”

Além do empreendedorismo estritamente relacionado com a criação de empresas, é possível ainda referir outras formas de empreendedorismo, o intra-empreendedorismo e o empreendedorismo social (Naia, 2009). Para Sarkar (2007), o **intra-empreendedorismo** relaciona-se com empreendedores que operam com sucesso no seio de uma organização já constituída, desenvolvendo estratégias inovadoras. De acordo com este autor, mas citando Kanter (1990), esta forma de empreendedorismo é essencial para a sobrevivência de uma empresa. Existe ainda o termo **endoempreendedor**, que diz respeito ao individuo que tem uma ideia de negócio dentro de uma organização e é incentivado a montar uma empresa no seio da própria empresa para prestar serviços à mesma. Relativamente ao

empreendedorismo social, segundo o mesmo autor, está relacionado com os impactos mais alargados que o empreendedorismo pode ter na sociedade, uma vez que os empreendedores sociais são indivíduos que têm soluções inovadoras para os vários problemas sociais, gerando mudanças de larga escala. Podemos então diferenciar os empreendedores nos negócios, que transformam a economia criando novos serviços, e os empreendedores sociais, que, embora muitas vezes partilhando das mesmas qualidades/características que os anteriores, realizam atividades que geram mudanças sociais (Sarkar, 2007).

Depois de uma breve incursão sobre os vários tipos de empreendedorismo, importa referir que há autores que consideram, por exemplo, que o conceito de empreendedorismo é abordado segundo dois pontos de vista: o ponto de vista dos economistas e o dos não economistas (Trigo, 2003). Nesta linha de pensamento, e uma vez que a presente investigação se foca sobretudo na perspetiva comportamental que o empreendedorismo promove, é apresentado de seguida o enquadramento teórico que define o empreendedorismo numa perspetiva económica e numa perspetiva comportamental.

2.1.1 Empreendedorismo numa perspetiva económica

O conceito de empreendedorismo encontra-se presente, ainda que nem sempre de forma direta, no desenvolvimento do corpo teórico da ciência económica (Brollo, 2006). São identificados como os precursores da teoria económica (Cantillon, 1755) e os principais autores que contribuíram para o pensamento económico e que podem ser considerados pioneiros das atuais escolas de pensamento económico em matéria de empreendedorismo. (Say, 1861; Schumpeter, 1934; Marshall, 1982; Mill, 1986; Smith, 2008).

Uma das primeiras definições de empreendedor foi dada por Cantillon, em 1755, um importante escritor e economista de origem irlandesa, que viveu em Paris no século XVIII. Aproveitando a revolução industrial, procurava nichos de mercado para fazer bons investimentos. Ele via o empreendedor como aquele que comprava matéria-prima (geralmente produto agrícola) por preço certo para vender por preço incerto (Sorensen e Chang, 2006).

Por volta de 1803, surge Jean Batist Say, autor que define o empreendedor como o responsável por reunir todos os fatores de produção e descobrir no valor dos produtos a reorganização de todo capital que ele emprega. Apresentou alguns requisitos necessários para ser empreendedor, tais como: julgamento, perseverança e um conhecimento sobre o mundo, assim como sobre os negócios. (Friedlaender, 2012)

Entre vários investigadores influentes, é consensual o facto de Schumpeter (1911 - 1985) ser considerado aquele que edificou as principais bases económicas do empreendedorismo. Nos anos trinta, este economista, nascido em Viena mas emigrado para *Harvard*, publicou o livro “Teoria do Desenvolvimento Económico”, baseado na premissa que o sistema económico de oferta e procura

encontra-se em situação de equilíbrio e que o empreendedor deverá romper esse equilíbrio através da inovação. Essa visão de empreendedorismo atribui à inovação o papel de motor da economia. Já nos anos quarenta, Schumpeter estendeu o conceito de empreendedorismo ao que chamou a destruição criativa, onde evidenciou o papel do empreendedor enquanto agente responsável pela introdução de novas combinações produtivas, contribuindo, deste modo, para a substituição de produtos e processos menos eficientes e mais caros. O empreendedor não somente tem um papel central no avanço e progresso da economia e da sociedade, como aciona o desenvolvimento da vida empresarial, através da substituição das empresas existentes por novas organizações mais capazes de aproveitar a inovação (Schumpeter, 1934; Goulart et al., 2011). Não só associou os empreendedores à inovação, como também realçou a sua importância na promoção do desenvolvimento, por criarem novos produtos e explorarem novos mercados.

Segundo Goulart et al. (2011) assim como Schumpeter, (Higgins, 1959; Baumol, 1968; Clark, 1899; Leibenstein, 1978) relacionavam empreendedorismo com a inovação, outros economistas como (Smith, 1776; Mill, 1848; Knight, 1921; Innis, 1930; Baumol, 1968; Leff, 1978; Kent, Sexton & Vesper, 1982) estavam interessados em compreender o papel do empreendedor como motor do sistema económico. Eles viam os empreendedores como pessoas que detetavam oportunidades de negócios (Higgins, 1959; Penderose, 1959; Kirzner, 1976), pessoas que corriam riscos (Leibenstein, 1968; Kihlstrom & Lafont, 1979; Buchanan & Di Piero, 1980).

Estes primeiros estudos sobre empreendedorismo visavam na sua generalidade estudar o “porquê” de alguns indivíduos se dedicarem a criar empresas e a influência que esse fenómeno tinha na economia. A pouco e pouco, no entanto, a questão central passou a ser o “quem”: quem são os empreendedores e que características os distinguem da restante população. Chegava o estudo dos “traços” ou do perfil do empreendedor, analisado a seguir (Gaspar, 2006).

2.1.2 Empreendedorismo numa perspetiva comportamental

Na literatura facilmente se encontra uma corrente de pensadores que enfatizam os aspetos comportamentais, como a criatividade e a intuição para tentar entender o que leva uma pessoa a empreender. Entre os comportamentalistas (maioritariamente psicólogos e sociólogos) destacam-se Weber, McClelland (1967), Miner (1998), Timmons (1989), Fillion (1991) entre outros. Os comportamentalistas consideram o empreendedor como o ator principal do desenvolvimento social e económico. Assim, estudam os traços pessoais e atitudes do empreendedor na tentativa de encontrar a motivação do empreendedorismo.

Nesta corrente, destaca-se McClelland, o autor que impulsionou o estudo do empreendedorismo numa perspetiva das ciências do comportamento evidenciando suas características psicológicas. O estudo dessas características permitiu ao autor traçar um perfil do empreendedor. Tal perfil caracteriza o empreendedor como autónomo, com espírito de iniciativa, intuição e amor pelo seu

trabalho, procurando continuamente a sua realização profissional e pessoal. Além disso, é um indivíduo que, por relacionar-se sempre com novidades, evolui através de um processo iterativo de tentativa e erro, avançando através das descobertas que realiza. Em suma, McClelland define o empreendedor como sendo uma pessoa que ambiciona o sucesso (*need for achievement*) e, para tal, é capaz de assumir os riscos inerentes. (Rosário, 2007).

Para McClelland, a motivação constitui o principal combustível do motor empreendedor, sendo essa fundamentada em três necessidades básicas do ser humano:

Necessidade de realização

- O indivíduo procura de forma constante a superação de seus limites. Essa constitui a primeira necessidade encontrada entre empreendedores de sucesso.

Necessidade de afiliação

- O indivíduo mostra-se interessado em estabelecer, manter ou restabelecer relações emocionais positivas com demais pessoas. Essa necessidade apresenta como indicadores comportamentais o estabelecimento de relações de amizade, preocupação com o bem estar das pessoas no seu ambiente de trabalho e desejo de integrar um grupo.

Necessidade de poder

- O indivíduo centra-se em exercer autoridade sobre os outros. Essa necessidade pode ser identificada pela observação dos seguintes comportamentos: capacidade de despertar reações de caráter emocional nas demais pessoas, habilidade para executar tarefas, pressupõe exercício de comando, preocupação com a posição social e reputação.

Figura 2: As três necessidades básicas do ser humano e, por sua vez, do empreendedor, segundo McClelland.

Fonte: Macêdo et al (2009)

As pesquisas de McClelland foram, nesse sentido, uma tentativa de identificar as motivações do empreendedor, verificando-se a ocorrência de uma correlação positiva entre a necessidade de realização e atividade empreendedora. McClelland defende que uma sociedade que tenha um nível elevado de realização, produzirá um maior número de empresários ativos, os quais darão origem a um desenvolvimento econômico mais rápido. Mais tarde, já em 1997, na continuação da sua investigação, McClelland viria a identificar a pró-atividade, a orientação por objetivos e o respeito pelos outros como características que distinguem os empreendedores das outras pessoas (Macêdo et al., 2009).

Depois de McClelland progressivamente, foram surgindo outros investigadores (Eysenk, 1967; Lynn, 1969; Kirzner, 1979; Kets de Vries, 1985; Lorrain e Dussault, 1988; Fillion, 1990) que se debruçaram sobre o estudo do comportamento empreendedor, procurando identificar os atributos ou as características que distinguem os empreendedores da restante população (Paulino e Rossi, 2003).

Se os empreendedores são pessoas que criam riqueza, a sociedade deve estar apta a identificá-los, reconhecê-los e apoiá-los. Por essa razão, revela-se oportuno perceber, segundo os

autores atuais, quais são as características, habilidades, atitudes, traços de personalidade que definem o perfil empreendedor.

2.1.2.1 O Empreendedor e as suas características

Uma das linhas de investigação que a literatura publicada mais desenvolve assenta na figura do Empreendedor, na tentativa de identificar as características pessoais e comportamentais dos empreendedores de sucesso.

Kirzner (1979) defende o conceito *entrepreneurial alertness* - “consciência empreendedora” que consiste na competência ou capacidade de identificar numa oportunidade sem que se a tenha procurado ou que anteriormente se tenha negligenciado e, a “propensão do indivíduo de formular imagens do futuro”. Ao contrário da maioria dos atores do mercado, que aceitam a informação que lhes é dada tal como está, os indivíduos com “consciência empreendedora” assumem um comportamento de interrogação em relação à informação e de procura de mudanças.

Por outro lado, (Timmons, 1989), identificou no indivíduo empreendedor as seguintes ações empreendedoras:

Pensamentos e ações empreendedoras
Comprometimento total, determinação e perseverança
Direcionamento para realização e crescimento
Orientação para oportunidades e metas
Iniciativa e responsabilidade pessoal
Persistência na solução de problemas
Verdadeiramente consciente e com sentido de humor
Pesquisa e usa feedback
Tolerância à ambiguidade, incerteza e <i>stress</i>
Assume riscos calculados
Integridade e confiança
Decisor rápido, sentido de urgência e paciência
Capacidade de lidar com falhas
Formador de equipas e construtor de talentos

Tabela 2: Pensamentos e ações empreendedoras, segundo (Timmons, 1989).

Já Fillion (1997) defende que o empreendedor é um ser dotado de visão, de ideias que pretende realizar no futuro. Mais tarde, apresenta o termo “*empreendedologia*” para definir a disciplina que pesquisa a temática e que se destina à Investigação, por oposição à disciplina de empreendedorismo destinada aos seus praticantes.

Por outro lado, (Miner, 1998) conclui que existem quatro estilos de empreendedores, a saber:

- **Realizador**

São empreendedores clássicos que dedicam a maior parte de seu tempo ao empreendimento. Apresentam o hábito de planejar e estabelecer metas. Atuam com iniciativa e compromisso, resolvendo problemas, contornando crises, tentando ser eficientes e eficazes.

- **Super vendedor**

Apresentam sensibilidade em relação às restantes pessoas. Priorizam as vendas, por julgá-las elemento essencial para o sucesso de seus negócios.

- **Autentico Gestor**

Assumem responsabilidades e alcançam sucesso em cargos de liderança nas empresas. São competitivos, decididos e atraídos pelo poder. Com frequência, saem de grandes empresas para iniciar o seu empreendimento.

- **Criativo**

Inventores natos criam novos produtos, encontram novos nichos, desenvolvem novos processos procurando sempre ultrapassar a concorrência. Sentem-se fortemente atraídos para o mundo das ideias e costumam assumir riscos. Normalmente, envolvem-se em projetos de alta tecnologia.

Miner (1998) afirma que os empreendedores que apresentam os quatro tipos tenderão a ser mais bem sucedidos nos seus projetos. No entanto, caso um empreendedor possua apenas um dos estilos, deverá atuar no ramo que melhor se identifica com o seu perfil.

Na mesma linha de pensamento de McClelland (1961) e Miner (1998), Timmons (1989) centraliza os seus estudos acerca do empreendedorismo na iniciativa e comportamento pró-ativo do empreendedor.

Segundo Tapia e Ferreira (2011: 10), “ser empreendedor resulta fundamentalmente de um conjunto de atitudes e comportamentos que são acessíveis a qualquer pessoa, em qualquer contexto, independentemente da sua origem, qualificações ou recursos”. Não obstante, as condições contextuais exercem uma importante influência. Pode então afirmar-se que, o indivíduo não nasce empreendedor, mas pode tornar-se empreendedor.

Como já foi referido, um empreendedor é corajoso, arrisca, cria e inova, é persistente e pró-ativo, mobiliza, ousa, é um visionário. Num contexto de acelerada mudança em vários segmentos da sociedade, o empreendedor tem de ser um estratega, que planeia, age, avalia, corrige, voltando novamente a planejar, a agir, a avaliar e a corrigir. É um ator que está constantemente em ação. São estas condições que definem os elementos cruciais do empreendedorismo: as atitudes, as habilidades e as ações. Por sua vez, estes elementos determinam a criação de novas empresas, o alcance de novos mercados e o surgimento de inovações (Teixeira, 2012).

2.2 Empreendedor e “Capital Humano”: dois conceitos que se interseitam

Após uma breve abordagem ao fenómeno do Empreendedorismo e ao foco atribuído ao comportamento, atitudes e características do empreendedor, foi interessante notar na literatura que, paralelamente, os critérios de empregabilidade estão mais exigentes, seletivos, valorizando cada vez mais o “capital humano” do trabalhador.

De seguida são apresentadas diferentes perspetivas sobre a importância do capital humano no desempenho produtivo de uma empresa, sublinhando-se de que forma o conceito de “capital humano” se interseita com a figura do empreendedor, em virtude da valorização do indivíduo e da sua carreira profissional.

2.2.1 O “capital humano” como elemento estratégico na Economia do Conhecimento

Este conceito ganha força numa economia mundial em constante mudança e numa sociedade globalizada, apetrechada pela tecnologia que, por sua vez facilita e preconiza o acesso à informação e a produção de conhecimento. Atualmente é consensual que a criação do conhecimento é a principal fonte de competitividade internacional. Drucker (1994) argumenta que, na nova economia, o conhecimento não é apenas mais um recurso, ao lado dos tradicionais fatores de produção, trabalho, capital e terra, mas sim o único recurso significativo. Toffler (1990) corrobora essa afirmação, afirmando que o conhecimento é a fonte de poder da mais alta qualidade e a chave para a futura mudança de poder.

Compreender as atuais transformações é condição fundamental para permanecer “como ator no palco económico da história mundial. Saber ler os novos paradigmas e responder com eficiência e eficácia aos seus desafios é essencial” (Ponchirolli, 2000).

Segundo Davenport (2001), “a expressão capital humano surgiu pela primeira vez em 1961, num artigo da *American Economic Review* intitulado *Investment in Human Capital*. O autor era Theodore Schultz, um Nobel de Economia. Desde então, os economistas adicionaram muitos termos ao conceito de “capital humano”. O mesmo autor refere que o capital humano abrange “capacidade, experiência e conhecimento” embora, Gary Becker, outro economista de sucesso, acrescente a “personalidade, aparência, reputação e credenciais” e para Richard Crawford, autor do livro “A Era do Capital Humano”, o capital humano materializa-se em pessoas instruídas e capacitadas.

Ponchirolli (2000) defende que os seres humanos, no seu emprego, não são apenas pessoas que movimentam ativos – eles próprios são ativos dinâmicos que podem ter o seu valor aumentado com o tempo. Acrescenta ainda que “os sistemas criados para recrutá-los, recompensá-los e desenvolvê-los

formam uma parte principal do valor de qualquer empresa – tanto quanto ou mais do que outros ativos, como dinheiro, terras, equipamentos, propriedade intelectual”.

De facto, na literatura assiste-se a uma crescente corrente de autores que apontam para a parte humana como o principal ativo capaz de acompanhar a constante mutação dos paradigmas empresariais, económicos e da empregabilidade. O empreendedor, dotado de visão, sentido de oportunidade, inovação, criatividade e necessidade de realização – (que são apontadas pela revisão de literatura como sendo as características do empreendedor) – possui as características do capital humano desejável numa empresa.

Constata-se portanto, que no mundo empresarial atual, algumas “características pessoais” passam a assumir cada vez mais importância, em detrimento dos saberes profissionais onde se exige o “ser-se” flexível. Assiste-se a um processo de redimensionamento das qualidades/caraterísticas pessoais, sendo hoje vistas de outra forma e tendo outra funcionalidade. A disciplina, por exemplo, refere-se hoje menos ao cumprimento de ordens superiores, normas e horários (apesar de ainda persistir esse aspeto, principalmente, para as categorias menos qualificadas). Visa mais o compromisso com a redução de problemas e ineficiências na produção, ou o compromisso com a execução dos lotes de fabricação definidos.

2.2.2 O novo paradigma de empregabilidade em que vivemos

A noção de emprego no contexto da economia tradicional significava para a maioria das pessoas, estabilidade contratual, estabilidade financeira e um projeto de vida. Até o final dos anos 70 o modelo económico-social baseou-se na economia surgida do advento do capitalismo e apoiada no Estado Social e nas grandes empresas. Numa abordagem *taylorista/fordista* da divisão do trabalho, prevalecia a relação patrão versus empregados em que o patrão comandava e os empregados eram comandados. O trabalhador isolado no posto de trabalho era um mero executor de tarefas, um cumpridor de ordens e desprovido de qualquer espaço para iniciativas, criação, inovação ou aventura. O objetivo era tornar o trabalhador mais produtivo, mais competente e perfeitamente em harmonia com os objetivos empresariais de produtividade, anulando o espaço do empreendedor (Cardoso, 2009)

A partir dos anos 80, com a disseminação das novas tecnologias de informação e comunicação e a aplicação intensiva do conhecimento às formas de produção, os níveis de produtividade aumentam drasticamente, favorecendo o aumento da produção e a concomitante redução de postos de trabalho.

Face à crescente incerteza, instabilidade e precariedade que caracteriza o mercado de emprego, o debate sobre a empregabilidade tem estado no centro das preocupações políticas (Gonçalves et al., 2006; Marques, 2007; Alves, 2008; Gonçalves, 2010).

Rodrigues e Ribeiro (2001), em análise às tendências atuais do mercado de trabalho, referem que cada vez mais se recorre à “produção numa cadeia de valor acrescentado organizada em rede(s) à escala global, recorrendo extensivamente ao *outsourcing* e à subcontratação nessa rede” e à “produção,

com cada vez maiores elementos de funcionamento em paralelo, em contraste com a produção sequencial, típica da produção de massa em cadeia”, práticas que comprometem de facto as oportunidades de emprego e de carreira.

De acordo com Angeloni e Dazzi (2003), o processo de globalização, cada vez mais acelerado, sugere mudanças incompatíveis com a estabilidade de emprego. O desemprego passa a ser o grande desafio da sociedade, dos governos e dos dirigentes do mundo moderno.

Começa a ganhar força o conceito de economia empreendedora, fazendo emergir novas tendências de trabalho e um novo tipo de trabalhador, criativo, inovador, educado para as mudanças constantes do mercado de trabalho.

Cada vez mais as empresas traçam perfis de exigência básica para contratação, sendo frequentemente requeridos atributos de comportamento e não somente de especialização técnica, como a criatividade e iniciativa, a capacidade de tomada de decisão, de assumir riscos, suportar condições de pressão entre outros (Cardoso, 2009).

É neste novo cenário socioeconómico, que o tema empreendedorismo e valorização do capital humano de uma empresa vem sendo largamente discutido a nível mundial como sendo uma alternativa viável no combate aos elevados índices de desemprego e como medida para contrariar a recessão económica que atualmente se vive.

O profissional deve ter em mente que mais importante do que saber fazer, é criar o que fazer, é conhecer a cadeia económica, o ciclo produtivo, entender do negócio, saber transformar necessidades em técnicas, transformar conhecimento em riqueza (Paim, 2001).

Os autores Rodrigues e Ribeiro (2001) preveem um crescimento acelerado de um conjunto de setores de serviços associados ao conhecimento, informação e criatividade, valorizando-se organizações flexíveis, com capacidade de abstração, análise e criatividade individual, exigindo do trabalhador maiores qualificações e perfis comportamentais adequados. Segundo Dolabela (1999), há uma preocupação em recrutar profissionais qualificados capazes de contribuir para o desenvolvimento organizacional num contexto empresarial de extrema competitividade, por esta razão, exige-se, mesmo para aqueles que vão ser empregados, um alto grau de empreendedorismo.

Deste modo, exige-se das escolas e centros de formação, segundo Rodrigues e Ribeiro (2011) “a necessidade de assegurar maior êxito na transição da escola para o emprego e para a aprendizagem futura, dotando os jovens de conhecimentos, competências e comportamentos que promovam um contacto mais próximo da vida profissional”. Este aspeto revela-se fundamental nas “economias baseadas no conhecimento» e nas «Sociedades preparadas para a aprendizagem” uma vez que, segundo os autores “nas próximas décadas vai desenvolver-se um contexto demográfico que levanta importantes interrogações”.

No caso português, à semelhança da realidade europeia, prevê-se que serão menos os jovens a chegar ao mercado de trabalho, a força de trabalho “amadurecerá” em termos etários e as sociedades envelhecerão (com aumento da população de idades superiores aos 60 anos). Portanto, com a

população jovem em retração, precisamente aquela que tem maior capacidade de aprendizagem e de acompanhamento de novos conhecimentos e tecnologias revela-se necessário criar um referencial das competências básicas que todos devem possuir, estimulando a formação, competitividade das empresas e a defesa do emprego.

2.3 Transição dos jovens estudantes para o mercado de trabalho: uma dificuldade crescente

Nos últimos anos, os jovens enfrentam importantes mudanças no processo de transição da escola para o mercado de trabalho. É indiscutível que a inserção profissional tem vindo a apresentar-se uma realidade complexa e ao mesmo tempo configura um problema social que assume uma visibilidade progressiva à custa das elevadas taxas de desemprego registadas (a taxa de desemprego jovem em Portugal é das mais elevadas, conforme dados do INE), do tempo de espera até à obtenção do 1º emprego, da menor correspondência do título académico aos requisitos/funções a desempenharem em contexto de trabalho, entre outros aspetos (Marques, 2007).

Para Chaves (2009), os jovens em transição para o mercado de trabalho, estão *lost in transition*. Os jovens que não conseguem um emprego após a conclusão do seu ciclo de estudo são considerados “desempregados de longa duração”, aumentando as dificuldades de reinserção no mercado de trabalho, estando não só privados da fonte de rendimentos, mas igualmente de um dos vínculos mais importantes de ligação à sociedade e à rede de relações interpessoais que o emprego proporciona, empurrando-os para um processo de exclusão social.

Segundo Rodrigues et al. (1999), o processo de exclusão social é caracterizado por uma rutura assente em fragilidades incorporadas nos diversos *handicaps*: exclusão do mercado de trabalho ou precariedade de inserção no mesmo, baixos níveis de rendimentos, baixa escolarização e reduzidas qualificações, fraca participação social e política, entre outros.

Gonçalves et al. (2006) afirmam que “o desemprego, além de gerar mal-estar individual e social, gera pobreza e anomia das sociedades”. Já Capucha (1998) considera o desemprego de longa duração, o “desemprego de exclusão”, que empurra os indivíduos para situações precárias de emprego em setores informais e marginais da economia”, condicionando inevitavelmente a qualidade do capital humano, já que as qualificações escolares ocupam um papel central e estratégico no funcionamento e desenvolvimento das “economias baseadas no conhecimento” e nas “Sociedades preparadas para a aprendizagem”.

Pelos autores mencionados percebe-se que o debate sobre a “inserção profissional” tem conhecido um renovado interesse dos responsáveis pelas políticas educativas e de emprego, especialistas e investigadores, empregadores, famílias e sociedade em geral, conduzindo à análise dos

fatores de empregabilidade no nosso país, refletindo sobre o papel e responsabilidade das escolas, as suas relações com o mercado de trabalho e as expectativas das entidades empregadoras.

Quintão et al. (1999) refere o seguinte:

«No estudo “Relações entre a escola e o mercado de emprego envolvente”, destaca-se uma falta de articulação entre as competências promovidas na escola e as requeridas pelo sistema económico e social, o que se traduz em desajustamentos entre a oferta e procura de formação no sistema de ensino.»

Deparando-se com jovens perdidos na transição da escola para o mercado de trabalho, o estudo de Quintão et al. (1999) propõe orientações, medidas e procedimentos que façam a ponte entre a escola e o mercado de emprego, de forma a favorecer e consolidar a contínua evolução das aprendizagens associadas à valorização do trabalho e da empregabilidade.

Mais uma vez é atribuído à escola o papel que vise garantir que os participantes na vida ativa sejam simultaneamente os seus interventores diretos. É urgente que se preparem os jovens para que possam projetar os seus “futuros profissionais possíveis” através da capacidade de formulação de estratégias de inserção profissional que passam, cada vez mais, pela aprendizagem contínua em áreas afins e, inclusive, pelo conhecimento de técnicas de procura de emprego, pela criação do próprio emprego/ empresa, designadamente pelo empreendedorismo, entre outras ações. Na verdade, o que está aqui em causa é a capacidade de o jovem ser autor da sua carreira, do seu emprego/ empresa, do seu projeto de vida em geral (Marques, 2007).

Os jovens que efetuam esta transição têm enfrentado dificuldades, não só porque o emprego escasseia, mas também porque a escola nem sempre os consegue apoiar devidamente (Hoyt, 1985; 1995, citado por Santos, 2001), quer porque não possui um projeto educativo adequado, quer porque não tem ao dispor dos seus alunos uma plataforma de apoio à gestão e desenvolvimento da carreira (Mendes, 2007).

Ao tomarmos como referencial esta inadaptação a que os sistemas escolares parecem estar votados diante das condições atuais do mercado de trabalho e tendo consciência do hiato entre o que o sistema escolar oferece aos estudantes no contexto atual e as características exigidas pelo mercado de trabalho, a presente investigação foca-se na problemática da educação para o empreendedorismo, como forma de despertar os alunos e comunidade escolar para a consciência empreendedora, de valorização do capital humano, no fundo, para a valorização e desenvolvimento das capacidades pessoais no sentido de os melhor preparar para o novo paradigma de empregabilidade que vivemos, para que possam ser atores interventivos do seu percurso profissional de sucesso.

2.4 Educação para o Empreendedorismo: Como?

A Estratégia Europa 2020 estabelece como uma das prioridades “adequar o sistema educativo ao quadro europeu e nacional de qualificações, orientando melhor a aprendizagem para as necessidades do mercado de trabalho; ... orientar os currículos escolares para a criatividade, inovação e empreendedorismo; promover o empreendedorismo, aprendizagem profissional, estágios ou outras experiências laborais, bem como os serviços de orientação e aconselhamento; promover o reconhecimento da aprendizagem não formal e informal” (Coelho e Neves, 2010).

De acordo com a Estratégia de Educação e Formação da Comissão Europeia, *“Rethinking education: investing in skills for better socio-economic outcomes”*, de novembro de 2012, as orientações para os países membro são claras: “Deve ser dispensada especial atenção ao desenvolvimento das competências empresariais, porque não só contribuem para a criação de novas empresas, como também para a empregabilidade dos jovens. Os Estados-Membros devem **promover as competências empresariais por meio de formas novas e criativas de ensino e aprendizagem a partir da escola primária, associando a esse esforço uma ênfase, desde o ensino secundário ao ensino superior, na oportunidade de criação de empresas como uma opção de carreira.**”

Esta estratégia encontra-se em discussão pública e é o tempo de discutir o papel da educação e da formação, no sentido de permitir uma ampla base de conhecimentos, aptidões e competências que promova o talento e a criatividade durante toda a vida - incluindo educação formal e informal - (Coelho e Neves, 2010).

De acordo com os dados do GEM⁴ 2010, relativamente a Portugal refere o seguinte:

“Na condição estrutural Educação e Formação, o papel das entidades do ensino superior no aumento do nível da educação em negócios e gestão foi considerado um dos aspetos mais positivos por parte dos especialistas nacionais. Por **outro lado, a pouca atenção dada ao empreendedorismo no ensino primário e secundário foi apontada como um dos aspetos menos favoráveis** no âmbito desta condição estrutural.”

Este aspeto mostra que o sistema educativo português tem-se revelado insuficiente na promoção da cultura empreendedora junto dos alunos do ensino primário e secundário, embora, no ensino superior, tenha vindo a ganhar alguma expressão positiva.

Para reforçar ainda mais a importância do ensino do empreendedorismo, a Comissão Europeia apresentou em janeiro de 2013 um plano de ação designado por «EMPREENDEADORISMO 2020», cujo objetivo é regular a linha de atuação dos países membros para «Relançar o espírito empresarial na

⁴ *Global Entrepreneurship Monitor* - o maior estudo independente de empreendedorismo realizado em todo o mundo que tem como objectivo analisar a relação entre o nível de empreendedorismo e o nível de crescimento económico, bem como determinar as condições que estimulam e travam as dinâmicas empreendedoras em cada país participante. São cerca de 59 países avaliados em 2010. [acedido a 21 de maio de 2013]

Europa». Uma das metas apresentadas passa **por incluir o ensino e a prática do empreendedorismo nos programas escolares (os jovens deveriam ter, pelo menos, uma experiência prática de empreendedorismo antes de terminarem o ensino secundário)**. No documento podemos ler *“Investing in entrepreneurship education is one of the highest return investments Europe can make”*⁵.

Portanto, são evidentes as orientações europeias para que a promoção do empreendedorismo aconteça nas escolas. É importante salientar que este enfoque não é de agora. Já em 2001, o relatório do Conselho “Educação” para o Conselho Europeu considerava a Educação para o Empreendedorismo como uma área-chave de intervenção estrutural. Em 2005, a estratégia da Comissão Europeia, volta a reforçar as “Competências-Chave de Aprendizagem ao Longo da Vida” (EC, 2005), onde se reconhecia a educação e a formação para o desenvolvimento do espírito empreendedor como fatores determinantes para o desenvolvimento económico e cultural em toda a Europa.

Por ter sido ultrapassada a ideia de que se nasce empreendedor, prevalecendo a noção de que é possível treinar as diferentes dimensões da atitude empreendedora, entende-se que o empreendedorismo pode e deve ser promovido através de uma cultura empreendedora, desempenhando a educação um papel fundamental (Naia, 2009; Cabral, 2012).

Para melhor perceber o que está envolvido na educação para o empreendedorismo, no «Guião de Educação para o Empreendedorismo», distribuído em 2006 pela Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, é apresentado a seguinte tabela:

Educação para o empreendedorismo É:	Educação para o empreendedorismo NÃO É:
<ul style="list-style-type: none">• Ensino transversal para a vida• Centrado na ação• Focalizado no processo e nos resultados• Coerente e constante• Integrado multidisciplinarmente• Contextualizado• Autoconstruído pelos/as alunos/as	<ul style="list-style-type: none">• Ensino de gestão empresarial• Centrado nos saberes• Focalizado nas tarefas• Esporádico e inconstante• Isolado disciplinarmente• Descontextualizado• “Fornecido” pelos agentes de ensino

Tabela 3: O conceito associado à Educação para o Empreendedorismo.

Fonte: Ministério da Educação. DGIDC (2006:19)

⁵ Fonte <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2012:0795:FIN:en:PDF> [acedido a 7 de maio de 2013]

2.4.1 Metodologias e estratégias na Educação para o Empreendedorismo

A literatura sobre estratégias para educar para o empreendedorismo é diversa, com posições confluentes e divergentes, no seio das quais se defendem práticas pedagógicas que variam desde conferências, aulas expositivas, discussões de grupo e em sala de aula, plano de negócios, dinâmicas de grupo, simulações etc.

Tan e Ng (2006) apresentam reflexões interessantes comparando os diferentes programas de educação para o empreendedorismo. Segundo os autores, os programas com maior sucesso são os que adotam a abordagem *learning-by-doing*. Para estes autores, é vantajoso sair do contexto de sala de aula e da maneira tradicional de ensino para atividades no exterior, envolvendo, por exemplo, a criação e desenvolvimento de pequenos negócios no recinto escolar, parcerias com empresas locais, entre outros (Cabral, 2012).

Santos et al. (2009) reforçam a mesma ideia, ao distinguirem «abordagem tradicional» de «abordagem empreendedora». Na primeira, o professor ensina o aluno, sendo este um elemento passivo no processo. A segunda abordagem, foca a aprendizagem ativa do aluno, sendo este responsável pelo seu processo de aprendizagem.

Verifica-se que a educação para o empreendedorismo não se limita à educação para a criação de empresas ou para o autoemprego (embora se pretenda que tenham essa visão). Como tal, pode abranger os vários ciclos de ensino e não apenas o secundário. Neste âmbito, a educação para o empreendedorismo deve ser entendida enquanto experiência prática na qual são protagonistas os saberes escolares adquiridos. Apresenta-se, por isso, como mobilizadora de saberes nucleares e transversais.

Henrique e Cunha (2008) são críticos da educação tradicional, centrada numa didática e métodos que focalizam principalmente teorias que, consideram impróprias para o ensino de empreendedorismo.

Um posicionamento interessante, que alia métodos didáticos, teóricos e práticos, é colocado por Hynes (1996). Segundo o autor, a educação empreendedora incorpora métodos formais e informais. Os aspetos formais têm a função de prover aos alunos teorias e conceitos que darão suporte ao campo do empreendedorismo. A parte de contextualização teórica pode advir de palestras e sugestões de leituras, nos quais o professor age como um moderador. Os aspetos informais, então, têm a função de complementar e integrar-se com os aspetos formais, com foco em construção de habilidades, desenvolvimento de atributos (qualidades) e mudança de comportamento. Para se alcançar esse objetivo, os métodos didáticos mais apropriados, indicados pelo autor, são: estudo de casos, visita a empresas, *brainstorming*, projetos desenvolvidos em grupos, simulações etc. Deste modo, os alunos têm a possibilidade de aplicar as teorias aprendidas na prática do mercado ou, pelo menos visualizá-las na prática – com o professor atuando como um guia no contexto deste processo.

Segundo David et al. (2001) o segredo de uma didática empreendedora e do ensino do empreendedorismo está na aplicação de diversos métodos e técnicas na dosagem que leve aos objetivos que se desejam atingir.

Bíscaro (1994) define métodos que podem ser aplicados por categorias:

- **Método concetual** - aprender pela teoria através de debates, palestras, entrevistas por parte do professor ou dos alunos e material impresso.
- **Método simulado** - a estratégia é *aprender fazendo*, por imitação da realidade através de jogos, dramatizações, jogos de empresas e estudos de casos.

O guião de Educação para o Empreendedorismo (2006) preconiza que a Educação para o Empreendedorismo deve recorrer a abordagens metodológicas participativas, uma vez que são potenciadoras das competências-chave e do espírito empreendedor.

Como se percebe, as características do ensino de empreendedorismo são distintas dos princípios tradicionais de educação, ou tendem a complementar o ensino tradicional (Hynes, 1996). As atividades mais importantes nesse processo, salientadas também por Dolabela (1999) são: solucionar problemas; trabalhar sob pressão; interagir com os pares e outras pessoas dentro e fora da escola; decidir sob pressão; aproveitar oportunidades; copiar outros empreendedores; e aprender pelos próprios erros e pelo *feedback* dos clientes. Em suma, é uma área em que se podem cometer erros (pequenos), porque há liberdade, há situações de aprendizagem flexíveis.

Outra corrente é o **interacionismo**, que permite aos alunos a construção de seus próprios conhecimentos. Esta corrente é sustentada por Bizzotto e Dalfovo (2001) como abordagem para promover a educação para o empreendedorismo nas escolas. Nesta abordagem, a participação do aluno é ativa no processo de aprendizagem que passa a ser feito por meio da interação entre os outros alunos e com o professor e respetivas redes de contatos e vivências. Esta interação acaba por construir o conhecimento, evoluindo-o para um novo patamar, o que causará a descentralização do processo de aprendizagem. Os autores são categóricos ao afirmar que o ensino do empreendedorismo “não pode ser feito de forma tradicional, a debitar conteúdos”. É preciso que o aluno construa seu conhecimento a partir das suas vivências e da troca de experiências em sala de aula e fora dela.

Metodologia “Aprender-Fazendo”

De acordo estratégias/metodologias apresentadas na literatura como opção válida para o fomento da educação para o empreendedorismo nas escolas, a presente investigação posiciona-se na metodologia *learning by doing*, em português, “aprender fazendo”.

Este conceito “aprender fazendo” implica a capacidade de tomar decisões, de executar e de errar. O principal obstáculo para os alunos não são os seus erros mas antes a forma como lidam com eles, numa lógica de correção imediata, não compreensiva. Muitos autores (ex. Piaget, 1963)

consideram o erro uma importante fonte de desenvolvimento pelo desequilíbrio que suscita no aluno, originando o conflito cognitivo, e pelo incentivo que provoca em relação à procura de soluções que permitam superar, individualmente ou com apoio do outro, o problema que inicialmente provocou a desestabilização.

O “aprender fazendo” consubstancia-se em projetos práticos e reais que são muito atrativos para os alunos pois, por um lado, poderão intervir na sua própria realidade, respondendo aos seus problemas e aos dos outros de forma ativa, e por outro lado, permitem perceber a relação entre as ações e os seus resultados e entre os conhecimentos escolares e a vida social, por via da construção e da transferência de saberes. Esta transferência de conhecimentos não é automática, adquire-se por meio do exercício e de uma prática reflexiva, em situações que possibilitam mobilizar saberes, transpô-los, combiná-los, inventar uma estratégia original a partir de recursos que não a contêm e não a ditam.

O “aprender fazendo” implica que o aluno seja o ator principal na sua aprendizagem ao longo da vida. Espera-se que ele próprio seja capaz de definir o seu método de estudo e pesquisa no seu processo de autoaprendizagem e produção de conhecimento.

2.4.2 O papel do professor

Na sociedade atual, não é possível permanecer inerte às modificações que estão a ocorrer com tanta rapidez. O professor deve acompanhar esta evolução modificando a maneira como transmite seu conhecimento, para que não sejam apenas informações mecânicas dos saberes. Há necessidade do educador se tornar reflexivo, ensinar os seus alunos a aprenderem a aprender; a investigarem; a entenderem, definirem e encontrarem soluções para os problemas; a desenvolverem o sentido crítico, avaliando as situações sob várias perspectivas (Friedlaender, 2012).

Alarcão (1996) defende que os professores devem adotar uma “perspetiva de promoção do estatuto da profissão docente, os professores têm de ser agentes ativos do seu próprio desenvolvimento e do funcionamento das escolas como organização ao serviço do grande projeto social que é a formação dos educandos”.

Atualmente, é consensual a exigência que se faz ao papel do professor: que consiga despertar nos seus alunos o sentido da visão (percepção do que há a sua volta), o sentido crítico (seja capaz de avaliar as boas e más oportunidades), as habilidades individuais, o incentivo à pesquisa, ou seja, fomentar a mudança do comportamento passivo do aluno para pró-ativo (Friedlaender, 2012).

Dolabela (1999) no livro *Oficina do Empreendedor*, refere que o papel do professor está diferente: deve criar um ambiente favorável para que o aluno venha a tornar-se um futuro empreendedor. Os alunos passam, cada vez mais, a ser os agentes de produção de conhecimento individualizado, transmitindo na sala de aula os conhecimentos que eles próprios produziram e o professor tem a tarefa de induzir o processo de autoaprendizagem. Neste contexto, a tarefa do professor será apoiar o aluno

na procura e construção do conhecimento, e não a de ensinar, segundo os métodos de ensino convencionais. O papel do professor pode ser visto como o de alguém que provoca o desequilíbrio nas relações do aluno com o mundo, através de perguntas, desafios, questões, e ao mesmo tempo oferece o apoio necessário para que ele, diante de conflitos cognitivos, desenvolva uma ação auto-organizadora do conhecimento.

À luz das Teorias de Aprendizagem, verifica-se que a metodologia “aprender fazendo” que coloca o aluno no centro da sua aprendizagem, enquadra-se no modelo construtivista, em que o professor facilita a aprendizagem, no entanto não a dirige, antes “cria um ambiente que é propício para aprendizagem - mas não a impõe”. O professor tem sobretudo o papel de observador, o foco está no aluno, para que este se eduque/forme com autonomia, capaz de construir conhecimento, de interagir com o meio, com ideias próprias e capaz de criar algo.

Este é o grande desafio para aqueles que se propõem educar para o empreendedorismo: os próprios professores são chamados a tornarem-se empreendedores.

Teixeira (2012), citando Fernando Savater (2006: 66 e 78) fala-nos do «papel sobrecarregado dos professores”, referindo que a família se tem vindo a demitir da sua responsabilidade pela socialização primária. Deste modo, a escola apresenta uma dupla tarefa: desenvolver os aspetos de formação básica e da consciência social e moral das crianças (substituindo a família); e proceder à educação formal que tradicionalmente lhe compete.

Às dificuldades referidas, associa-se a fraca motivação dos alunos, consequente das muitas informações que recebem sem esforço e de forma, muitas vezes, involuntária (através da televisão, da *internet*, ...). O professor deixou de poder usar a curiosidade para despertar nos alunos a motivação para o querer aprender.

Teixeira (2012) citando ainda o autor, termina dizendo que o professor é obrigado a um “empreendedorismo titânico”, que exige dele constante adaptação ao contexto social, laboral, pedagógico e pessoal.

2.5 A educação para o empreendedorismo no Ensino Profissional

A introdução de cursos profissionais nas escolas secundárias surge através do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março, para a reconfiguração do sistema de ensino, melhoria do aproveitamento escolar e maior diversificação da oferta educativa, respondendo desse modo às expectativas de públicos escolares diferenciados e promovendo uma maior igualdade de oportunidades.

É considerada uma modalidade de educação direcionada para a integração no mercado de trabalho, sendo que a sua conclusão permite uma qualificação profissional, atualmente de nível IV, bem

como um diploma de conclusão do 12.º ano de escolaridade, não impedindo o prosseguimento de estudos superiores, mediante o cumprimento dos requisitos.

A formação profissional, diante de tantas mudanças no mundo do trabalho, deve forçar-se sobretudo no formar para a empregabilidade e, não tanto, no formar para o emprego.

Segundo Silva e Cunha (2002), nesta conjuntura, em que a mudança tecnológica é a regra, procurar condições para ancorar a preparação do profissional do futuro requer uma estratégia diferenciada. Para as autoras, o profissional que deverá interagir com máquinas sofisticadas e inteligentes, será um agente no processo de tomada de decisão para além de que o seu valor no mercado será estimado com base no seu dinamismo, na sua criatividade e no seu empreendedorismo. Concluem que só a educação será capaz de preparar as pessoas para enfrentar os desafios dessa nova sociedade.

Os atuais modelos de educação profissional, baseados nos moldes tradicionais devem ser rapidamente reformulados visando o desenvolvimento de competências capazes de responder aos efeitos da evolução dos mercados, formando e reciclando para empregabilidade. Retomando a relação estabelecida entre empregabilidade e empreendedorismo, reforça-se a formação profissional na capacitação dos jovens seja para o emprego, seja para o autoemprego. Assim, perspectiva-se uma formação profissional assente numa pedagogia empreendedora promotora de um conjunto de habilidades, aptidões e atitudes preparando o jovem para outra forma de inserção no mundo do trabalho que não seja a de ser desempregado (Duarte, 2012).

2.5.1 A teoria da “reprodução social”

Vários estudos, na Sociologia da Educação, têm-se debruçado sobre a questão das desigualdades sociais e escolares e o efeito que a primeira tem na segunda. A teoria da reprodução social desenvolvida por Bourdieu e Passeron (1970) é um exemplo. Estas teorias consideram a articulação entre resultados escolares e origem social dos alunos, colocando como ponderadores os efeitos internos das escolas (cultura escolar) e os fatores externos (cultura familiar), sendo estes dois níveis que, de alguma forma, podem explicar as desigualdades escolares identificadas nos alunos de classes sociais mais baixas. Nesta perspectiva teórica, os mecanismos escolares tendem a assegurar a reprodução das desigualdades, em vez de contornarem e atenuarem as mesmas.

Duarte (2012) refere que existe, ainda, uma tendência para os alunos dos cursos profissionais estarem associados a percursos escolares mais sinuosos, pautados por algum insucesso escolar, registando episódios de reprovações até ao 9.º ano de escolaridade. Para além disso, os alunos do profissional têm tendencialmente origens sociais mais desfavoráveis do que os seus colegas dos cursos científico-humanísticos: as famílias dos alunos dos cursos profissionais têm habilitações literárias mais

reduzidas do que as famílias dos estudantes dos cursos científico-humanísticos; as reprovações até ao 9.º ano ocorrem em maior número nos alunos que estão a frequentar o ensino profissional. Isto revela que estes têm mais episódios de reprovações/repetições do que os seus pares dos cursos científico-humanísticos.

Perante este “perfil” de alunos é fundamental criar estratégias pedagógicas que os motivem para percursos de vida bem-sucedidos, pautados pela responsabilidade, persistência, superação, no fundo, para uma consciência empreendedora, no sentido de se posicionarem favoravelmente na sociedade.

2.6 Iniciativas de promoção do empreendedorismo no Ensino Secundário

Apresenta-se de seguida uma síntese de algumas das iniciativas nacionais para a promoção do empreendedorismo na educação, **em funcionamento no presente ano letivo**. Reconhece-se relativo esforço por parte das organizações governamentais portuguesas na promoção do espírito empreendedor, com maior expressão no Ensino Superior, que aqui se traduz pela criação de centros de empreendedorismo, incubadoras, parques tecnológicos, *spin-offs* (empresas nascentes geradas a partir de resultados de pesquisas desenvolvidas na Universidade), *Start-up's*, conferências, consultórios de aconselhamento, entre outras atividades.

As iniciativas apresentadas a seguir focam-se fundamentalmente em promover o empreendedorismo junto dos alunos que frequentam o **ensino secundário**:

Designação/Lema/Link	Ano de início	Breve contextualização
 <p>Junior Achievement Portugal</p> <p><i>Não se nasce empreendedor. Aprende-se.</i> http://portugal.jaye.org/pls/apex31mb/f?p=17000:1001:2861379806014316</p>	2005	<p>A <i>Junior Achievement Portugal</i> é uma organização sem fins lucrativos que desenvolve o empreendedorismo, gosto pelo risco, criatividade, responsabilidade, iniciativa e inovação junto das crianças e jovens. Acredita que estes são requisitos obrigatórios para o desenvolvimento de Portugal e para o aumento quantitativo e qualitativo de iniciativas empresariais.</p> <p>Promove cerca de 11 programas distintos direcionados para 1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo, secundário e universitário.</p>
 <ul style="list-style-type: none"> • Empreender não é secundário • Emprende + • Projeto Escolas Empreendedoras <p>Programas dirigidos aos alunos do secundário http://www.gesentrepreneur.com/</p>	2006	<p>A GesEntrepreneur é uma empresa líder na educação em empreendedorismo, resultando de uma parceria estratégica entre Francisco Banha e a CG International. A CG International, organização de direito canadiana, liderada pelo Professor Chris Curtis acumula mais de 20 anos de expertise no desenvolvimento de projetos de educação em empreendedorismo tanto para a alteração de mentalidades proporcionando uma outra opção de carreira, como para a reinserção social.</p> <p>Promove vários programas e atividades de promoção à Educação para o Empreendedorismo, junto dos Municípios, que por sua vez, propagam junto das escolas.</p>
 <p>Educação Empreendedora: O Caminho do Sucesso!</p> <p>Educação Empreendedora: O Caminho do Sucesso!</p> <p>http://www.edu.empreendedora.azores.gov.pt/index.php/projecto</p>	2010	<p>Programa de Educação em Empreendedorismo aplicado às escolas da Região Autónoma dos Açores com o objetivo de incentivar os alunos e professores para a adoção de um novo espírito de iniciativa e dinamismo que expanda os seus horizontes futuros.</p> <p>Para os alunos do 2.º e 3.º Ciclo e para os alunos do Ensino Secundário e Profissional, pois são eles o futuro dos Açores e é neles que se deve investir com vista ao desenvolvimento da sociedade açoriana. Para os professores, de modo a que levem para o interior da escola uma nova mentalidade, que ultrapasse preconceitos culturais e contribua para uma sociedade mais equilibrada.</p>
 <p>INOVA - Jovens Criativos, Empreendedores para o Século XXI, Concurso de Ideias</p> <p>http://www.juventude.gov.pt/Emprego/InovaJovensCriativos/Paginas/InovaJovensCriativos.aspx</p>	2011	<p>Iniciativa conjunta do Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P. (IPDJ), da Direção-Geral da Educação (DGE) e da Agência para a Competitividade e Inovação, I.P. (IAPMEI), o “INOVA - Jovens Criativos, Empreendedores para o Século XXI, Concurso de Ideias”, desafia os jovens a terem ideias criativas e inovadoras, passíveis de implementação e soluções originais para carências locais, regionais ou nacionais.</p> <p>INOVA! Básico: para alunos que frequentam o 2º e 3º ciclo INOVA! Secundário: para alunos a frequentar o secundário.</p>
 <p>Start IUPI</p> <p>http://startiupi.com/</p>	2012	<p>Dar às crianças, jovens e adultos, competências para que possam, de forma mais eficaz, perseguir os seus sonhos é o propósito.</p> <p>iUPi Biz – dirigido aos alunos do 1º e 2º ciclo iUPi Play – dirigido aos alunos do 3º ciclo iUPi Life – dirigido aos alunos do secundário iUPi Pro - é um programa de literacia financeira para adultos</p>

 <p>Clube Mais Direcionado para os Cursos Profissionais e Cursos de Educação e Formação http://adcmoura.pt/start/start_home.html</p>	<p>Não especifica</p>	<p>O projeto START resulta da junção de dois projetos EQUAL distintos, o projeto E+M - Empreender Mais e Melhor, desenvolvido em Moura, do qual resultou a metodologia Clube Mais - Educação para o empreendedorismo; o projeto INSISTE - Iniciativas Inovadoras Sustentáveis Território e Emprego, desenvolvido em Alte e São Bartolomeu de Messines, do qual resultou a metodologia Balanço de Competências-chave para o Empreendedorismo.</p> <p>A disseminação deste projeto é composta pela Escola Profissional de Alte (Entidade Interlocutora), Direção Regional de Educação do Algarve, Agência Nacional para a Qualificação, Associação In Loco e Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Moura.</p>
 <p>Academia Empreender Jovem http://www.empreender.aip.pt/?lang=pt&page=info_geral/info_geral.jsp</p>	<p>Não especifica</p>	<p>A AIP-CCI, em parceria com o GEP, assumiu uma atitude proactiva no cenário atual de mudança, que importa ultrapassar com a maior segurança possível.</p> <p>Este projeto de empreendedorismo consiste na realização de 10 sessões/espacos de partilha e de germinação de ideias, onde cada aluno/participante é ator e contribuinte. Promove ateliers teórico/práticos criativos, <i>storytellings</i> de empresários/empreendedores.</p>
 <p>Empreender na escola http://www.sinestecnopolo.org/empreendernaescola</p>	<p>Não especifica</p>	<p>Programa que faz parte de um projeto transversal de cooperação que visa ultrapassar as fragilidades das cidades portuguesas, desenvolvendo estratégias de cooperação interurbana, com o objetivo de atrair residentes, promover investimento e fomentar o empreendedorismo</p> <p>Direcionado para escolas com 9.º e 10.º anos (ou equivalente) – preferencialmente</p> <p>Atua essencialmente na área geográfica do litoral alentejano ao alto Alentejo, denominado por “corredor azul” (dez municípios alentejanos uniram-se para apresentar uma candidatura ao programa Polis XXI, denominada “Corredor Azul - Rede Urbana para a Inovação e Competitividade”) sendo o município de Sines o líder do programa.</p>

Tabela 4: Levantamento das iniciativas de educação para o empreendedorismo no ensino secundário.

Fonte: Levantamento efetuado pela autora através da pesquisa na internet.

Constata-se que, na generalidade, os programas apresentados baseiam-se na metodologia “aprender fazendo” — que se traduz na criação e gestão de miniempresas por parte de— e são usados de forma generalizada em diversos países para desenvolver as competências empresariais, em especial no ensino secundário.

Do conjunto de iniciativas/programas apresentadas na tabela 4, apenas o programa **INOVA!** foi concebido pelo Ministério da Educação e Ciência, juntamente com o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ) e do IAPMEI, promovido no âmbito do Programa +e+i⁶ - **Programa Estratégico para o**

⁶Fonte: <http://www.ei.gov.pt/iniciativas/detalhes.php?id=4>

Empreendedorismo e a Inovação. Este programa, aprovado em Dezembro de 2011, materializa a estratégia do Governo para a promoção do empreendedorismo e inovação, enquanto prioridade de política económica no desenvolvimento e reforço da competitividade do tecido empresarial nacional.

Verifica-se ainda que os programas “Empreender na escola”, “Academia Empreender Jovem”, “Clube Mais”, “Educação Empreendedora: O Caminho do Sucesso!” são iniciativas de promoção ao empreendedorismo com objetivos semelhantes das demais iniciativas, acrescidas da preocupação de se inserirem em regiões descentralizadas e economicamente mais frágeis, pelo que se torna fundamental que autarquias, juntamente com as associações empresariais locais reúnam esforços para habilitar os jovens para o diagnóstico e valorização dos recursos da região, para que possam criar oportunidades de negócio sustentáveis, como forma de contrariar o êxodo dos jovens para as grandes cidades. Para isso, a própria escola tem de facto que ser uma comunidade empreendedora, ativamente ligada ao meio.

Por outro lado, numa dimensão geográfica mais abrangente e pela experiência de vários anos, destacam-se duas entidades fortemente ligadas à educação para o empreendedorismo em Portugal: a *Junior Achievement* Portugal e a GESEntrepreneur.

A GESEntrepreneur é uma empresa que “nasceu de uma parceira estabelecida com o professor Chris Curtis em 2003 quando Francisco Banha⁷ constatou que a oferta de ensino de empreendedorismo que se fazia em Portugal se limitava às técnicas de negócio, girando muito em torno da construção de um plano de negócios”⁸. Segundo a informação contida no *site*, o ensino em Portugal descurava o trabalhar dos comportamentos e atitudes que moldam um empreendedor, lacuna essa preenchida pela abordagem “*learning by doing*” preconizada pela CGI⁹. A partir daí a GESEntrepreneur tem desenvolvido um trabalho muito importante na educação para o empreendedorismo e destaca-se por ter sido pioneira, em Portugal, na formação de formadores em empreendedorismo, no desenvolvimento de projetos de educação para o empreendedorismo direccionados para a reinserção social de reclusos e o turismo empreendedor. Analisando o relatório de atividade disponível no *site*, relativo ao ano letivo 2011/2012, estiveram envolvidos nos programas da GESEntrepreneur, 750 professores e cerca de 12000 alunos de Dueceira, Dão Lafões, Aveiro, Odivelas, CIMPIN.

⁷ Francisco Banha é uma inquestionável referência no ambiente empreendedor Português. É também Fundador e Presidente da Federação Nacional de Associações de Business Angels (FNABA); [acedido a 25 de maio de 2013]

⁸ Fonte: http://www.gesentrepreneur.com/quem_somos/apresentacao.htm [acedido a 25 de maio de 2013]

⁹ CGIInternational is a global leader in entrepreneurship development, and offers a dynamic and international team of consultants with over 20 years of experience in the field of entrepreneurship. We use our collective skills in entrepreneurship education and small business development to strategically foster entrepreneurship initiatives worldwide. CG International's global network currently has its head office in Canada with partners in Europe, South America, Africa, and the United States. <http://www.cginternational.org/about/about.htm> [acedido a 25 de maio de 2013]

2.6.1 Associação Junior Achievement Portugal - JAP

A JAP é uma associação, criada em Portugal em setembro de 2005, com um forte *background* internacional uma vez que é a congénere portuguesa da *JA-YE Europe*¹⁰, que por sua vez é a sede europeia da *JA Worldwide*¹¹. Esta foi fundada em 1919 nos Estados Unidos da América e em 1963 na Europa (JA-YE). É a mais antiga organização educativa mundial, sem fins lucrativos, dedicada à formação de jovens em negócios, economia e iniciativa empresarial.

Como já referido, a JAP faz parte da *JA-YE Europe*, que é a organização com mais programas de educação para o empreendedorismo na Europa, tendo atingido 3,1 milhões de alunos em 36 países em 2011. Por outro lado, a *JA Worldwide*, a organização mãe, está presente em 121 países, e chega a mais de 10 milhões de alunos, dos quais 3 milhões são europeus (Programa A EMPRESA, 2012).

A JA fornece programas curriculares e extracurriculares para alunos dos 6 aos 30 anos, através de uma rede de associados (empresas e outras instituições) que, através dos seus voluntários, quotas e donativos, permitem o desenvolvimento deste projeto de promoção do empreendedorismo junto das escolas e universidades de todo o país. O objetivo é proporcionar aos jovens formação em empreendedorismo, cidadania, ética, literacia financeira, economia, negócios e desenvolvimento de carreiras, as sete áreas chave dos conteúdos programáticos da JA.

A missão da organização JA é “**Inspirar e Preparar os Jovens para terem Sucesso numa Economia Global**”. Acreditando que “não se nasce empreendedor. Aprende-se”, o seu grande objetivo para Portugal é poderem um dia afirmar que todas as crianças e jovens tiveram uma experiência *Junior Achievement*. A JAP, financiada pelos seus associados que acreditam que riqueza é sinónimo de educação, viabiliza junto dos jovens, através de formação, o espírito empreendedor e ajuda a prepará-los para vingarem numa economia global.

2.6.2 JAP e os programas de educação para o empreendedorismo

Atualmente, a JAP promove um total de onze programas, de acordo com a faixa etária dos alunos, distribuídos pelo Ensino Básico, Secundário e Universitário. Estes são implementados por voluntários das empresas associadas da JAP nas escolas aderentes ao projeto, juntamente com os professores dessas escolas. Aos alunos participantes nestes projetos são transmitidos conhecimentos que vão desde a gestão do seu próprio dinheiro até à elaboração de um projeto de criação de um novo produto, serviço ou negócio.



Figura 3: Os três pilares da JAP, fundamentais no sucesso dos seus programas.

¹⁰ <http://www.ja-ye.org/>

¹¹ <https://www.jaworldwide.org/Pages/default.aspx>

O desenvolvimento dos programas da JAP, responsáveis pelo estabelecimento de uma ponte entre a educação e o mundo do trabalho, devem a sua existência e sucesso a três pilares considerados fundamentais: os associados, as escolas e os alunos.

Associados: têm um papel que se enquadra na responsabilidade social corporativa, na medida em que os profissionais são incentivados a disponibilizar o seu tempo e experiência, em regime de voluntariado, para o ensino dos jovens. Este trabalho é desenvolvido em parceria com os docentes das escolas envolvidas, com o intuito de adequar os conteúdos de acordo com o nível escolar dos alunos.



Figura 4: Alguns dos associados e parceiros que colaboram com a JAP.

Professores: Tem um papel muito importante, pois são estes que trabalham e acompanham no terreno os alunos durante o ano letivo. A JAP dispõe de *workshops* de formação de preparação para os professores e faculta material programático de elevada qualidade, para que os professores possam dedicar-se a inspirar e motivar os seus alunos “a ser mais e fazer mais”.

Alunos: Representam o *target* pelo qual trabalha esta associação. São para eles os programas da JAP. Através do contacto com experiência de profissionais do mundo empresarial e dos conteúdos programáticos dos programas, os alunos têm na JAP uma oportunidade de potenciar a sua autoconfiança e a sua identidade, de forma a conseguirem “enfrentar o futuro com mais energia, a serem cidadãos otimistas na nova economia global¹².

A oferta de programas da JAP começa no 1º ciclo, com diversas atividades de estímulo ao desenvolvimento de uma cultura de responsabilidade individual. Seguem-se outras iniciativas ao longo dos restantes ciclos do Ensino Básico, Secundário e Universitário. Porém, o princípio é o mesmo: a partir

¹² Disponível em[http://portugal.ja-ye.org/pls/apex31mb/f?p=17000:1002:2004665950594361:::1002:P1002_HID_ID,P1016_HID_INSTITUTION_ID:6802.7,
acedido a 10 de junho de 2013]

de um conjunto de atividades dinâmicas desenvolvidas por um voluntário representante do mundo do trabalho, procura-se que os alunos compreendam melhor a relação entre o que aprendem na escola e a sua participação, na vida profissional.

Os programas atualmente promovidos pela JAP, de acordo com informação disponível no *site* oficial são¹³:

<p>Ensino Básico</p>  <p>A FAMÍLIA (6-7 anos) Os alunos percebem como funciona uma família e como todos trabalham para fazer do local onde vivem um lugar melhor.</p> <p>A COMUNIDADE (7-8 anos) Descoberta de como as pessoas e os negócios operam dentro de uma comunidade.</p> <p>A EUROPA E EU (10-12 anos) Explora a localização de recursos naturais, como é que estes circulam entre diferentes países e como é que são gerados negócios que produzem bens e serviços para os consumidores.</p> <p>É O MEU NEGÓCIO (13-15 anos) Explora os conceitos de empreendedor e empreendedorismo, com foco no pensamento crítico, desenvolvimento de competências empreendedoras e de um projecto empresarial.</p> <p>ECONOMIA PARA O SUCESSO (13-15 anos) Explora as finanças pessoais e as escolhas de carreira com base em interesses, valores e qualidades dos alunos.</p>	<p>Secundário</p>  <p>A EMPRESA (15-21 anos) Através de uma experiência real de negócio promove competências para o sucesso no mundo do trabalho.</p> <p>ENTERPRISE WITHOUT BORDERS (15-21 anos) Num contexto de mercado global promove a criação de parcerias com outros países da Europa.</p> <p>BANCOS EM ACÇÃO (15-18 anos) Ensina aos alunos princípios bancários e coloca-os perante os desafios da gestão de um banco.</p> <p>BRAÇO DIREITO (15-21 anos) Um dia onde um aluno acompanha um voluntário no seu local de trabalho acompanhando-o nas actividades diárias.</p> <p>INNOVATION CHALLENGE (15-18 anos) Em 12 horas os alunos têm de resolver um desafio.</p>	<p>Universitário</p>  <p>START UP PROGRAMME (18-30 anos) Os alunos vão operar uma empresa e adquirir competências que os preparam para o mundo do trabalho.</p>
---	---	--

Figura 5: Programas de educação para o empreendedorismo, promovidos pela JAP.

Retirado da página oficial da JAP

2.6.2.1 Programa A EMPRESA: “Boa prática na Educação para o empreendedorismo”

Uma vez que a questão de investigação que norteia este estudo se prende com o impacto que a implementação de um programa de educação para o empreendedorismo possa ter em alunos do ensino profissional, interessa particularmente perceber como funciona o programa A EMPRESA.

No programa A EMPRESA os alunos criam a sua própria empresa (designada por miniempresa) ao longo de um ano escolar. Muito sucintamente, este programa dá aos alunos a oportunidade de se prepararem para o mundo do trabalho, através da experiência de conduzirem a sua própria empresa. O objetivo último é criarem uma empresa real com a ajuda de um voluntário e de um professor. Os alunos vendem ações, elegem presidentes e diretores, produzem e vendem produtos ou serviços, fazem

¹³ http://portugal.ja-ye.org/pls/apex31mb/f?p=17000:1002:31820265194997:::1002:P1002_HID_ID:6807 [accedido a 10 de junho de 2013]

relatórios, realizam reuniões de acionistas e, por fim, liquidam a empresa, pagando os dividendos aos acionistas.

Através da participação no programa, as equipas ganham experiência *hands-on* em empreendedorismo. Os alunos experimentam a emoção/adrenalina, mas também o trabalho que envolve. Um dos principais objetivos das miniempresas passa por habilitarem-se para serem selecionados para as várias competições regionais, nacionais e europeias, onde dão a conhecer as suas empresas e têm oportunidade de vender os seus produtos. Nas feiras, as miniempresas são avaliadas por um júri, que avalia o desempenho das miniempresas de acordo com vários critérios, tais como criatividade e inovação, marketing e técnica de vendas, qualidade do *stand* de vendas, entre outros. A seleção da melhor miniempresa, no âmbito do Concurso Nacional, culmina com a entrega de prémios e com a participação na miniempresa na Competição Europeia organizada pela *Junior Achievement Young Enterprise* (JA-YE).

O programa A EMPRESA é reconhecido pela Comissão Europeia como uma "Boa Prática em Educação para o Empreendedorismo" e em Portugal conta com o Alto Patrocínio do Presidente da República.

O **objetivo** deste programa é proporcionar aos alunos uma experiência no mundo dos negócios, ajudá-los a perceber a sua organização e funcionamento, que se configura como uma importante base de sustentação no desenvolvimento de competências e oportunidades de carreira. Promove a relação dos alunos com a comunidade empresarial de forma a criar condições para que os alunos reforcem importantes conceitos relacionados com carácter, integridade, visão e comportamentos a ter nos negócios.

Metodologia “Aprender Fazendo” no programa A EMPRESA

O programa A EMPRESA adota a metodologia «aprender fazendo» — que se traduz na criação e gestão de miniempresas por parte dos alunos. A JAP considera ser a metodologia mais apropriada para facilitar a aprendizagem de conceitos relativos ao empreendedorismo, espírito empreendedor, literacia financeira, negócios e gestão de carreiras. Fomentam-se atividades baseadas no **conceito escola-trabalho**, em que se desenvolve um relacionamento com outras entidades, nomeadamente, empresas e autarquias, numa demonstração de que a escola e as organizações envolvidas exploram as potencialidades dessas parcerias que são essenciais para o desenvolvimento da educação para o empreendedorismo e de uma comunidade empreendedora, ativamente ligada ao meio envolvente. A escola abre assim as suas portas à integração de outros atores, com novas abordagens, atividades e experiências que prolongam a sala de aula para o exterior da escola.

Etapas do programa A EMPRESA

1. Apresentação da miniempresa

- Os alunos trabalham com o professor e o voluntário na definição dos objetivos gerais da mini-empresa e compreendem a sua estrutura básica.
- Analisam as funções que poderão desempenhar e os departamentos que deverão existir.
- Discutem as ideias de produto ou serviço e desenvolvem um estudo de mercado. Respondem ao questionário inicial para que a JAP possa avaliar o impacto do programa nos alunos.

2. Desenvolvimento do projeto

- Depois de desenvolverem um *brainstorming* inicial para encontrarem a ideia de negócio, os alunos elaboram um estudo de mercado.
- Depois de analisarem os seus resultados, selecionam um produto ou serviço.
- Elaboram estratégias para a mini-empresa, as quais incluem:
 - Plano de negócios;
 - Plano de produção;
 - Plano financeiro;
 - Plano de marketing.

3. Criação da miniempresa

- Os alunos reúnem o capital social inicial necessário para financiar todas as necessidades que identificaram na estratégia que a mini-empresa vai seguir e aprovam os estatutos.
- Os alunos trabalham em conjunto para dar início às operações e fazem reuniões frequentes.
- Desenvolvem um produto ou serviço e criam uma estratégia de vendas.
- Os registos e muitas outras atividades podem ter lugar fora da aula ou das reuniões periódicas calendarizadas, sendo que o professor deverá estar presente sempre que possível.

4. Miniempresa em atividade

- Todos os elementos da mini-empresa trabalham em grupo para dar início às operações da mesma.
- Esta é fase de produção e vendas do produto ou serviço escolhido por cada equipa.

5. Eventos e Competições

- O programa A Empresa tem vários eventos e competições durante o ano letivo.
- Para as mini-empresas se candidatarem devem ler corretamente os Critérios e Regulamentos do programa e começar a sua preparação o quanto antes.

6. Encerramento da miniempresa

- Os alunos trabalham em conjunto na conclusão das operações e na liquidação da mini-empresa;
- Concluem a produção e as vendas;
- Completam e revêm todos os registos;
- Elaboram o relatório final,
- Preparam a eventual ida à Competição Nacional,
- Avaliam a experiência e respondem ao questionário final.

Figura 6: Etapas do programa A EMPRESA, promovido pela JAP.

Fonte: Manual do programa A Empresa, fornecido pela Junior Achievement Portugal

Implementação do programa A EMPRESA

Público-Alvo	<ul style="list-style-type: none">• A EMPRESA é um programa recomendado para alunos com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos que frequentam o ensino secundário e profissional.
Local e Horário	<ul style="list-style-type: none">• O programa deve preferencialmente ser implementado em ambiente de sala de aula durante o horário escolar, podendo, no entanto, também funcionar como atividade extracurricular.
Número de Alunos	<ul style="list-style-type: none">• Os alunos serão divididos em grupos – as miniempresas – que deverão ter entre 3 a 7 elementos.
Duração	<ul style="list-style-type: none">• É recomendado que o programa A EMPRESA dure um ano letivo completo. Os alunos reúnem-se, semanalmente, entre 1 a 3 horas. É, normalmente, necessário que os alunos realizem trabalho adicional ao elaborado nas sessões semanais.
Material	<ul style="list-style-type: none">• O material necessário para o programa inclui o manual do aluno, do professor e do voluntário, com a planificação detalhada de todas as atividades fundamentais para o desenvolvimento do programa. Existe ainda um bloco de títulos de participação por mini-empresa e outra documentação de suporte.
Apoio	<ul style="list-style-type: none">• Todos os novos voluntários e professores recebem formação e aconselhamento por parte da Junior Achievement Portugal, antes do início do programa.

Figura 7: Detalhes relativos à implementação do programa A EMPRESA nas escolas.

Fonte: Manual do programa A Empresa, fornecido pela Junior Achievement Portugal

O papel do Voluntário

O voluntário é uma pessoa vinda do mundo empresarial, normalmente de uma entidade parceira da JAP, que irá orientar e aconselhar os alunos na gestão das suas miniempresas. Tem o papel de consultor-mentor. O voluntário acrescenta valor ao programa através da partilha das suas experiências profissionais. O professor apoia o voluntário na sala de aula e complementa o programa com as atividades extra do manual. Normalmente é o voluntário que se desloca até à escola, uma vez por mês, idealmente, sendo essa gestão feita entre os alunos e o próprio voluntário. Conforme refere o manual do programa, cabe ao voluntário “de vez em quando imprimir algum sentido de urgência, levantar a moral, promover o espírito de equipa, ser o catalisador e o *advogado do diabo*” (Manual do Programa A Empresa, 2012).

O papel do Professor

O professor tem a função de facilitar a comunicação entre todos os elementos envolvidos na gestão da miniempresa. Isto inclui os alunos, o voluntário, a Junior Achievement Portugal, a direção e

outros elementos da escola, os encarregados de educação, a imprensa, entre outros. É importante reconhecer a importância da complementaridade das funções do professor e do voluntário. O voluntário dá orientações aos alunos sobre questões relativas aos negócios, pelo que não é fundamental que o professor tenha conhecimentos específicos sobre negócios. Além deste papel privilegiado de interlocutor entre voluntário-alunos-comunidade escolar, o professor é o principal responsável pela implementação do programa em sala de aula. Deverá estar sempre presente durante as sessões com o voluntário. Faz a gestão do tempo dedicado a cada etapa do programa e tenta intervir o menos possível no processo de decisão do grupo. Coordena com o voluntário a ida à sala de aula e preparam, em conjunto, as sessões. Ajuda também os alunos a gerir o sucesso e o insucesso e, se necessário, deve atuar como incentivador quando o entusiasmo estiver a perder-se (Manual do Programa A Empresa, 2012).

Eventos promovidos no programa A EMPRESA

No âmbito do programa A EMPRESA, a *Junior Achievement* Portugal, juntamente com as empresas associadas, promove os seguintes eventos:



Figura 8: Eventos que fazem parte do programa A EMPRESA e respetivas datas de realização para 2012/2013.

ENTERPRISE WITHOUT BORDERS (EwB)

O Enterprise without Borders foi criado com o propósito de dar aos alunos do Programa A EMPRESA a oportunidade de criarem parcerias internacionais, como parte da sua experiência *Junior Achievement*. A base do programa consiste na criação de um perfil (em inglês) onde as equipas apresentam a sua miniempresa e iniciam um “*dating game*”. Através de uma plataforma *online*, www.ewb.ja-ye.org, professores e equipas registam-se para poderem dar início ao intercâmbio. Conceitos como: importação, exportação e trocas comerciais estão na base deste programa com o intuito de desafiar as equipas a estabelecerem parcerias e *joint-ventures* com outras miniempresas e, desta forma, tornar os seus negócios mais reais e completos.

Objetivos do EwB:

- Promover o espírito empreendedor entre professores e alunos;
- Ganhar consciência da educação para o empreendedorismo inserida numa comunidade mais vasta;
- Introduzir os alunos a conceitos de trocas internacionais, criação e gestão de empresas, contacto com culturas de negócio;
- Promover atitudes que conduzam ao sucesso pessoal, aprendizagem ao longo da vida e empregabilidade;
- Desenvolvimento da sensibilidade para outras culturas, bem como para a sua compreensão.

Critérios de seleção da melhor parceria:

- Cooperação e comunicação - contactos estabelecidos entre as miniempresas (deverão ser guardados registos - emails trocados, por exemplo, que evidenciem a existência ou concretização de uma parceria);
- Inovação - se a parceria resulta de uma nova ideia criada, transformação de ideias existentes em novos conceitos, nova forma de vender uma ideia já existente ou um novo modelo de negócio;
- Lucro - volume de trocas feitas, se ambas as miniempresas têm resultados positivos resultantes da parceria realizada;
- Responsabilidade social - se o conceito do negócio é socialmente responsável, se a parceria tem em conta estes valores.

Prémios:

A nível europeu, a JA-YE Europe atribui, no âmbito do EwB, os seguintes prémios:

- Accenture EwB Collaboration Award (JA-YE Europe Trade Fair)
- Accenture EwB High Potential Award (JA-YE Europe Company of the Year Competition)
- EwB Teacher of the Year (EwB Conference)

EwB ACCENTURE DAY

O EwB DAY foi criado para proporcionar às equipas um momento de contacto direto e privilegiado com a realidade empresarial da Accenture, assim como para selecionar a equipa que representará Portugal na *JA-YE Europe Trade Fair*. O EwB DAY aconteceu a 15 de fevereiro, nas instalações da ACCENTURE, em Lisboa.

Processo de Candidatura

O EwB DAY é dirigido a todas as miniempresas do programa A EMPRESA 12/13 e inscritos e ativos na plataforma EwB. São selecionadas 10 equipas para participarem no evento.

Elementos para candidatura:

1) Quiz Online EwB: composto por questões relacionadas com a atividade da equipa no âmbito do projeto. Estará online, na semana de candidaturas.

2) Carta de Motivação: escrita em inglês, com limite máximo de uma página A4, e em formato pdf. O objetivo é dar a conhecer ao júri a motivação da miniempresa para participar no EwB DAY. Deve, de forma concisa e bem estruturada, realçar as características da miniempresa que consideram importantes para uma *Trade Fair* num texto que inclua, obrigatoriamente, as seguintes palavras: *Accenture, Challenge, Entrepreneur, Latvia, Achievement, Partnership*.

Durante o EwB DAY as equipas são avaliadas em 2 momentos distintos:

- 4 Minutos de *sales pitch* seguidos de 8 minutos de discussão com o júri.

O *sales pitch* deverá ser em inglês, e a sua duração é cronometrada. A equipa deve dar a conhecer, de forma convincente, a sua miniempresa e o trabalho desenvolvido no âmbito do EwB. Não existem regras acerca da ordem dos conteúdos no entanto, o formato deve ser PowerPoint com estilo formal.

- Exposição.

A exposição decorre num espaço amplo nas instalações da Accenture em Lisboa. Cada equipa dispõe de uma mesa, uma cadeira e uma extensão elétrica para usufruírem ao longo do dia.

NATIONAL GEP CHALLENGE

O *GEP - Global Enterprise Project* - é um projeto da *JA-YE Europe* que envolve vários países europeus e empresas que integram também o *ERT (European Round Table)*, um fórum que reúne cerca de 50 CEO's e presidentes de grandes empresas dos setores industriais e tecnológicos. Deste grupo de empresas, a Siemens e Sonae são os grandes patrocinadores em Portugal, a que se juntaram, também, recentemente, a SAP e a Vodafone.

O *National GEP Challenge* consiste na resolução de um desafio, num curto espaço de tempo, que reúne 100 alunos do ensino secundário (profissional ou regular) de diferentes instituições de ensino. Este evento, focado em processos inovadores e baseado em desafios de negócios reais, promove a ligação entre o tecido empresarial e a realidade escolar com o intuito de:

- a) Ajudar os estudantes a desenvolverem competências relevantes para o mercado de trabalho;
- b) Permitir que os alunos apliquem os seus conhecimentos académicos num contexto de vida real.

No período de aproximadamente 8 horas, e num contexto diferente e divertido, os alunos têm que apresentar uma solução para o desafio lançado pela Siemens e pela Sonae, recorrendo a um conjunto de voluntários/consultores de negócio de diferentes áreas: inovação, finanças, marketing & vendas, gestão de projetos, responsabilidade social, operações, etc. oriundos da Siemens, Sonae, SAP e Vodafone.

Cada equipa é formada por 5/6 alunos, todos eles pertencentes a escolas/cursos diferentes.

Pretende-se, com isto, simular a realidade de um ambiente de trabalho uma vez que os membros que compõem as equipas não se conhecem entre si. Neste sentido, são desenvolvidas atividades de “quebra-gelo” para que a adaptação seja feita da melhor forma possível.

Também durante o dia os alunos têm acesso a recursos, informações e ferramentas necessários para a execução da proposta de modo a que no final do evento apresentem a sua proposta/solução perante um painel de júris que irá avaliar de que forma cada equipa vai ao encontro dos critérios da competição.

A metodologia praticada ao longo do evento assenta em cinco grandes momentos:

1. Apresentação do desafio.
2. Técnicas para fomentar a criatividade e a união de equipa.
3. Desenvolvimento de uma solução e elaboração de um *concept paper*.
4. Acompanhamento de voluntários/consultores que ajudam no desenvolvimento do projeto.
5. Apresentação da ideia ao júri.

FEIRAS ILIMITADAS

As Feiras Ilimitadas são a primeira oportunidade para as miniempresas apresentarem e testarem as suas ideias de negócio perante o grande público.

O objetivo da Feira Ilimitada é providenciar aos participantes:

- O desafio de gerarem negócio com os seus produtos/serviços desenvolvidos até ao momento;
- Oportunidade de apresentarem as suas miniempresas a pessoas ligadas ao mundo dos negócios mas também a todos os outros visitantes onde vai decorrer o evento;
- Possibilidade de compararem as suas competências e a sua criatividade em relação às outras miniempresas participantes.

Processo de candidatura e critérios de avaliação

Nas Feiras Ilimitadas não participam a totalidade das miniempresas que, no ano letivo 2012/2013, participem no programa A Empresa. As equipas interessadas candidatam-se, 2 semanas antes do evento, enviando os seguintes documentos:

- **Um vídeo** (máximo 2 minutos) onde devem, de forma original e convincente, apresentar a miniempresa. Têm de o colocar no *youtube* e indicar o respetivo *link*.
- **Uma apresentação em PowerPoint** que apresente a ideia de negócio da equipa (máximo 5 slides) onde sejam contemplados os seguintes conteúdos:

- Nome da miniempresa, nome do produto/serviço, nomes e cargos dos membros, do professor responsável, do voluntário e da turma, curso e escola.
- Descrição do produto ou serviço; perfil/descrição do público-alvo; estratégia de marketing; plano de vendas e produção; operações; fotografias e outras informações relevantes.

Prémios

- **Melhor Stand:** material informativo, brochuras, dinamismo, imagem, grafismo.
- **Melhor Produto ou Serviço:** imagem e promoção do produto/serviço; *design*/apresentação; qualidade do acabamento; aplicabilidade; inovação; responsabilidade social; impacto ambiental; criatividade nos materiais utilizados.
- **Melhor Técnica de Vendas:** postura da equipa no *stand*; originalidade na aproximação/abordagem ao cliente; promoção/publicidade criativa; aparência visual (vestuário e comportamento).
- **Prémio Media:** miniempresa que mais vezes teve destaque nos media (nacionais, regionais ou locais) e *referiu o nome JAP e o programa A Empresa*.
- **Prémio Inovação:** reconhece o produto ou serviço mais inovador, sustentável e lucrativo.
- **Prémio Alumni (individual):** modelo/postura exemplar, capacidade de liderança, verdadeiro espírito *Alumni* (honestidade, entusiasmo no projeto, princípios/valores sociais) e espírito de equipa.

O que os alunos ganham com a experiência ao participar no programa A EMPRESA:

O programa pretende desenvolver nos alunos as seguintes características/habilidades/competências¹⁴:

Habilidades Pessoais	Habilidades Empresariais
<ul style="list-style-type: none"> •Trabalho em equipa •Comunicação •Liderança •Auto-confiança •Espírito de iniciativa •Resolução de problemas •Assumir riscos calculados •Persistência •Visão •Criatividade 	<ul style="list-style-type: none"> •Conceitos base sobre economia •Literacia financeira •Desenvolvimento de estudo de mercado •Desenvolvimento de um Plano de Negócios •Angariação de financiamento •Técnicas de Vendas •Conduzir reuniões de negócios

Figura 9: Habilidades que se espera que os alunos desenvolvam com a participação no programa A Empresa.

Adaptado pela autora, de acordo com informação do relatório anual da JA-YE¹³

¹⁴ [http://archive.ja-ye.org/Download/Annual%20Report%202011/Annual%20Report_spreads_web.pdf, acedido a 10 de junho de 2013]

2.7 Reflexão sobre a literatura pesquisada

Para a realização da revisão de literatura procurou-se analisar diferentes¹⁵ publicações sobre o Empreendedorismo, apresentando uma visão geral sobre algumas das definições encontradas na literatura, conduzindo a investigação para a parte comportamental, centrando-se na figura do empreendedor e das suas características comportamentais. Neste trabalho, o empreendedorismo é aceite como promotor do potencial do individuo e não tanto como impulsionador do desenvolvimento económico, embora se reconheça a simbiose entre as duas dimensões. Curiosamente, durante a pesquisa, percebeu-se que o perfil de comportamento de um empreendedor se cruza com o conceito de capital humano, cada vez mais valorizado na dimensão económica/financeira, que atualmente, vê o trabalhador/empregado também como um ativo de uma empresa, na medida em que se exige dele valorização profissional, intervenção, persistência, iniciativa, resolução de problemas, autonomia para otimizar recursos/processos produtivos, contribuindo ativamente para a prosperidade da empresa. Esta perspetiva de valorização do capital humano vai ao encontro do comportamento empreendedor, pelo que se conclui que os conceitos se intersejam e reiteram ainda mais a pertinência da promoção do empreendedorismo numa sociedade em constante mudança, alterando profundamente o conceito de empregabilidade.

A empregabilidade do individuo está diferente: cada vez mais escassa e exigente. Escassa porque as ofertas de emprego são mais reduzidas, resultado do avanço tecnológico que substituiu mão-de-obra por sistemas avançados de robótica, por exemplo. Exigente porque as empresas procuram pessoas que se destaquem das demais não só pelas competências técnicas que possuem/estudaram, mas sobretudo pelas capacidades/características/habilidades/atributos/qualidades pessoais, as tais que se encontram nos empreendedores, nos que valorizam o seu próprio capital humano, também conhecidas por *soft Skills*.

Num mundo em constante mudança, em que se prevê, um crescimento acelerado de setores de serviços associados ao conhecimento, informação e criatividade, procuram-se indivíduos flexíveis, com capacidade de abstração, análise e criatividade. Estão as escolas a preparar os jovens para esta realidade? Estarão os alunos conscientes de que terão de ser profissionais capazes de contribuir para o crescimento pessoal/profissional num contexto empresarial de extrema competitividade?

Um indicador importante para avaliar o trabalho das escolas neste âmbito é, precisamente, analisar como tem decorrido o processo de transição dos jovens em geral para o mercado de trabalho. Verifica-se que estão *lost in transition*. Sem experiência profissional significativa e talvez o desconhecimento da exigência do atual paradigma de empregabilidade, a procura do 1º emprego é cada vez mais demorada, conduzindo os jovens para o “desemprego de longa duração”, piorando gradualmente as dificuldades de (re)inserção no mercado de trabalho, estando privados da fonte de

¹⁵ (teses, revistas e jornais económicos/científicos, *papers*, livros, biografias, relatórios e documentos institucionais nacionais, europeus, mundiais, páginas oficiais diversas)

rendimentos e de um dos vínculos mais importantes de ligação à sociedade e à rede de relações interpessoais que o emprego proporciona, empurrando-os para um processo de exclusão social. Aqui reside o problema que a presente investigação procura contribuir de modo a despertar consciências: as dos jovens que participarão como objeto de estudo e, da comunidade educativa em geral, para que todos os agentes envolvidos na educação/formação dos indivíduos possam perceber a importância e urgência em promover a educação para o empreendedorismo nas escolas, desde bem cedo, pois afinal, “não se nasce empreendedor, aprende-se”. Vive-se, segundo Monteclaro (2005:1) o “empreendedorismo por desespero”, sendo a escola o espaço privilegiado para o fomento do empreendedorismo junto dos jovens.

Situado o problema: o desemprego jovem/a procura prolongada do 1º emprego, e encontrada uma estratégia para combater o problema: a educação para o empreendedorismo, foi necessário pesquisar na literatura diferentes posições sobre a metodologia mais adequada para introduzir o empreendedorismo nos diferentes ciclos de ensino. Muito se escreve sobre esse assunto, mas a posição que acolhe maior consenso é a metodologia “aprender fazendo – *learning-by-doing*” ou a “abordagem empreendedora” que defende a educação para o empreendedorismo como sendo uma experiência prática que passa pela criação e desenvolvimento de pequenos negócios no recinto escolar, parcerias com empresas locais, etc, focando-se na aprendizagem ativa do aluno, sendo este responsável pelo seu processo de aprendizagem, enquadrando-se na teoria de aprendizagem Construtivista.

Encontrada a “abordagem empreendedora” como sendo a mais adequada para a educação do empreendedorismo, revelou-se necessário perceber a posição de diferentes autores sobre o papel do professor enquanto promotor do empreendedorismo na sala de aula. É consensual a posição de que os professores devem tornar-se eles próprios empreendedores, apoiando o aluno na busca e construção do conhecimento. O papel do professor pode ser visto como o de alguém que provoca o desequilíbrio nas relações do aluno com o mundo, através de perguntas, desafios, questões, e ao mesmo tempo oferece o apoio necessário para que o aluno, diante de conflitos cognitivos, desenvolva uma ação autoaprendizagem e de crescimento pessoal, que deverá manter pela vida fora.

Retomando a tónica da empregabilidade e da educação para o empreendedorismo, o estudo foi de seguida, direccionado para o ensino profissional, uma vez que são estes os alunos que optam pela via profissionalizante para mais rapidamente entrarem no mercado de trabalho, aqueles que vão enfrentar mais cedo as dificuldades da procura do primeiro emprego. Foram encontradas publicações que criticam os modelos de formação atuais, em parte devido ao fenómeno «da reprodução social», por se verificar, em grande parte dos jovens que frequentam o ensino profissional, atitudes, comportamentos, qualidades que se afastam do espírito empreendedor que tanto se preconiza. De facto, para estes, é mais urgente e fundamental a educação para o empreendedorismo, como estratégia de desenvolvimento de carreiras e de promoção do autoemprego, para que possam encontrar uma forma de garantirem a sua sustentabilidade e assim desviarem-se de uma situação de risco e exclusão social.

Finalmente, depois de perceber à luz da literatura como se comporta o público alvo envolvido no problema a estudar, foi feito um levantamento dos programas de educação para o empreendedorismo em funcionamento para o ano letivo 2012/2013, para o ensino secundário

Das iniciativas apresentadas, a opção recaiu no programa A EMPRESA, da *Junior Achievement* Portugal devido ao facto de a investigadora ter implementado o programa noutra escola, no ano letivo 2008/2009, estando já familiarizada com todo o processo de implementação. A investigadora considera que programa A EMPRESA está preparado para desenvolver nos alunos o comportamento empreendedor e para os ajudar a compreender/conhecer as etapas do ciclo de vida de uma empresa, através da metodologia “aprender fazendo”. Todo o conjunto de eventos/competições paralelos são exemplo disso mesmo, constituindo uma mais-valia para os alunos participantes, uma vez que oferecem um variado leque de experiências/simulações distintas com o objetivo de melhor estimular/desenvolver atitudes que conduzam ao sucesso pessoal, aprendizagem ao longo da vida e empregabilidade.

Capítulo 3

Metodologia de Investigação e descrição do objeto de estudo

3.1 Natureza da investigação

O objetivo da investigação consiste em compreender a realidade circundante na sua especificidade, querer saber o porquê e os significados dos fenómenos. Deste modo, considera-se que o estudo apresenta uma **natureza qualitativa**.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), este tipo de abordagem detém as seguintes características: o ambiente natural é fonte direta de dados e o investigador constitui o instrumento principal; é uma investigação descritiva; o interesse principal é mais o processo do que os resultados ou produtos; a análise dos dados é feita de forma indutiva e o significado é de importância vital neste tipo de abordagem qualitativa.

A presente investigação situa-se dentro do paradigma **descritivo e interpretativo**, uma vez que se procura descrever, perceber e compreender como os alunos reagem à implementação de um programa de educação para o empreendedorismo. O investigador observa e procura interpretar a realidade e vai elaborando categorias que, com mais informações, irão transformar-se em constructos teóricos que irão formar a teoria. (Coutinho, 2005:76-78).

É uma investigação do tipo **naturalista** pois observa-se a interação entre todos os intervenientes, no desenvolvimento das atividades, em contexto natural.

No método qualitativo, a subjetividade do investigador consiste no maior problema deste método, daí revelar-se necessário acautelar as noções de validade e fiabilidade (Alves, 2007). É muito importante que o investigador recorra a diversas triangulações ou diferentes processos complementares para se chegar às mesmas conclusões, quer em relação às diferentes fontes de recolha de dados, ou à deteção de desvios derivados da influência do fator “investigador”, ou outros tipos de procedimentos metodológicos que podem ser por exemplo, a aplicação de questionários conjuntamente com entrevistas, entre outras (Carmo e Ferreira, 1998).

Reforça-se a posição do investigador no método qualitativo, uma vez que este deve decidir quais os modelos e critérios de análise, quais as técnicas mais adequadas aos objetivos da investigação, deve ser metódico com a documentação, deve ser capaz de trabalhar indutivamente e de detetar perspectivas teóricas úteis ao seu estudo, produzindo descrições bem detalhadas, claras (*thick descriptions*), que permitam uma generalização teórica no sentido da transferibilidade para outros estudos e contextos de investigação (Coutinho, 2005).

Apesar dos métodos qualitativos serem os mais indicados para as investigações de perspectivas descritiva e interpretativa, o investigador pode utilizar métodos mais de carácter quantitativo ou mais de carácter qualitativo ou até recorrer a ambos, uma vez que o método não determina o paradigma que sustenta a investigação (Gomes, 2004).

Nesta perspetiva, considera-se que esta investigação seguirá uma abordagem mista, uma vez que, os dados quantitativos serão muitas vezes incluídos na escrita qualitativa, sobre a forma de estatística descritiva.

“Estudo de Caso”

Dentro de uma investigação de cariz qualitativa existem vários métodos disponíveis. No entanto, quando se pretende investigar um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, não existindo uma clara distinção entre o fenómeno e o contexto, estamos perante um processo de investigação empírica do tipo “estudo de caso” (Yin, 2001). No “estudo de caso” as questões da pesquisa centram-se no “como” ou no “porquê” e a estratégia de pesquisa é abrangente, recorrendo a várias fontes de evidência e a diversas triangulações de dados (idem).

O estudo incidiu em acontecimentos contemporâneos, e a experiência desenvolveu-se em contexto real, no qual os fenómenos observados dizem respeito à implementação de um programa de Educação para o Empreendedorismo numa disciplina que pertence ao currículo do ensino profissional, sem comprometer o cumprimento do programa da disciplina e sem alterar a rotina normal dos alunos na escola. O facto de a investigadora ser a docente da referida disciplina, permitiu-lhe uma abordagem direta, em constante contacto com as pessoas com uma atitude de observação atenta aos acontecimentos importantes para a análise.

Assim, o conhecimento produzido como resultado deste estudo relativamente à promoção do empreendedorismo no ensino profissional, não poderá ser aplicado ao universo de todas as escolas mas poderá servir de base para outras investigações e principalmente poderá constituir um fator de reflexão para enquadrar a ação noutros contextos.

3.2 Objeto de estudo

3.2.1 Quem

A parte humana diretamente envolvida no estudo é composta por uma turma e uma professora responsável pela implementação do programa na turma, a investigadora.

Relativamente à turma escolhida, trata-se de uma amostragem por conveniência, uma vez que na investigação participa a turma B do 1º ano do Curso Profissional Técnico de Multimédia (equivalente ao

10º ano), alunos da investigadora. Para promover uma clara identificação dos intervenientes na amostra foi realizada a sua caracterização, apresentada de seguida.

Caraterização da investigadora

Como já referido, a investigadora teve um papel ativo na implementação do programa de empreendedorismo junto destes alunos, pelo que a sua “alguma” experiência foi fundamental na condução de todo o processo.

Anos de serviço	8
Número de anos que leciona na escola onde se desenrola a investigação	4
Número de anos que leciona no ensino profissional	4
Idade	32
Situação Contratual	QZP – Quadro de Zona Pedagógica
Relação com a turma	<ul style="list-style-type: none">• Docente na turma pela primeira vez no presente ano letivo;• Docente da disciplina de Design, Comunicação e Audiovisuais à turma em causa;• Diretora de Turma.
Programas de Empreendedorismo em que já participou	Em 2008/2009, enquanto docente da disciplina de Área de Projeto 12º ano, participou no programa “A Empresa”, da JAP, com os alunos que formaram duas miniempresas, participando na Feira Ilimitada. Uma experiência que considera muito positiva a implementar nas escolas. Desde então nutre especial gosto pela dimensão à volta do tema, apreciando a criatividade de projetos inovadores que nascem de uma oportunidade improvável.

A investigadora desenvolve especial interesse pelo tema desde o ano letivo de 2008/2009, ano em que conhece pela primeira vez a Associação *Junior Achievement* Portugal, através da Direção, na altura, da Escola Secundária do Castelo da Maia, que incentivou os professores de Área de Projeto de 12º ano a divulgarem o programa A EMPRESA junto dos alunos. A implementação do projeto na disciplina de Área de Projeto correu bem e os alunos corresponderam com os objetivos propostos pelo programa, tendo uma das miniempresas conseguido uma parceria com uma empresa local, para a produção do produto. Sem dúvida um ano de aprendizagem quer para os alunos quer para a professora, uma vez que até então, desconhecia por completo a problemática à volta deste fenómeno. Hoje reconhece fundamental a educação para o empreendedorismo nas escolas para abrir as mentes dos jovens e colegas de profissão para o tema.

Dados demográficos relativos aos alunos

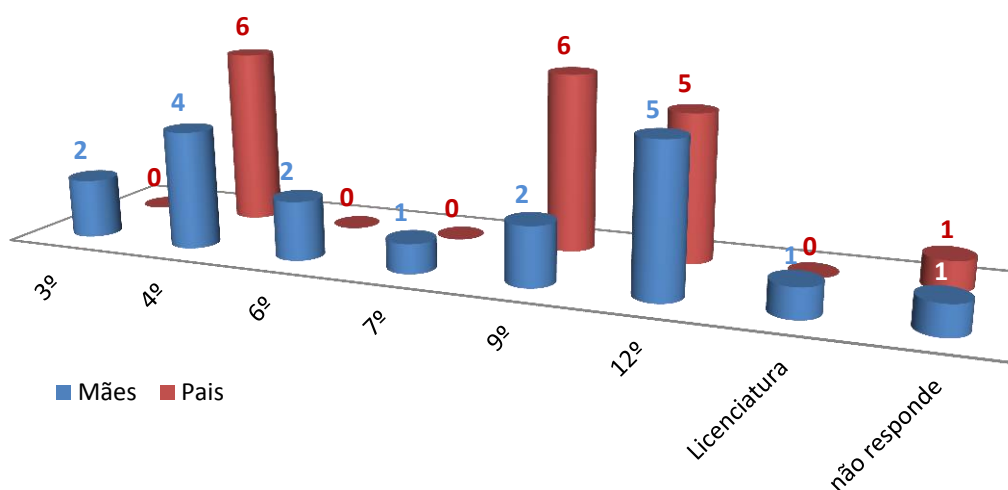
Média de Idades e Género	
Média de idades	16,3
Número de raparigas	2
Número de rapazes	16

Situação Profissional das famílias	
Ambos desempregados	3
Pai ou mãe reformado	2
Ambos trabalham	7
Só um é que trabalha	8

Retenções em anos letivos anteriores	
Alunos com 0 retenções	3
Alunos com 1 retenção	9
Alunos com 2 ou mais retenções	6

Situação familiar	
Casados	10
Divorciados/Separados	8

Habilitações Escolares dos Pais:



Profissão que gostariam de exercer no futuro:

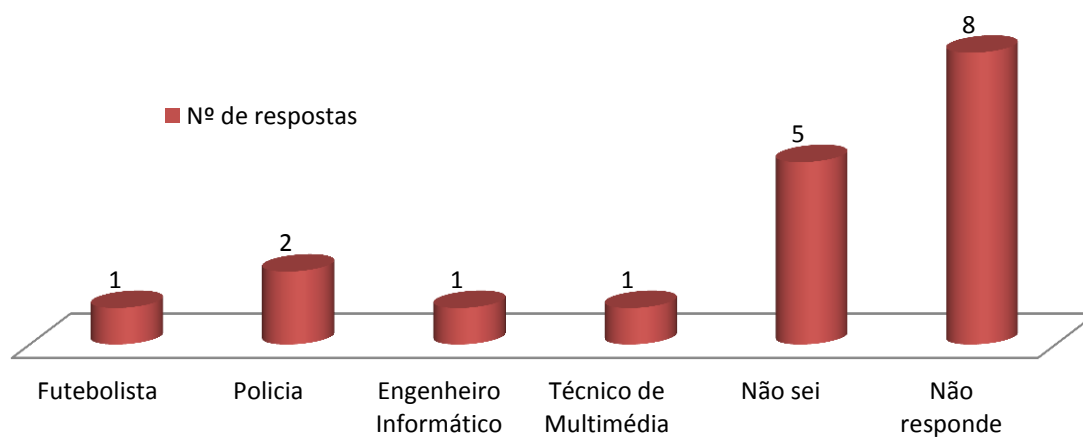


Tabela 5: Levantamento do contexto escolar, familiar e socioeconómico dos alunos que participam na investigação.

De acordo com o levantamento de dados efetuado, a turma é composta por 18 alunos que, de acordo com a observação empírica da investigadora, corresponde à caracterização tipo de uma turma do ensino profissional na área das TIC: são maioritariamente jovens do sexo masculino, registam retenções em anos escolares anteriores e as habilitações literárias dos progenitores são na sua maioria reduzidas. Este contexto não favorece de facto as perspetivas futuras positivas que os jovens têm para si, basta para isso analisar o gráfico contido na tabela 6, relativo à profissão que gostariam de exercer no futuro. Nessa questão, verifica-se que optam, na sua maioria, por não responder ou então por escreverem “não sei”.

Na ata da reunião de avaliação do primeiro período, relativamente ao comportamento, o conselho de turma referiu o seguinte “apresentam em geral fracos hábitos de estudo e de trabalho em sala de aula, evidenciando uma postura pouco responsável e pouco cumpridora perante as atividades letivas. Paralelamente, na sua generalidade, apresentam uma total ausência de valores ao nível do saber/estar na sala de aula”.

Como já tem sido referido, com frequência as turmas do ensino profissional são identificadas como sendo os grupos mais problemáticos das escolas, não sendo esta turma uma exceção. Além do insucesso escola, apresentam padrões de comportamentos desviantes, muitas vezes, por falta de referências positivas na sua vida. Perspetiva-se a urgência do espírito empreendedor, a valorização do capital humano destes jovens, como forma de organizarem o seu futuro e se habilitarem como profissionais valorizados no mercado de trabalho.

3.2.2 Onde

A implementação do programa de promoção ao empreendedorismo decorreu na turma do primeiro ano do Curso Profissional Técnico de Multimédia, do Agrupamento de Escolas da Senhora da Hora¹⁶, concelho de Matosinhos, distrito do Porto.

3.2.3 Quando

Durante o ano letivo 2012/2013. O programa de empreendedorismo foi aplicado nas aulas de “Design, Comunicação e Audiovisuais”, sendo necessário articular a planificação dos conteúdos da disciplina com a implementação do programa.

De acordo com o horário, a turma esteve dividida por turnos:

2ª Feira	3ª Feira
8:30 - 10:15 Primeira metade da turma	16:35 - 18:20 Segunda metade da turma

¹⁶ Página da Escola: <http://moodle.agrupamento-sra-hora.net/>

3.2.4 O quê

Como já foi referido na revisão de literatura, de um conjunto de iniciativas de promoção do empreendedorismo em funcionamento no presente ano letivo, a escolha do programa a implementar recaiu no programa A EMPRESA da *Junior Achievement Portugal*.



Figura 10: Logotipo do programa A Empresa.

A investigadora já conhecia o funcionamento do programa e considera que a JAP dinamiza uma estrutura de associados empresariais muito forte (comparativamente com os outros programas), que não só colaboram através de donativos financeiros mas sobretudo com a preciosa experiência dos seus colaboradores, que têm na JAP o papel de Voluntário de uma miniempresa, para aconselhar, acautelar, despertar o espírito empreendedor, criar nos jovens o desejo de pertencer a uma grande empresa e lutar por esse objetivo.

Outro aspeto muito valorizado é o facto de serem organizadas paralelamente competições que prolongam os conhecimentos adquiridos no programa A Empresa, como é o caso do *Enterprise Without Borders (EwB)*, *EwB Accenture Day*, *National GEP (Global Enterprise Project) Challenge* e as Feiras Ilimitadas. Estas competições paralelas são oportunidades para estimular nos alunos a prontidão no trabalho, uma vez que criam pressão para que se habilitem a participar, para fazer sempre cada vez mais e melhor, em prol do crescimento pessoal e do desenvolvimento das qualidades relevantes para o mercado de trabalho.

3.3 Modelo de análise

De acordo com o corpo teórico da presente investigação, foi construído o seguinte modelo de análise:

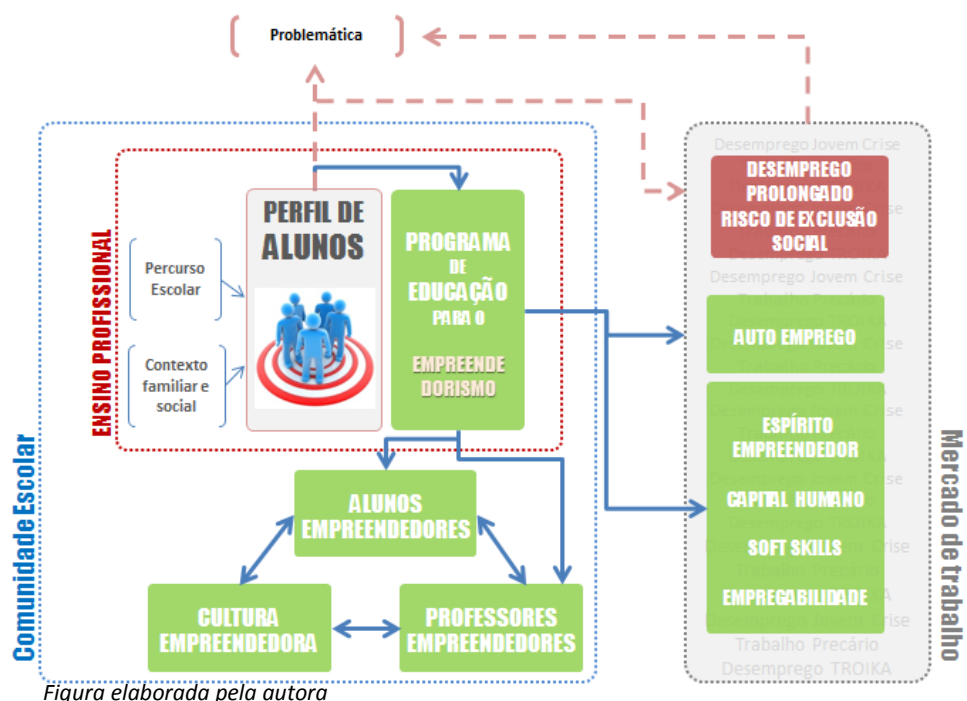


Figura 11: Modelo analítico da investigação.

Figura elaborada pela autora

O objetivo da presente investigação prende-se com o propósito de descrever e analisar todo o processo em torno da implementação de um programa de educação para o empreendedorismo no ensino profissional. Como já foi dito no capítulo 1, grande parte destes alunos optam pela via profissionalizante para mais rapidamente ingressarem no mercado de trabalho, cada vez mais exigente, seletivo e com poucas ofertas de emprego. Para além disso, o perfil de aluno envolvido acresce séria preocupação. Com frequência são alunos com percursos escolares marcados pelo insucesso escolar e por atitudes/comportamentos em oposição ao espírito empreendedor/capital humano que se procura num trabalhador. Os modelos de formação em vigor nas escolas têm sido incapazes de os preparar para a realidade que os espera. É expectável que sejam empurrados para o desemprego prolongado e para situações de risco e de exclusão social, sem perspetivas positivas quanto ao futuro. O que acontece a estes jovens se for introduzida uma **nova variável no sistema: um programa de educação para o empreendedorismo?** É o que se pretende estudar.

De acordo com a literatura publicada, as vantagens da promoção para o empreendedorismo e, por consequência, do fomento ao espírito empreendedor são muitas. O empreendedorismo é apontado como uma estratégia fundamental para reagir à crise e à recessão económica, uma vez que fomenta o autoemprego e o espírito empreendedor nos cidadãos, aguça-lhes a visão para estarem atentos a uma oportunidade de negócio que lhes garanta a sua própria sustentabilidade e de preferência, a de outros cidadãos, através da criação de emprego. As Escolas são as instituições que mais podem contribuir para a promoção da Educação para Empreendedorismo, não na sua vertente mais económica mas sobretudo na sua vertente comportamental, formando jovens com habilidades e qualidades desejáveis para o mercado de trabalho. Além disso, a formação escolar a este nível alimenta um ciclo vicioso desejável: para implementar um programa de Educação são necessários professores e alunos, que inevitavelmente trabalharão em conjunto o empreendedorismo e o espírito empreendedor, fomentando uma cultura empreendedora nas suas comunidades educativas.

Neste sentido, a investigadora procurará responder às seguintes questões de investigação:

1. Como implementar um programa de educação para o empreendedorismo no ensino profissional?

Aqui procurar-se-á conhecer os sucessos e constrangimentos que surgiram na implementação do programa numa disciplina do currículo.

2. Como se desenvolverá a participação e o envolvimento dos alunos nas atividades propostas?

É descrito o envolvimento e participação dos alunos no decorrer das atividades do programa A Empresa

3. Qual será o impacto do programa no aluno?

*Procurar-se-á saber, na perspetiva dos alunos, a apreciação sobre a sua participação no programa, analisando a relação entre as expectativas iniciais e as finais;
Pretende-se analisar a relação entre a participação dos alunos no programa de empreendedorismo e a forma como encaram a escola e o seu futuro;*

4. Qual a opinião dos professores da Comunidade Escolar relativamente à Educação para o Empreendedorismo nas escolas?

Perceber junto dos docentes da comunidade educativa como encaram a introdução do Empreendedorismo na Escola.

3.4 Preocupações de ordem ética

A Direção do Agrupamento foi devidamente informada a vinte e cinco de outubro de 2012 sobre o teor da investigação, os seus objetivos e metodologia, não havendo qualquer impedimento da sua parte, pelo contrário.

Na reunião com os Encarregados de Educação, que decorreu no dia nove de janeiro de 2013, estes foram informados sobre o programa A EMPRESA e a sua pertinência para o futuro dos jovens. Mostraram-se muito satisfeitos e aprovaram a participação dos alunos.

O conselho de turma também foi devidamente informado sobre o teor da presente investigação, apelando-se à colaboração de todos os professores.

Relativamente à turma, o facto de a investigadora ser, simultaneamente, a professora de DCA, a diretora de turma e a responsável pela implementação do programa “A Empresa” na sua disciplina, levanta alguns constrangimentos que são necessários acautelar, sobretudo, pelo perfil de alunos que participam na investigação. Alguns destes alunos apresentam uma postura e atitudes desviantes, protagonizando situações que não são social e eticamente aceitáveis, exigindo da investigadora um grande desafio a superar.

Neste sentido, não foi considerado relevante informar os alunos de que a sua experiência no programa “A Empresa” seria objeto de estudo. Os alunos participam voluntariamente, num ambiente natural, para que os dados recolhidos sejam “limpos” e isentos de possíveis intenções premeditadas. Importa ainda referir que a opção de não informar os alunos encontra-se de acordo com outros estudos nos quais a situação de investigação é mantida em completo segredo (Alves, 2007 citando Patton, 1990).

Desta forma, o “caso” é identificado, respeitando sempre o anonimato dos alunos, a confidencialidade dos dados recolhidos, havendo o compromisso por parte da investigadora de que a informação pessoal recolhida será apenas usada para efeitos da presente investigação e não será divulgada a terceiros.

Os alunos que participaram no programa foram 11, num universo de 18 alunos da turma. Na apresentação dos resultados, optou-se por designar Aluno1, Aluno2, Aluno3, ..., Aluno18.

3.5 Técnicas de Recolhas de Dados vs Instrumentos de recolhas de Dados

O recurso a múltiplas fontes de dados (evidências) é um dos traços característicos dos estudos de caso (Gomes, 2004). Da mesma forma, nenhuma fonte única possui uma vantagem indiscutível sobre as outras, ou seja, um bom estudo de caso utilizará o maior número possível de fontes de evidência que se complementarão entre si: documentação, entrevistas, observação participante, entre outras (Yin, 2001).

Na apresentação e análise dos dados, iremos incluir e cruzar informação proveniente de diversas fontes e instrumentos, tais como, a documentação facultada pela JAP, relativamente ao programa A Empresa, o trabalho produzido pelos alunos, os questionários propostos aos alunos, as informações da investigadora e professora da turma (conjunto de notas, observações, comentários e impressões diversas que evidenciam a forma como os alunos vivenciaram a experiência) e o questionário dirigido aos professores da comunidade escolar.

As técnicas de recolha de dados desta investigação referem-se essencialmente (1) à observação participante; (2) aos inquéritos por questionário e (3) à análise documental.

3.5.1 Observação participante

Tratando-se de um estudo de caso, a observação participante constitui a principal técnica de recolha de dados, no seio da qual a investigadora se envolve nas atividades que observa (Coutinho, 2005).

Segundo Martins (2006), num estudo de caso a observação é imprescindível, uma vez que permite “a recolha de dados de situações e envolve a perceção sensorial do observador”.

(Tuckman, 2000:523-524), afirma que numa “investigação qualitativa, a observação visa examinar o ambiente através de um esquema geral para nos orientar e que o produto dessa observação é registado em notas de campo”. O mesmo estudo refere ainda que o objetivo da observação é “tentar apreender tanto quanto possível, sem influenciar aquilo que está a olhar”.

No presente estudo, a investigadora é professora da turma e desempenha funções de diretora de turma, não sendo de todo uma estranha mas um elemento do grupo em que se insere. Foi a principal responsável pela implementação do programa A Empresa nas aulas de DCA, da forma mais natural e fluída possível, tendo a possibilidade de presenciar “em campo” as várias interações que ocorrerão e fazer registos à medida que o estudo se desenvolveu (envolvimento dos alunos nas várias tarefas, aula a aula, assiduidade, empenho, iniciativa, entre outros aspetos que se consideraram pertinentes registar). Esta forma de observação facultou um melhor conhecimento e compreensão da realidade, uma vez que permitiu escutar “as vozes dos alunos” acerca de aspetos relacionados com o desenvolvimento das miniempresas.

Na observação participante, os instrumentos de recolha de dados foram dois:

Diário de Campo

Grelha de observação de aulas

As grelhas de observação de aulas utilizadas serviram para registar informações relativas à assiduidade, pontualidade, comportamento e desempenho do aluno na aula. Já no Diário de Campo, escrito no Microsoft Word, houve o cuidado de descrever com mais pormenor o trabalho desenvolvido pelos alunos aula a aula, refletindo sobre o desempenho de cada um, relativamente à responsabilidade, empenho, interesse, autonomia, capacidade de trabalho em equipa, entre outros aspetos mais relacionados com o campo das atitudes e do comportamento, não descurando evidentemente a reflexão sobre o cumprimento das tarefas relativas a cada etapa da miniempresa, e avaliando o contributo de cada aluno na consecução das várias atividades.

3.5.2 Inquérito por questionário

O inquérito é uma das técnicas de recolha de dados numa investigação, seja ela de cariz quantitativo, qualitativo ou misto, que visa a obtenção de respostas dos participantes no estudo e pode ser implementada através de questionários (Coutinho, 2005).

Revelou-se pertinente para a presente investigação aplicar **três inquéritos por questionário**:

Questionário inicial aos alunos

Questionário exploratório, com apenas seis questões, para fazer o levantamento dos alunos que, antes de lhes ser apresentado o programa A Empresa, já tinham conhecimento sobre o que era o empreendedorismo e o que estava envolvido em ser-se empreendedor. Foi aplicado a todos os alunos da turma no dia 16 de novembro de 2012 (ver Anexo 1).

Questionário final aos alunos

No final da implementação do programa A Empresa, foi aplicado aos alunos um questionário de opinião sobre todo o processo¹⁷, no sentido de perceber e analisar a influência que a implementação do programa A Empresa exerceu a nível pessoal, escolar, social e relativamente às perspetivas futuras. Permitindo: (1) observar o que cada aluno achou do programa, (2) avaliar o seu contributo na consecução das várias tarefas, no trabalho em equipa, (3) os principais desafios/dificuldades apontadas, (4) sugestões, (5) o que cada aluno aprendeu com a experiência, e (6) de que forma relaciona o empreendedorismo com a profissão que gostaria de exercer no futuro. Este inquérito foi aplicado a 13 alunos no dia 6 de maio de 2013 (ver Anexo 2).

¹⁷ <https://docs.google.com/forms/d/1r2KR-MBPKnqPrjr92DFkJuXLFGBiQPRfZuEhgV08tQ/viewform>

Questionário direcionado aos professores da comunidade escolar

No sentido de perceber o que pensam os professores do Agrupamento sobre a educação para o empreendedorismo nas escolas, cerca de 160 professores do agrupamento foram convidados via *e-mail* para responder ao questionário *online*¹⁸ que pretendia auscultar os profissionais da educação/formação que se encontram no terreno, sobre o que pensam relativamente ao fomento do empreendedorismo nas escolas, tendo a oportunidade de se pronunciarem sobre: (1) o que está envolvido no empreendedorismo; (2) em ser empreendedor; (3) a importância que atribui à promoção do empreendedorismo nas escolas; (4) as iniciativas de educação para o empreendedorismo que conhece; (5) se já esteve envolvido em alguma iniciativa; (6) o que tem sido feito nas escolas para a promoção do empreendedorismo; (7) principais desafios e sugestões para a educação para o empreendedorismo; (8) os professores do ensino profissional, foram ainda convidados a (8.1) caracterizarem um aluno do ensino profissional; (8.2) refletirem sobre a importância da educação para o empreendedorismo em especial no ensino profissional; (8.3) indicar sugestões práticas facilitadoras da promoção do empreendedorismo no ensino profissional (ver Anexo 3).

Os questionários acima referidos foram desenvolvidos especificamente de acordo com o contexto da investigação e, na sua construção, procurou-se colocar questões simples e diretas. Os questionários são constituídos por vários tipos de questões, entre elas questões nas quais os alunos se posicionavam segundo uma escala de *Likert* de cinco itens (“Não concordo totalmente”, “Não concordo parcialmente”, “indiferente” “Concordo parcialmente”, “Concordo Totalmente”). A opção prendeu-se com o facto de escala de *Likert* ser a escala mais usada em pesquisas de opinião. A resposta a um questionário baseado nesta escala, permite especificar o nível de concordância com uma afirmação.

Os questionários também incluíram perguntas de desenvolvimento, para que os alunos/professores pudessem escrever livremente relativamente a determinados pedidos de opinião.

O primeiro questionário aos alunos foi construído no *Microsoft Word*, impresso e aplicado na aula do dia 16 de novembro de 2012. Todos os alunos presentes responderam e entregaram.

O segundo questionário aos alunos foi construído através do *Google Drive*. Aqui o preenchimento por parte dos alunos foi *online*, uma vez que havia condições na sala de aula para o fazer (as aulas foram sempre em salas de informática, com computadores e ligação à *internet*). Pela dimensão do questionário, tornou-se mais prático, eficaz e rápido apresentá-lo em formato digital, *online*, cujas respostas são automaticamente guardadas numa folha *Excel*, uma vantagem que não existe no questionário apresentado em papel. Apenas dois alunos não responderam porque faltaram à aula.

Finalmente, o terceiro questionário, dirigido aos professores, foi também desenvolvido no *Google Drive*, à semelhança do questionário aos alunos. **O universo de professores no Agrupamento é composto pelos 160 professores** inscritos na plataforma *moodle* do Agrupamento. Foram enviados três

¹⁸ <https://docs.google.com/forms/d/16RZ1EEurtQxGThMnQrDM9F3pbyMoAM6ZXGr8zl-gzvc/viewform>

e-mails a solicitar a colaboração de todos para o preenchimento do questionário: 28 de maio de 2013, 1 de junho de 2013 e 5 de junho de 2013. Até dia 7 de junho de 2013, **responderam 32 professores**.

Para o tratamento dos dados das questões fechadas, foi efetuada uma análise descritiva das frequências relativas das respostas que se organizaram em tabelas e em gráficos (utilizando como ferramenta de tratamento de dados o *Microsoft Excel*) para uma melhor visualização e estruturação da informação. Relativamente às questões de resposta aberta, procedemos à categorização das respostas e à apresentação descritiva das ideias mais dominantes. O tratamento de dados quantitativos obtidos nos questionários, serão tidos como uma estatística descritiva.

3.5.3 Análise documental

A análise de documentos traz vantagens ao investigador auxiliando-o com informação adicional precisa e concreta para o desenvolvimento do seu estudo. O material recolhido e analisado é utilizado para confirmar evidências de outras fontes ou acrescentar outros dados relevantes para o estudo.

Deste modo revelou-se necessário proceder à análise de vários documentos, seguidamente identificados:

Documentos sobre a turma

Para melhor caracterizar a turma do ensino profissional que faz parte do objeto de estudo é importante consultar e analisar as fichas individuais dos alunos, onde constam informações do foro pessoal, como por exemplo, agregado familiar, situação profissional dos pais, retenções em anos letivos anteriores, hábitos de estudo, registos disciplinares, entre outros aspetos. Uma vez que a Investigadora é diretora de turma destes alunos, o acesso a esta informação é facilitado, sempre consciente das preocupações éticas e de sigilo que pautam a presente investigação.

Documentos do programa de empreendedorismo

A primeira técnica de recolha de dados acionada foi a análise do “Manual do Programa A EMPRESA 2012-2013” e do “Regulamento e Critérios de Avaliação 2012/2013”, que são disponibilizados pela JAP para os professores e alunos que participam no programa, no sentido de conhecer as várias atividades a implementar ao longo do ano letivo e os critérios de seleção para as várias competições do programa. A prioridade desta análise deveu-se também à necessidade de perceber os ajustes que eram necessários realizar ao nível da planificação curricular da disciplina de DCA, para que a integração do programa com a planificação decorresse sem prejuízo para a lecionação dos conteúdos esperados para a disciplina no corrente ano letivo.

Documentos produzidos pelos alunos

Foram analisados os documentos produzidos pelos alunos no âmbito do programa A EMPRESA uma vez que permitiram avaliar o desempenho dos alunos na realização de determinada tarefa (esse

documento foi feito por iniciativa própria? está completo? bem escrito? ...foi feito “à pressa” ou houve cuidado na expressão escrita e na sua apresentação? entre outros aspetos) Estes aspetos revelam muito sobre a dedicação que os alunos imprimiram ao projeto.

3.6 Técnicas de análise de dados

De acordo com Bogdan e Biklen (1994:225), “a análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta de aspetos importantes do que deve ser apreendido...”.

Os dados recolhidos ao longo do estudo através das técnicas e instrumentos de recolhas de dados anunciados anteriormente, foram analisados através de técnicas de análise de conteúdo, organização, descrição, síntese, triangulação e interpretação dos dados, de forma a responder às questões formuladas na investigação (Tuckman, 2000).

Deste modo, a análise e tratamento dos dados consistiu na procura e na “organização sistemática de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou” (Bogdan e Biklen, 1994:205).

Para Yin (2001:137), “a análise de dados consiste em examinar, categorizar, classificar em tabelas, testar ou, pelo contrário, recombina as evidências (...) para tratar as proposições iniciais de um estudo”. Após a recolha dos dados, estes foram analisados e comparados com outros dados obtidos através de outros instrumentos utilizados neste mesmo estudo.

Nos estudos de caso, uma das formas de assegurarmos o reconhecimento do rigor metodológico consiste numa documentação aprofundada do estudo. Neste sentido, a investigadora procurou ser clara nas suas descrições, enriquecendo-as com todas as evidências que suportam a sua interpretação, ou seja, procurou produzir resultados bem documentados e pormenorizados, recorrendo a diversas triangulações, quer em relação às diferentes fontes de recolha de dados quer em relação ao tipo de abordagem metodológica utilizada.

3.7 Estrutura da metodologia de investigação

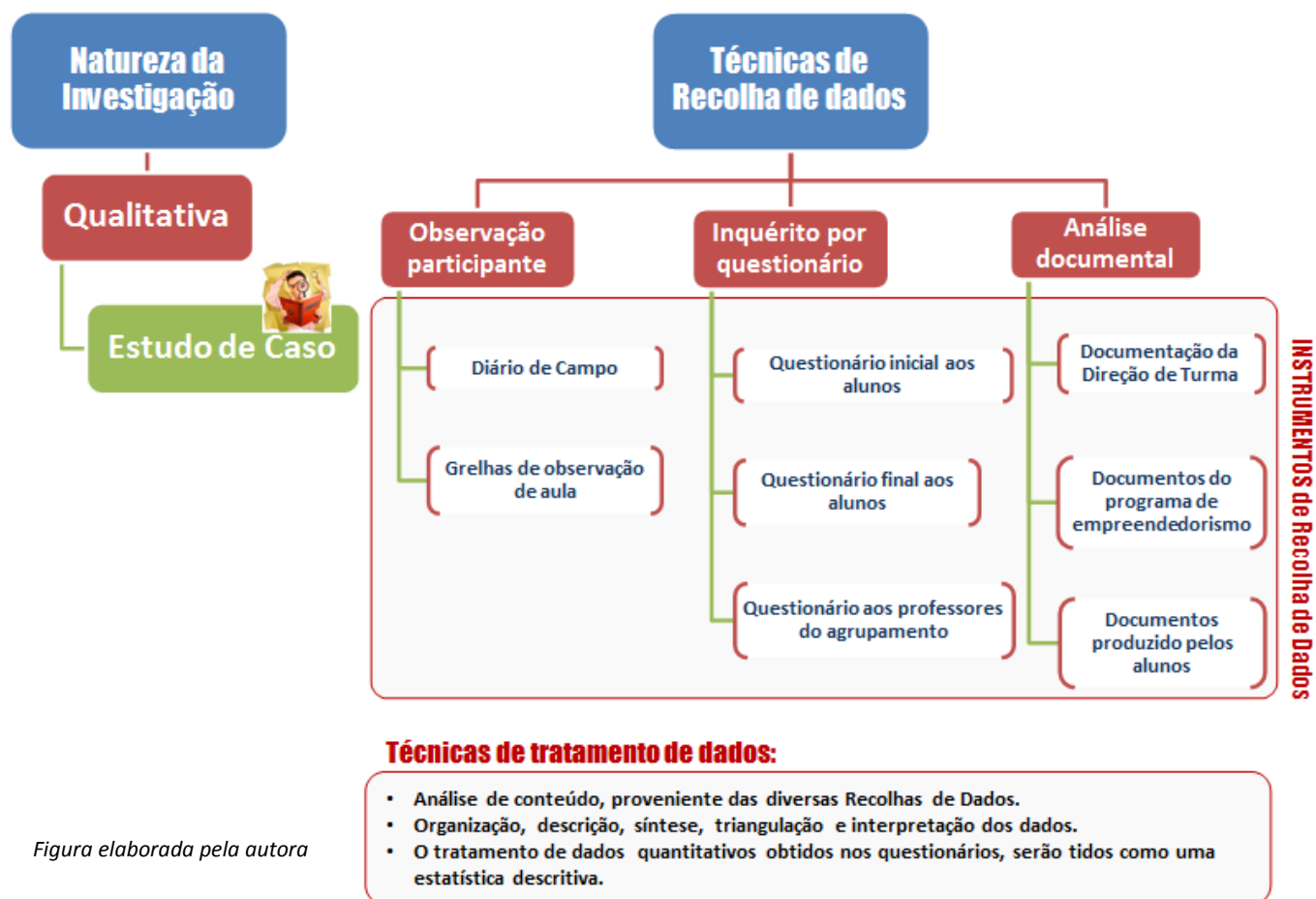


Figura elaborada pela autora

Figura 12: Diagrama que define a estrutura da metodologia de investigação.

Capítulo 4

Apresentação e análise dos resultados

Neste capítulo são apresentados os resultados produzidos pela análise de dados provenientes das diferentes técnicas de recolhas de dados e respetivos instrumentos, conforme justificado no capítulo anterior.

A apresentação dos dados será acompanhada de uma breve análise de resultados. A discussão ficará reservada para o capítulo final, que versa sobre as conclusões do estudo. O presente capítulo obedecerá à seguinte estrutura:

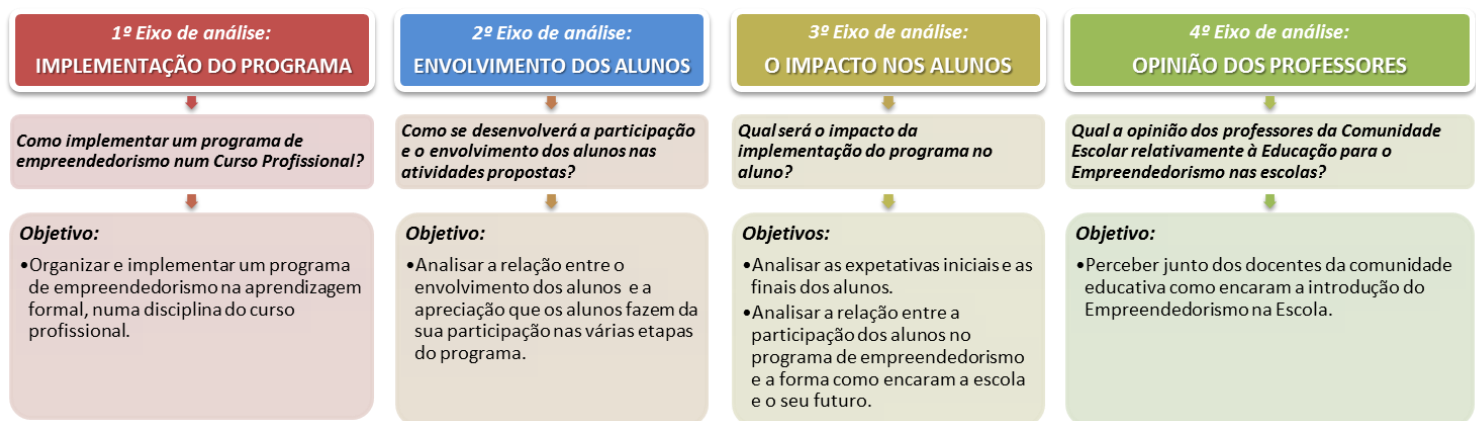


Figura elaborada pela autora

Figura 13: Eixos de análise da investigação.

De acordo a Figura 13, inicialmente é descrito o que foi feito para que fossem reunidas as condições para a implementação do programa A EMPRESA na disciplina de DCA.

De seguida, é apresentada uma descrição temporal da evolução do desenvolvimento do programa, sendo referido o trabalho que os alunos foram desenvolvendo etapa a etapa, analisando o envolvimento dos alunos de acordo os dados recolhidos das grelhas de observação de aula e do diário de campo.

No terceiro eixo de análise, o foco é dirigido para a análise dos questionários (inicial e final) aplicados aos alunos.

Por último, é analisado o ponto de vista dos docentes que responderam ao questionário dirigido aos professores do Agrupamento, relativamente à Educação para o Empreendedorismo nas escolas.

4.1 Eixo 1 e 2 – Implementação do programa A Empresa e o envolvimento dos alunos

Depois de definida a metodologia a aplicar na investigação, o ponto de partida para o processo de implementação foi a inscrição no programa A EMPRESA, através do site oficial¹⁹, tendo a investigadora enviado um *e-mail* à responsável pelo programa na zona norte e centro, a Dr^a Verónica Couto. Este *e-mail* aconteceu a 24 de outubro de 2012. No próprio dia a investigadora obteve resposta, a confirmar o interesse da JAP em trabalhar com a escola.

A partir desse momento é despoletado o processo de acompanhamento e disponibilidade por parte da JAP, na figura do responsável do programa que trabalha diretamente com os professores, neste caso, a Dr^a Verónica. É importante referir que a este nível, os responsáveis da JAP são irrepreensíveis, existindo um acompanhamento efetivo seja via *e-mail*, telemóvel ou presencial.

A JAP organizou a 2 de novembro de 2012, uma sessão de formação de professores do programa A Empresa 2012/2013, que teve lugar nas instalações do Millennium BCP, no Porto. Esta sessão de formação marca o arranque do programa, uma vez que, primeiro, são os professores a serem devidamente informados sobre toda a dimensão do programa, sendo um espaço para obter informações atualizadas, esclarecer dúvidas, trocar experiências, estabelecer contactos e tirar ideias do que já foi feito. O programa da sessão é apresentado na Figura 14.

Programa da Sessão de Formação | 2 novembro

10:00 - Sessão de Abertura
10:30 - Explicação do programa Empresa
10:30-11:00 - Abordagem ao Plano de Negócios (Octávio Viana - MBCP)
11:00-11:30 - Marketing & Comunicação (convidado)
11:30-12:00 - Responsabilidade Social e Ambiental (Sofia Lage - Fundação EDP)

12:00-13:30 Almoço (oferta para os professores inscritos)

13:30-14:00 – Inovação (Norberto Amaral – SONAE)
14:00-14:30 - Eventos
14:30-15:00 - Best Practices (Pedro Cruz Gonçalves, voluntário Morais Leitão. Amanda Chohfi, professora CLIB. Expand-It e ICTUS, ex-alunos)
15:00-15:10 Encerramento

Figura 14: Programa da Sessão de formação para professores, do programa A Empresa, JAP.

A investigadora esteve presente, tendo a oportunidade de conhecer a evolução do programa A Empresa, relativamente à forma como estava organizado em 2008/2009. Comparativamente a essa altura, a investigadora pôde constatar que a própria família JAP está maior, as escolas que aceitam o programa são cada vez mais, sendo os programas essencialmente os mesmos. A grande novidade incide nas competições que dinamizam paralelamente ao programa A EMPRESA, despertando os jovens para as tendências do mercado e da globalização. Nota-se aqui da parte da JAP, o espírito empreendedor que promove, procurando ela

¹⁹ http://portugal.ja-ye.org/pls/apex31mb/f?p=17000:1002:3551989447155460:::1002:P1002_HID_ID:9218,7

própria procurar a constante atualização dos seus programas, de acordo com a conjuntura económica, empresarial e financeira.

Segundo a apresentação da sessão, posteriormente facultada aos professores, foi interessante notar o crescimento do programa A Empresa nos últimos anos. Em 2008/2009, o programa A Empresa funcionou apenas nas cidades de Lisboa e Porto, envolvendo um total de 34 turmas, 600 alunos, 34 professores e 50 voluntários, que dinamizaram um total de 100 miniempresas. Em 2011/2012, o programa A Empresa funcionou em Lisboa, Porto, Trás-os-Montes e Alto Douro, Zona Centro e Algarve, envolvendo 2352 alunos de 148 turmas, 172 professores, 179 voluntários para dinamizar um total de 334 miniempresas (Figura 15). Sem dúvida, um crescimento muito positivo, indicador de que as escolas estão, de forma gradual, a perceber a importância de fomentar nos jovens o espírito empreendedor. Outra grande alteração prende-se com os manuais do programa para professores e alunos, que antes tinham a forma de livros que se entregavam aos professores participantes. Atualmente, os manuais estão mais condensados, com o conteúdo mais objetivo e claro, sendo distribuídos via *e-mail*, revelando uma consciência ambiental apurada, para além da vantagem da redução de custos.

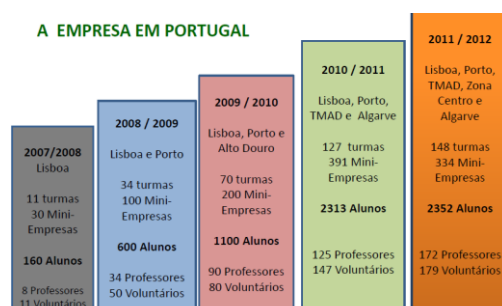


Figura 15: Crescimento do programa A Empresa em Portugal.

Outro aspeto que importa referir tem a ver com a disciplina que deixou de existir no currículo dos alunos em 2011/2012: Área de Projeto de 12º ano. Esta disciplina fomentava a metodologia de projeto, aplicado a qualquer temática da conveniência dos professores e alunos. Era um espaço no horário letivo que reunia as condições desejáveis para a implementação do programa A Empresa, facilitando a aceitação por parte dos alunos e dos professores. Desde que deixou de existir esta disciplina, a JAP sente maior dificuldade em encaixar nas escolas o programa, uma vez que os professores e alunos deixam de ter um espaço no horário para se dedicarem a este tipo de iniciativas. Esta alteração influenciou bastante o ritmo de crescimento do programa A Empresa, pois comparando o volume de alunos que participaram em 2010/2011 com 2011/2012, a nível nacional, temos 2313 e 2352 respetivamente, verificando-se portanto, um ténue crescimento.

Deste modo, de acordo com a observação empírica da investigadora, os professores que atualmente implementam o programa nas suas turmas, lecionam sobretudo nos Cursos Profissionais das áreas da Economia, Gestão, Comércio, Marketing, Secretariado, Práticas Administrativas ou, por outro lado, professores que lecionam no ensino privado, cujo projeto educativo faz questão de promover iniciativas de Educação para o Empreendedorismo junto dos seus alunos (por exemplo, o Colégio Luso Inglês de Braga, inseriu no plano curricular dos alunos do secundário a disciplina de *Business*, pelo que implementam o programa nesta disciplina).

Depois da formação aos professores, a **6 de novembro de 2012** são distribuídos via *e-mail* o Manual do programa A EMPRESA, os Critérios e Regulamento A EMPRESA 2012/2013 e é solicitado aos professores que preencham e enviem o Protocolo de Colaboração assinado pela direção da escola, Autorização para utilização vídeo/imagem, uma vez que todos os alunos que participam no programa A EMPRESA 2012/2013 devem devolver a declaração assinada pelo respetivo encarregado de educação. A autorização refere-se à utilização de vídeos e fotografias dos alunos em eventos que o programa organize (contudo a não autorização não invalida a participação no programa) e foi solicitado aos professores que se registassem na plataforma *Enterprise without Borders*. No mesmo *e-mail* foi solicitado aos professores que tomassem os primeiros passos junto dos alunos.

É importante que, nesta fase de arranque, os professores procedam aos ajustes necessários para que o programa da disciplina onde será aplicado A EMPRESA seja cumprido e que o processo de avaliação decorra dentro das normas definidas em sede de Escola/Agrupamento.

4.1.1 Evolução temporal do programa e análise do envolvimento dos alunos

Neste sentido, foi necessário analisar cuidadosamente a planificação da disciplina para o corrente ano letivo, para perceber de que forma poderiam ser cruzadas as etapas do programa A Empresa com os Módulos a lecionar (Módulo 1 – “Fotografia Digital”, no 1.º período e Módulo 2 - “Teoria do Design”, no 2.º e 3.º período). A investigadora procurou equilibrar na “balança” a planificação da disciplina e a calendarização do programa A Empresa. De seguida é apresentada uma descrição do processo de implementação aula-a-aula, acompanhada de uma breve análise ao envolvimento dos alunos no programa.

16.NOV.2012

Apresentação do programa A EMPRESA à turma

Primeiro foi-lhes pedido para preencherem o questionário exploratório, para averiguar o que os alunos sabiam sobre Empreendedorismo.

De seguida foi apresentado o vídeo institucional da JAP, para motivar os alunos para o programa/competição. Seguiram-se vídeos de reportagens de miniempresas de anos letivos anteriores. No 2.º bloco, recorrendo a uma apresentação do *Power Point*, foi-lhes explicada a importância do programa no seu percurso formativo e profissional, abordando o cenário económico e financeiro mundial, alertando para a falta de oportunidades de emprego, tendo neste programa um instrumento fundamental para reagirem positivamente a esta conjuntura. Para terminar foram dadas sugestões para que fossem interligados os conteúdos de multimédia neste projeto.

Estiveram presentes todos os alunos, que ouviram atentamente a explicação e, a certa altura, enquanto viam os vídeos, alguns já perguntavam se podiam participar. Um aluno inclusive conhecia um jovem que fez parte da miniempresa **Ictus**, vencedora da competição nacional em 2011/2012. Por outro lado, dois/três alunos afirmaram logo que não queriam participar, por se tratar de um projeto muito exigente. Os restantes alunos, optaram por uma postura mais observadora e reticente perante a novidade. No geral, o balanço foi positivo.

19 e 20.NOV.2012

Discussão de ideias

A aula foi reservada para melhor contextualizar os alunos para o programa A EMPRESA. Aproveitaram para pesquisar ideias na *internet* no sentido de definirem um produto ou serviço. Auscultaram-se os alunos relativamente às equipas de trabalho e à distribuição dos cargos. Nesta fase adivinhavam-se duas empresas, estando no ar a possibilidade de se formar uma terceira. A investigadora distribuiu pelos alunos o Manual e os Critérios e Regulamento do programa, para que pudessem ir lendo. Foi solicitado aos alunos que pesquisassem e trouxessem ideias para a miniempresa.

Os alunos estavam um pouco “perdidos”, e notou-se alguma dificuldade em realizar uma pesquisa de ideias de forma organizada e estruturada. Por exemplo, no geral, pesquisaram ideias inovadoras, no *Google Images*, usando palavras pouco significativas. Foram aconselhados a fazerem um breve estado da arte, para perceber o que já foi feito pelas miniempresas, a forma como se organizaram e se apresentaram para o mundo, registando essa informação num editor de texto. Foi também necessário dar-lhes sugestões de como devem pesquisar, variando as palavras e usando expressões. Antes da aula terminar, foi solicitado aos alunos que continuassem a pesquisa em casa, uma vez que as próximas três aulas seriam reservada para terminar o Módulo 1, seguido das férias de Natal. Era importante em janeiro ter uma ideia bem definida do que se pretendia fazer.

DEZ.2012

Interrupção no programa + férias de Natal


As semanas de 26 de novembro, 3 e 10 de dezembro, foram reservadas a avaliação para o Módulo 1 – “Introdução à Fotografia”- originando uma interrupção no projeto, que acrescida das férias de Natal, estendeu-se até ao 2.º período. Contudo, durante a interrupção, a investigadora incentivou os alunos a trabalharem fora da aula, para pesquisar e trazer em janeiro uma ideia para um produto/serviço para a miniempresa.


A investigadora criou um espaço no *moodle* para o programa “A Empresa”, para disponibilizar os documentos, *links* relacionados com o projeto, de modo a estar sempre disponível para os alunos. Encontrava-se na disciplina de DCA, onde os alunos já estavam inscritos e habituados a aceder.

Programa "A Empresa"


A **EMPRESA** é o programa bandeira da Junior Achievement. Considerado uma best practice pela Comissão Europeia, conta igualmente com o alto patrocínio de sua Ex.^a o Presidente da República. O programa desafia alunos do ensino secundário a criar e a gerir uma mini-empresa, ao longo de um ano letivo e em contexto sala de aula. Uma vez constituída a equipa/mini-empresa, os alunos contam com o apoio do professor e de um voluntário para que, num trabalho em equipa, consigam atingir os objetivos que o programa propõe:

1. Organizar uma mini- empresa;
2. Desenvolver um plano de negócios;
3. Gerir uma mini-empresa;
4. Liquidar uma mini-empresa.


 PPT - apresentação do programa aos alunos

 Manual do programa "A Empresa" - (palavra de acesso: ae2011)

 Critérios e regulamentos 2012/2013 - (palavra de acesso: ae2011)

 Atividades a desenvolver

 Questionário JAP

 Proposta de trabalho "Novos modelos de negócio"


 PPT - À procura de uma ideia

Figura 16: Parte reservada para o programa A EMPRESA, disponível no moodle.

Até então, os alunos haviam formado duas equipas mas ainda não sabiam muito bem o que fazer nas suas miniempresas, uma por cada turno, num total de onze alunos. Contudo havia um grupo de alunos, sobretudo no turno 2, que não estava interessado em participar no programa. Era necessário planificar para estes uma atividade de modo a que pudessem desenvolver os conteúdos pretendidos no módulo 2 e para que os elementos de avaliação fossem semelhantes ao projeto das miniempresas. Estando eles a frequentar um curso profissional Técnico de Multimédia, a investigadora propôs aos sete alunos não participantes para dinamizarem na escola a Oficina de Multimédia, no fundo uma miniempresa local, organizando-se em grupo, dividindo tarefas, para desenvolver a imagem corporativa da Oficina, nomeadamente em matéria de divulgação, organização, entre outros aspetos. Esta ideia foi bem recebida pelos alunos e assim foi mais fácil gerir o trabalho dos alunos em sala de aula.

Durante a interrupção letiva foi estabelecido o contacto com o voluntário que iria acompanhar as miniempresas, que exerce funções na Direção de *Marketing* do grupo Sonae, ficando agendada uma visita à turma para o dia 22 de janeiro de 2013.

A **17 de dezembro** de 2012, a Dr^a Verónica forneceu informações sobre o primeiro evento do programa A EMPRESA: o *EwB Day*, a realizar-se no dia 15 de Fevereiro de 2013 nas instalações da Accenture em Lisboa. A data limite de candidatura das equipas era até as 00:00 no dia 25 de Janeiro. Os requisitos de candidatura exigiam uma Carta de Motivação em inglês e o preenchimento *online* de um *Quiz*. Seriam selecionadas apenas 10 equipas para estarem presentes no *EwB Day*. Uma vez que estávamos atrasados de acordo com o programa, optou-se pela não participação neste evento.

Foram preparadas grelhas de registo do trabalho a desenvolver no projeto, onde cada miniempresa deveria registar um sumário do trabalho desenvolvido aula a aula e referir o que cada elemento produziu nessa aula.

7 e 8 .JAN.2013

Início do módulo 2 e retoma do programa A EMPRESA

Com o arranque do segundo período, era importante avançar no programa e claro, iniciar o Módulo 2 “Teoria do Design”.

A aula de 7 e 8 de janeiro, a primeira do segundo período, serviu para introduzir a matéria relativa ao Design e seus tipos e motivar os alunos para aplicarem esses conceitos nas miniempresas e na oficina de multimédia: *design* de produto (para definição das características do produto, materiais a escolher, funcionalidade, etc.), *design* gráfico (para a criação do logotipo, imagem corporativa, folheto descritivo), *design* digital (para a criação da página web da mini empresa, criação do vídeo promocional, etc.).

A investigadora considera que o programa A EMPRESA se integrava bem com a matéria a lecionar, uma vez que os alunos podiam desenvolver ideias direcionadas para o seu próprio negócio, uma ideia muito diferente dos trabalhos académicos a que estavam habituados a fazer. Tinham no programa A EMPRESA a oportunidade de desenvolver uma ideia e promovê-la num projeto muito próximo da realidade do mercado de trabalho.

Estava lançado o desafio, a desenvolver sobretudo no segundo período. Nesta aula foi necessário reformular as equipas e os cargos dos seus elementos, uma vez que houve saída de alunos da turma. Nesta aula ficaram definidas duas miniempresas, sem nome atribuído, pois este deveria estar de acordo com o produto/serviço a comercializar. Quando se lhes perguntou se tinham trabalhado nas férias para encontrar ideias interessantes, não houve resposta. Na aula a investigadora distribuiu tarefas pelos vários elementos. Enquanto que uns tentavam descobrir um nome para a mini empresa, outros pesquisavam ideias. Perante a indefinição do produto/serviço a desenvolver, a investigadora, mais uma vez, solicita aos alunos para que possam trazer para a próxima aula uma pesquisa de cinco ideias de negócio interessantes que fossem inspiradoras, que despoletassem uma ideia. Os alunos que estavam a trabalhar na Oficina de Multimédia, adaptariam o trabalho de casa, pesquisando sobre esse assunto, sobretudo para perceber que tipos de serviços são disponibilizados numa oficina de multimédia. O trabalho teria de ser submetido no *moodle*, em “Proposta de Trabalho “Novos modelos de negócio””, era portanto de caráter obrigatório (Figura 16).

Nesta aula foi criada uma conta na *Dropbox* para que as miniempresas tivessem um espaço *online* para guardar os documentos que fossem produzindo, disponíveis para consulta quer para os alunos quer para a professora.

14 e 15.JAN.2013

Definição do produto e do nome das miniempresas

Nesta aula era importante definir a ideia de negócio nas duas miniempresas. A aula iniciou-se com a solicitação da apresentação dos trabalhos de casa. Verificou-se que apenas um aluno tinha pesquisado ideias de negócio interessantes e inovadoras, precisamente um aluno não participante no programa A EMPRESA, mas da Oficina de Multimédia. A investigadora, para dar o exemplo, fez o trabalho de casa e apresentou à turma cinco exemplos ideias de negócio que pudessem aproveitar (Figura 16, no tópico “PPT – À procura de uma ideia”).

Nesta aula, em discussão com os alunos, foi possível definir melhor a ideia de negócio para as miniempresas, embora se reconheça que da parte dos alunos não tenha partido nenhuma ideia inovadora. Era necessário avançar no projeto com uma ideia que fosse possível concretizar. Optou-se por “olhar” para a realidade escolar e desenvolver algo relacionado, como podemos ver no excerto escrito no diário de campo:

“Nas aulas de 7, 8, 14 e 15 tenho trabalhado com os alunos na procura de ideias para o serviço/produto para as miniempresas, e tem sido um desafio (os alunos do profissional são pouco empenhados... o que exige de mim maior "malabarismo" e maior trabalho de casa) mas já temos algumas ideias: uma miniempresa trabalhará, o ecodesign, passando pela reutilização de computadores obsoletos e a outra miniempresa, teve a ideia de converter o cartão de estudante numa pulseira, pelo seu lado prático e estético”

Das aulas dessa semana saíram os nomes *FARMENN* e *Student Bracelet* para as miniempresas. Com esta informação, cada mini empresa criou um *e-mail* e um *blog*. O *blog* foi sugestão da investigadora, como forma de registarem semana a semana a evolução do projeto, informando sobre o trabalho desenvolvido pelos elementos da mini empresa, contactos realizados, entre outros aspetos relativos ao processo. Não substituiria o *site*, pois este teria um carácter institucional, à semelhança de uma empresa real.

Uma vez que na semana seguinte teríamos a primeira visita do voluntário, foi solicitado aos alunos que preparassem uma apresentação de cinco minutos, que fosse um *pitch* da ideia de negócio.

Apesar das solicitações por parte da professora, constatou-se que os alunos não trabalharam em casa em prol do projeto, esperando pela aula para o fazer. O ritmo de trabalho dos alunos é, no geral, lento e os alunos demonstram pouca autonomia, acabando por ser a professora a ter de distribuir tarefas.

21.JAN.2013

Início da projeção do plano de negócios

Nesta aula, a miniempresa *FARMENN*, abrange todos os elementos do turno. Desenvolverão uma ideia de negócio relacionada com o *EcoDesign*, aproveitando equipamento tecnológico inutilizado para criar objetos novos e úteis. Nessa aula realizaram o seguinte:

- Inscreveram-se no site da JAP e responderam ao inquérito inicial.

- O Diretor de Marketing, é responsável por criar vários logotipos, para escolherem o melhor.
- O Presidente e Diretor de TIC, é responsável pelo *blog* e por acompanhar o trabalho dos restantes membros.
- O Assessor da Direção, é responsável pela burocracia da miniempresa – preparou um documento com a informação pessoal dos vários elementos e a sua função.
- O Diretor de Operações e o Diretor de Recursos Humanos, ficaram responsáveis pela elaboração da primeira versão do plano de negócios, de acordo com as orientações da Missão 2 da Etapa 1, do Manual.
- O Diretor Financeiro e o Diretor de Vendas, estiveram ocupados com pesquisa de informação – ideias para produtos, fazendo um levantamento do material necessário para a sua produção e procurando perceber o processo produtivo.

Ainda que os alunos tenham estado a trabalhar, constatou-se que um bloco de 100 minutos não permite rentabilizar o que se gostaria. Logo toca e os alunos só voltam a trabalhar na semana seguinte. A miniempresa *Student Bracelet* não teve aula para trabalhar, uma vez que o seu turno iria ser ocupado com a visita do voluntário, no dia seguinte.

22.JAN.2013

Primeira visita do Voluntário

Verificou-se uma grande expectativa relativamente à primeira visita do voluntário, uma vez que se trata de alguém desconhecido e, sobretudo, porque vem do mundo empresarial. A investigadora considerou importante que todos os alunos assistissem à aula, pelo que falou com o professor do turno 1 para que toda a turma estivesse reunida.

O voluntário começou por se apresentar à turma, falando um pouco do seu percurso profissional na Sonae, falando brevemente dos projetos que já abraçou.

A seguir, falou das tendências de mercado atuais, mostrando o que os consumidores compram atualmente e mostrou exemplos de empresas/companhias que percebem as necessidades sociais do seu meio e promovem ações de responsabilidade social e ambiental.

Reservou os últimos minutos da aula para ouvir os membros das miniempresas sobre o que pensam fazer, aconselhando-os. Marcou trabalho de casa até à próxima visita, 26 de fevereiro. Mostrou-se disponível para ajudar no que fosse necessário.

A turma portou-se muito bem, estiveram em silêncio a ouvir. No que diz respeito à participação, foram pouco participativos. Apenas um aluno colocava questões. Estiveram presentes 16 alunos.

28 e 29.JAN.2013

Continuação da projeção do Plano de Negócios

Os alunos continuaram a definir o âmbito da miniempresa, respondendo a questões relacionadas com o produto, materiais a usar, produção, público-alvo, onde comprar o material para a produção, quanto custa, entre outras questões devidamente identificadas no Manual.

Na miniempresa *Student Bracelet*, uma vez que os alunos não tiveram aula na semana anterior devido à visita do Voluntário, estiveram ocupados da seguinte forma:

- Inscreveram-se no site da *Junior Achievement* Portugal e responderam ao inquérito inicial.
- O Presidente e Diretor de Vendas, ficou responsável por fazer o levantamento dos dados pessoais dos membros da miniempresa e trabalhar na projeção do Plano de Negócios
- O Assessor da Direção e diretor financeiro, esteve a atualizar o *blog*.
- O Diretor de Marketing, esteve a trabalhar no logotipo.
- O Diretor de TIC, foi falar com o Sr. Diretor do agrupamento sobre a composição dos cartões de estudante.

Todos os alunos estiveram presentes e trabalharam na aula. Nessa semana, a Dr^a Verónica Couto relembra aos professores dos requisitos da próxima competição, o GLOBAL ENTERPRISE PROJECT: preenchimento individual de um *Quiz online*, pelos alunos, em inglês, sobre questões relacionadas com a globalização e a sua influência nos mercados. Solicitou a escolha de 5 alunos para participarem no *GEP Innovation Challenge* evento a ocorrer no dia 15 de Março, sexta-feira, no Museu da Eletricidade em Lisboa.

No diário de campo relativamente a esta semana foi registado o seguinte:

"No geral os alunos estão entusiasmados, embora pudessem ser mais empenhados sobretudo fora da aula. O objetivo enquanto responsável pela implementação do projeto é incutir nos alunos para trabalhar no sentido de serem selecionados para a Feira Ilimitada, já que para participar nas competições mais próximas não parece que estejamos preparados."

4 e 5.FEV.2013

Continuação do desenvolvimento das várias atividades

Entrando no mês de Fevereiro, a prioridade era de facto aproveitar todo o tempo possível e distribuir as tarefas para os alunos avançarem o mais que pudessem.

Os alunos preencheram o questionário GEP, que por ser em inglês, “empatou” parte da aula. Na FARMEEN os alunos foram incentivados a terminar as tarefas individuais a que foram incumbidos, contudo, uma vez que já havia na sala material informático para limpar e fazer o levantamento do material que se podia aproveitar, todos acabaram por ajudar. Apenas dois alunos trouxeram alicates e chaves de fenda de casa, os outros afirmaram ter-se esquecido. No fim da aula já foi possível contabilizar o número de teclas, disquetes, cds, RAM's e dissipadores que se podiam aproveitar. Contudo, a parte mais “burocrática”, ficou para segundo plano. Faltou o diretor dos recursos humanos.

Na aula de terça, os alunos da *Student Bracelet* começaram por preencher o questionário GEP e dedicaram-se às tarefas anteriormente distribuídas. Faltou o presidente da miniempresa.

Seguiu-se a interrupção letiva do Carnaval, de 11 a 13 de fevereiro, e logo a seguir, no dia 18, os alunos não tiveram aula de DCA porque tiveram uma visita de estudo. O facto de os alunos trabalharem

apenas nas aulas não estava a revelar-se suficiente, porque quando começavam a engrenar no trabalho, a aula terminava.

19. FEV. 2013

Miniempresa *Student Bracelet*

A miniempresa *Student Bracelet* teve todos os seus elementos presentes na aula. Nesta fase considerou-se importante concluir a projeção do plano de negócios para depois contactar a empresa responsável pelo sistema de controlo de cartões de estudante na escola. Foi neste aspeto que o grupo esteve a trabalhar, embora de forma muito pouco empenhada e pouco autónoma.

Depois do Carnaval, a investigadora considerou importante solicitar uma visita da Dr^a Verónica, responsável JAP pelo projeto. Os alunos estavam a trabalhar a um ritmo muito lento e pouco empenhado que se estava a agravar semana a semana. Ficou agendada uma visita à sala para dia 26 de fevereiro, com o objetivo de conversar com os alunos e motivá-los para o projeto. A segunda visita do voluntário estava agendada para este dia, mas atendendo ao contexto em que as miniempresas se encontravam, considerou-se mais benéfico receber na escola a visita da Dr^a Verónica.

25. FEV. 2013

Miniempresa FARMENN

No turno 1, faltou o diretor de recursos humanos e o diretor de operações, estando apenas cinco alunos presentes. O presidente informa que o *blog* está parado, porque se esqueceu da palavra de acesso. O responsável pelo logótipo, ainda não o tinha terminado. Os restantes alunos continuavam a limpar o equipamento. Um aluno começa a manifestar interesse em “decretar falência”.

26. FEV. 2013

Primeira visita da responsável do programa A EMPRESA

Mais uma vez foi solicitado ao professor que tinha aulas com o turno 1 para dispensar os alunos participantes da miniempresa, para que pudessem assistir à aula com a Dr^a Verónica. Era um momento de viragem no projeto, uma vez que eram evidentes os sinais de desmotivação e a vontade em desistir. Os onze alunos envolvidos no projeto estiveram presentes.

A Dr^a Verónica começou por se apresentar e falar um pouco sobre o seu percurso académico e profissional.

De seguida direcionou a atenção para as miniempresas, pediu ao diretor de vendas da FARMENN para vender o seu produto, ao que responde “nem sei o que é”, de todos os elementos da miniempresa, apenas o diretor de vendas é que “salva” a situação por referir que a ideia de negócio passava pelo *ecodesign*, para aproveitar material informático inutilizado existente na escola para criar produtos novos.

Com a *Student Bracelet* o diálogo foi melhor, embora se reconheça que apenas o assessor da direção e o diretor de marketing é que estavam mais empenhados em apresentar e explicar o âmbito da miniempresa.

Perante o facto de as miniempresas estarem atrasadas, uma vez que a Feira Ilimitada estava já agendada para a semana de 22 de abril, a Dr^a Verónica incentivou os alunos a aproveitarem o tempo que faltava para realizarem as etapas em falta, como por exemplo, no caso da FARMENN, fazer um catálogo dos produtos, pelo menos os protótipos, e terminar os planos de marketing e de negócio, entre outros aspetos. Alguns reagiram com as seguintes interjeições entre dentes: “tchii”, “é muito trabalho”, “não dá”, “pãche”.

Os alunos visualizaram novamente os vídeos sobre a Feira Ilimitada, em que para desfrutar da experiência e para entrar na competição teriam de entregar até dia 5 de abril, um vídeo (máx. 2 min) onde deviam, de forma original e convincente, apresentar a miniempresa e entregar uma apresentação em PowerPoint que identificasse a ideia de negócio da equipa (máximo 5 slides) com os seguintes conteúdos: nome da miniempresa, nome do produto/serviço, nomes e cargos dos membros, do professor responsável, do voluntário e da turma, curso e escola, descrição do produto ou serviço; perfil/descrição do público-alvo; estratégia de marketing; plano de vendas e produção; operações; fotografias e outras informações relevantes. Esta informação está disponível no Manual do programa.

De seguida a Dr^a Verónica explicou os moldes da competição *GEP innovation Challenge*, a realizar-se a 15 de março, último dia de aulas do segundo período, no Museu da Eletricidade, em Lisboa. As despesas de alimentação e autocarro eram asseguradas pela JAP e só poderiam ser selecionados três alunos. Como não havia a garantia de pagarem o alojamento, estava previsto sair do Porto por volta das quatro da manhã. A reação foi deveras negativa por parte dos alunos, apenas um aluno se mostrou interessado em ir. O presidente da FARMENN referiu que era muito cedo e o presidente da *Student Bracelet* afirmou que não podia porque ia participar no Dia Aberto da escola.

Antes de terminar a aula, a Dr^a Verónica reforçou a importância deste tipo de experiências para o futuro dos jovens, mas que de facto, eram eles que tinham de se esforçar, porque no futuro, é isso que se espera deles, o melhor, sem desculpas. Foi-lhes dito que havia alunos de outras escolas que trabalhavam fora da sala de aula, pois consideravam mais importante avançar no projeto do que desistir dele.

No fim da aula, em conversa com a Dr^a Verónica, foi evidente a fraca capacidade de trabalho destes alunos e a sua fraca autonomia. Sem dúvida, uma postura oposta ao perfil empreendedor que se procura no mercado de trabalho. Ficamos em manter o contacto para perceber o que ia acontecer a partir dali.

4 e 5.MAR. 2013
Fim da FARMENN

Foi feito um balanço da visita da Dr^a Verónica, apesar das sugestões para reagirem e poderem continuar, a maioria dos elementos da *FARMENN* decidem desistir do programa *A EMPRESA*.

A *Student Bracelet* quis continuar, embora se verifique maior interesse e empenho apenas no assessor de direção e no diretor de marketing. Aquele que foi escolhido para ser o presidente, faltou à aula mais uma vez e não tem colaborado com os colegas.

Uma vez que se aproximava o *GEP Innovation Challenge*, foi solicitado aos alunos selecionados para entregarem as autorizações para que os encarregados de educação autorizassem a participação no evento.

11 e 12.MAR. 2013

Semana do GEP - Creativity & Innovation Challenge

Foi feito um levantamento das autorizações para o GEP, apenas o diretor de operações da *FARMENN* se mostrou interessado em participar. Nesta semana já se sabia que a JAP assegurava o alojamento, permitindo a realização da viagem na quinta-feira à tarde, para evitar que os alunos da zona norte tivessem de fazer a viagem de madrugada, comprometendo o rendimento dos alunos no desafio. Num evento altamente patrocinado pelas empresas associadas em que não ir não seria de todo opção, sobretudo pela experiência em si, pela aprendizagem, pelo desafio, mesmo assim, os restantes alunos selecionados não manifestaram interesse em ir. Uma vez que o requisito mínimo eram três alunos, foi necessário informar a JAP e a Direção da escola se autorizavam a participação da escola nestas condições. A resposta de ambas as partes foi perentória: um aluno não deverá ser prejudicado pelos colegas que não querem participar.

15.MAR. 2013

O dia do GEP - Creativity & Innovation Challenge

No dia 14 de março a investigadora e o seu único aluno juntaram-se aos professores e respetivos alunos da zona norte para viajarem rumo a Lisboa, para participarem no dia seguinte no *GEP - Creativity & Innovation Challenge*.

No dia 15 de março, o programa do evento consta na figura 17.

15 de Março de 2013	
09:00 – 10:00	Check-in Participantes
10:00 – 10:15	Abertura Oficial + Explicação do desafio
10:15 – 10:45	Ice Breaking
10:45 – 11:15	Trabalhos de grupo: 1ª Fase
11:15 – 11:30	Coffee Break
11:30 – 12:30	Consultoria dos voluntários – I
12:30 – 13:30	Almoço
13:30 – 14:30	Trabalhos de grupo: 2ª Fase
14:30 – 15:30	Consultoria dos voluntários – II
15:30 – 15:45	Ensaios
15:45 – 17:30	Apresentações em palco das equipas
17:30 – 17:45	Reunião do júri
17:45	Anúncio dos vencedores I Entrega de Prémios
18:00	Encerramento

Figura 17: Programa do GEP- Creativity & Innovation Challenge.

O *Creativity & Innovation*

Challenge consiste na resolução de um desafio lançado e que é trabalhado em apenas 8 horas. Este

desafio foca-se em processos inovadores e criativos baseados em desafios de negócios reais com os quais as empresas têm que lidar no seu dia-a-dia. Trata-se de um evento patrocinado pela Siemens, Sonae, SAP e Vodafone.

A edição deste ano, contou com a participação de 100 alunos das seguintes escolas:

Figura 18: Escolas participantes no GEP-Creativity & Innovation Challenge.

ATEC Almada	ATEC Matosinhos
EP Rio Maior	Externato Paulo VI
Escola de Comércio de Lisboa	ES Alexandre Herculano
ES Camilo Castelo Branco	Colégio Luso Francês
ES Miraflores	Escola Secundária Vilela
EP D. Dinis	Escola Secundária Oliveira Douro
E.S. S. João da Talha	Escola Secundária Senhora da Hora
ES Forte da Casa	ES Carolina Michaelis
Escola Profissional de Imagem	Profitecla Porto
E.S. José Cardoso Pires	ES Águas Santas
Colégio Pedro Arrupe	
Colégio São João de Brito	
EP Gustave Eiffel	
Colégio Salesianos de Manique	
Escola Profissional Magestil	
Colégio Maristas de Lisboa	

**100
alunos**

Durante as oito horas, os alunos participantes foram aconselhados por um conjunto de voluntários/consultores de negócio das quatro empresas participantes e com conhecimentos em diferentes áreas que abordaram no desafio, tais como inovação, finanças, marketing & vendas, gestão de projetos, responsabilidade social, operações, entre outras.

O desafio deste ano foi:

"Desenvolve uma Aplicação Mobile, para empresas ou consumidores, que se foque na gestão de desperdício".

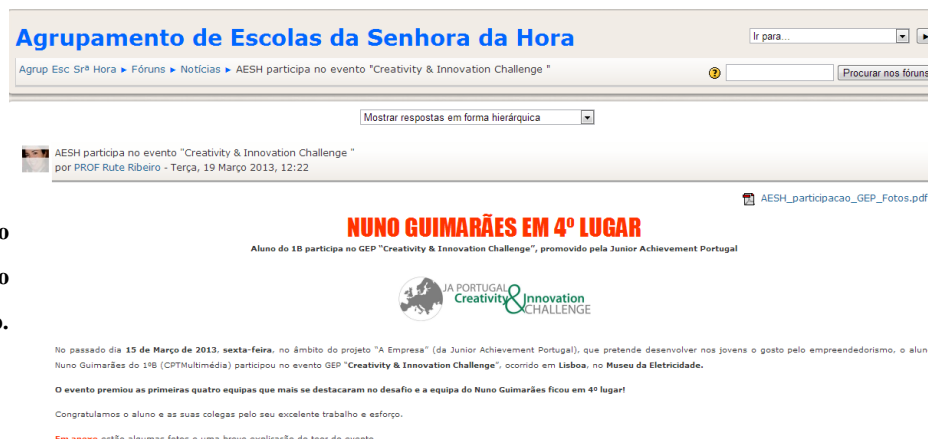
Depois de desenvolverem as ideias, cada equipa teve de as apresentar e responder a algumas questões (em inglês) do Júri, constituído por Pedro Sá, Diretor de Relações Institucionais da Sonae; Jorge Reto, Diretor Comercial da SAP; Pedro Melo Pereira, Business Manager da Siemens; Rui Lopo, *Finance and Decision Support Manager* da Vodafone; e Luísa Campos Lopes da *Junior Achievement* Portugal.

O balanço que se faz da participação do aluno é extremamente positivo, uma vez que soube estar à altura do desafio, evidenciando uma postura correta e de total empenho, que lhe valeu, juntamente com os restantes elementos do grupo, o 4º lugar. A equipa *Keep Busy* era constituída por: Sara Prata - Escola Secundária de Carnaxide; Beatriz Teixeira - ES Carolina Michaelis; Joana Torneiro - Escola de Comércio de Lisboa; Nuno Guimarães - AE Senhora da Hora; e Catarina Teixeira - Colégio Luso francês. A ideia que "venderam" consistia em "colmatar o desperdício de tempo" e tem como público-alvo os estudantes, de modo a torná-los mais ativos. É uma aplicação que junta muitas já existentes numa só. De acordo com o perfil do utilizador, é possível fazer uma seleção dos eventos culturais que se aproximam, rede de transportes públicos, sistema de localização e rede social"²⁰.

²⁰ <http://www.youtube.com/watch?v=xW4jMdpnZ3A>

Com esta distinção, num universo de 100 alunos participantes, foi sem dúvida um regresso a casa muito reconfortante. Seguiram-se as férias da Páscoa e da parte da *Student Bracelet*, não houve qualquer iniciativa durante o período de férias para realizar o vídeo e terminar a apresentação, elementos essenciais para se habilitarem para a Feira Ilimitada. Os alunos também acabaram por desistir, como confirmaram no início do terceiro período. O vídeo do evento está disponível no *youtube*²¹.

Figura 19: Divulgação do resultado do evento no Moodle do Agrupamento.



23.ABR.2013

Visita de estudo à Feira Ilimitada, no NorteShopping

Uma vez que os alunos abandonaram o programa A EMPRESA, as aulas de DCA prosseguiram de acordo com a planificação do Módulo 2. Contudo, a investigadora considerou que seria interessante organizar uma visita de estudo à Feira Ilimitada, para que toda a turma pudesse perceber no terreno o que esteve envolvido no programa, e para verem os seus pares, também alunos de outras escolas, a venderem os seus produtos, como se de empresários reais se tratassem.

A visita de facto aconteceu, no dia da Feira Ilimitada, no *NorteShopping*, onde estiveram presentes apenas onze alunos, que não correspondiam aos onze alunos que participaram no programa A EMPRESA, uma vez que três destes optaram por não ir.

O balanço da visita foi interessante, uma vez que os alunos, na aula seguinte foram capazes de identificar as miniempresas que gostaram mais. Foi interessante notar que eles próprios tomaram consciência de que havia alunos do ensino profissional, também com um horário sobrecarregado, que não os havia impedido de avançar no programa. Os alunos acabaram por reconhecer que, efetivamente, não se empenharam o que era suposto.

²¹ <http://www.youtube.com/watch?v=xW4jMdpnZ3A&feature=share&list=UUwWGhbvi-zXVW0op7pEXPkQ>

4.2 Eixo 3 – Impacto nos alunos

O presente subcapítulo incide na análise dos resultados obtidos através da aplicação dos dois questionários aos alunos da turma, que direta ou indiretamente, acompanharam a implementação do programa A EMPRESA na disciplina de DCA.

Os questionários foram aplicados em momentos estratégicos: o primeiro foi preenchido pelos alunos antes de lhes ser apresentado o programa A EMPRESA. O objetivo aqui foi perceber o que os alunos sabiam acerca do tema e que perspetivas

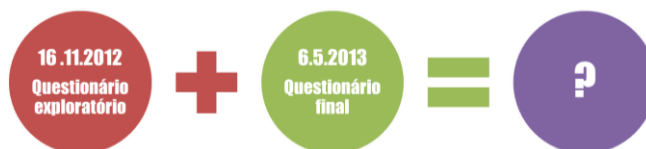


Figura 20: Datas em que foram aplicados os questionários.

tinham quanto ao seu futuro, indicando a profissão que gostariam de exercer. Relativamente ao segundo questionário, era importante aplicá-lo no final de todo o processo de implementação, com o objetivo de conhecer a opinião dos alunos sobre o programa e analisar de que forma este poderá exercer influências positivas relativamente à gestão de carreira e desempenho profissional dos alunos. Este último questionário foi muito importante também para fazer um levantamento, de acordo com a opinião dos alunos, do que correu bem e menos bem e das sugestões para futuras implementações do programa A EMPRESA no ensino profissional.

Serão analisadas 18 respostas no questionário inicial e 13 respostas no questionário final²², o que perfaz um total de 31 respostas, cujas tabelas e gráficos apresentados foram realizados no *Microsoft Excel*.

4.2.1 Apresentação dos resultados do questionário inicial

Na primeira questão é pedido aos alunos para selecionar a resposta que acham ser a mais adequada para definir Empreendedorismo. A resposta que acolhe maior número de adeptos - oito, é a resposta “estudo voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas com a criação de um projeto (técnico, científico, empresarial)”. Por outro lado, quatro alunos consideraram que se tratava de uma “nova corrente educativa que estuda o perfil de alunos dos cursos profissionais” (Anexo 1).



Gráfico 1: Nº de respostas sobre a definição de empreendedorismo.

²² No terceiro período, a turma ficou ainda mais reduzida uma vez que saíram 3 alunos da turma e, no dia em que foi aplicado o questionário final, faltaram 2 alunos que participaram no programa A EMPRESA, logo $18-5=13$ questionários respondidos.

Na segunda questão procurou-se analisar as respostas dos alunos relativamente à caracterização de um empreendedor. As respostas incidiram nas alíneas:

2.b - “Ser determinado e dinâmico”

2.e - “Saber explorar as oportunidades”

2.f - “Ser persistente”

2.g - “Ser criativo na resolução de problemas”

É igualmente interessante analisar as respostas que não foram escolhidas pelos alunos, uma vez consideram que ser empreendedor não é “nascer com essa característica” (opção 2.c), “pensar só em ganhar dinheiro” (opção 2.d) e “ter muitas cunhas” (opção 2.h).

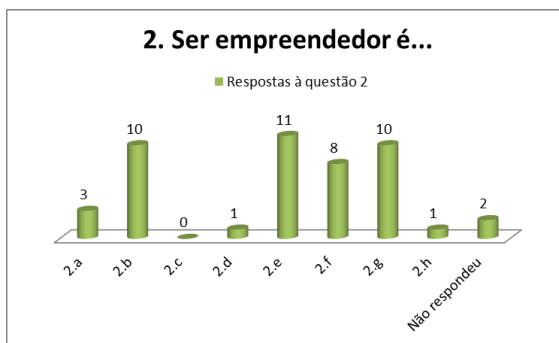


Gráfico 2: Respostas dos alunos à pergunta “Ser Empreendedor é...”.

Na pergunta três, 11 alunos não se consideram empreendedores, 3 não respondem e apenas quatro se consideram empreendedores.

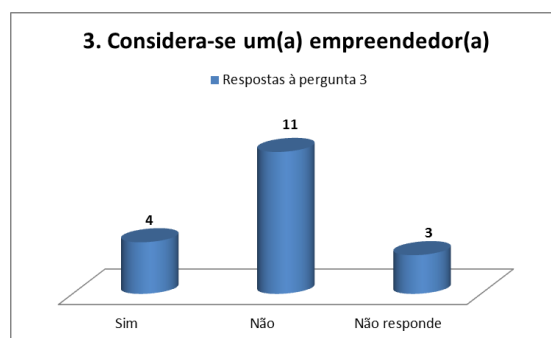


Gráfico 3: Respostas à pergunta “considera-se um empreendedor?”.

Na questão cinco, é interessante notar que 33% da turma não sabe a profissão que gostaria de exercer no futuro. Acrescentando os 5% de alunos que não responde, estes dados revelam que os alunos não possuem um plano definido quanto ao seu futuro. Por outro lado, há alunos que gostariam de exercer uma profissão que não está relacionado com o curso profissional em que se encontram (jogador de futebol, 11%). Apenas 4 alunos, cerca de 22% da turma, afirmam que gostariam de ser técnicos de multimédia. O que leva a deduzir que os restantes 14 frequentam o curso profissional por conveniência, e não por realmente quererem seguir profissionalmente a área da multimédia.

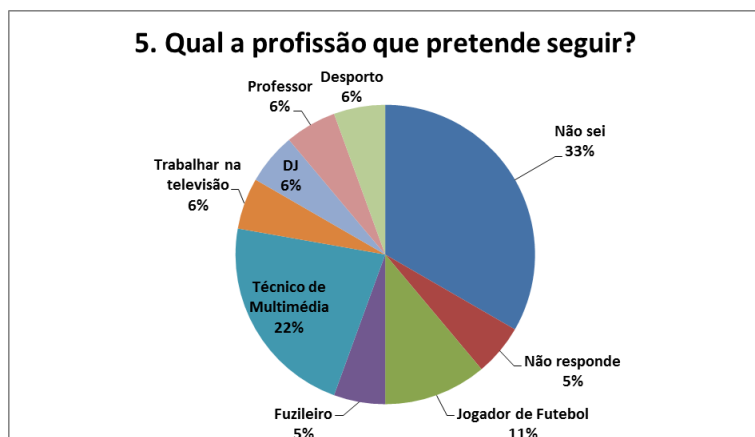


Gráfico 4: Profissões que os alunos gostariam de exercer.

Finalmente, a última questão solicitava aos alunos que explicassem por palavras suas o que entendiam por empreendedorismo/ser empreendedor. Entre os que não sabiam (33%) e os que não responderam (45%), perfazem um total de 14 alunos que nem sequer tentaram, de acordo com as “dicas” do questionário, desenvolver uma resposta.

Apenas 4 alunos (22%) explicaram por palavras suas o que entendiam sobre o assunto.

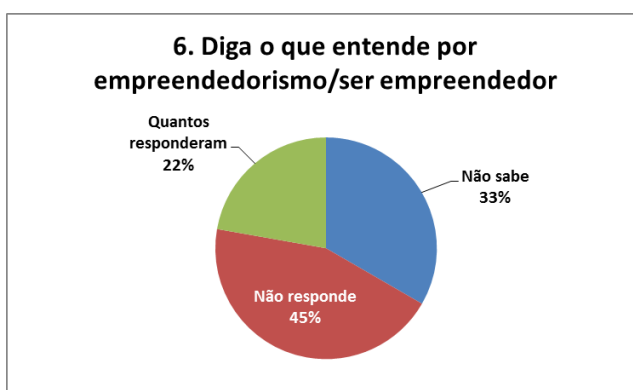


Gráfico 5: Tipo de respostas na questão “em que consiste o empreendedorismo”.

Reflexão sobre os resultados do questionário inicial

As respostas obtidas através do questionário inicial relativamente ao conhecimento prévio sobre o empreendedorismo revelam que, no geral, os alunos não sabiam do que se tratava. Alguns, na aula, tinham dificuldade em pronunciar a palavra. Apenas quatro alunos desenvolveram a resposta quando lhes foi solicitado para se pronunciar sobre o empreendedorismo, note-se as respostas:

- *“ser empreendedor é produzir algo novo, ter capacidade e competência para desenvolver algo”*
- *“está relacionado com a determinação, dinâmica e saber explorar as oportunidades e isso é uma coisa positiva”*
- *“Ser empreendedor é ser persistente e não desistir de alcançar todos os seus objetivos.”*
- *“ser empreendedor é uma pessoa que é persistente no seu trabalho, faz o seu melhor, procura sempre resolver os seus problemas o mais rápido possível”*

Estes alunos são os mesmos que afirmam querer exercer a profissão de técnico de multimédia. Os restantes, optam por escrever no questionário “não sei” ou deixam em branco.

Portanto, uma vez que a maioria apresentava evidências de não saber o que é que estava envolvido no empreendedorismo e ser empreendedor, mais oportuna se tornava a implementação do programa, para que os alunos tomassem consciência de que o empreendedorismo se trata de fenómeno emergente na sociedade atual. Segundo Bueno et al. (2004) “num mundo globalizado é crescente a necessidade de competência e profissionalismo” em que o individuo é apontado como sendo um dos principais responsáveis pela competitividade e sustentabilidade de uma empresa. É urgente despertar os jovens para um comportamento empreendedor.

4.2.2 Apresentação dos resultados do questionário final

O questionário foi aplicado no dia 6 de maio de 2013, na aula de DCA. Ao questionário inicial responderam 18 alunos, contudo, com a saída de três alunos da turma (não se identificavam com o curso, decidiram rescindir contrato e escolher outra área no próximo ano letivo), a turma ficou reduzida a 15 alunos, o que melhorou significativamente o comportamento da turma, uma vez que corresponde à saída dos elementos mais perturbadores e que menos colaboravam com as atividades propostas. Acrescentando a este facto, dois alunos da turma que participaram no programa A EMPRESA que faltaram, o número de alunos presentes no dia em que foi aplicado o questionário foi de 13, em que 9 dos que responderam participaram no programa e 4 não participaram no programa.

Quando lhes foi perguntado se conheciam a JAP e o programa A EMPRESA, antes de terem participado no programa, apenas 3 alunos referiram que já tinham ouvido falar através da televisão. Portanto a maioria, um total de 10, desconhecia o trabalho que a JAP desenvolve junto das escolas na promoção da educação para o empreendedorismo.

Os resultados serão apresentados respeitando a seguinte estrutura:

1. Opinião dos alunos que PARTICIPARAM no programa A EMPRESA
 - a. O que acharam do programa e porque é que participaram
 - b. Opinião sobre o seu desempenho e da miniempresa
 - c. Opinião sobre as razões que levaram à desistência dos alunos
 - d. Sugestões para futuras implementações do programa
 - e. O que aprendeu do programa A EMPRESA

2. Opinião dos alunos que NÃO PARTICIPARAM no programa A EMPRESA
 - a. O que acharam do programa e porque é que não participaram
 - b. O que sabiam das miniempresas
 - c. Razões que levaram os colegas a desistir
 - d. Sugestões para futuras implementações do programa
 - e. O que aprendeu do programa A EMPRESA

4.2.2.1 Opinião dos alunos que PARTICIPARAM no programa A EMPRESA

■ O que acharam do programa e porque é que participaram

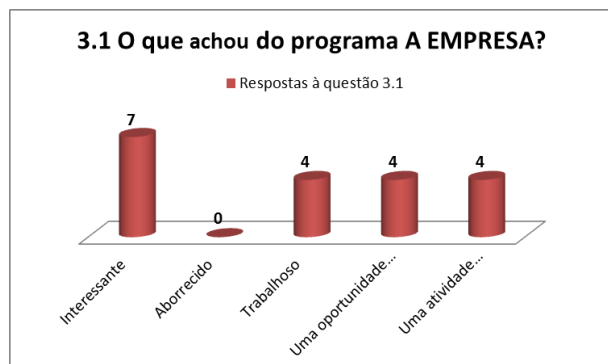


Gráfico 7: AP | Opinião sobre o programa A EMPRESA.

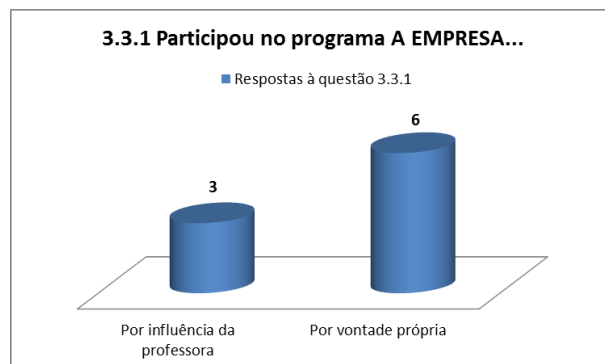


Gráfico 6: AP | Respostas à questão “participou no programa por...”.

Quando foi apresentado o programa aos alunos, em novembro de 2012, a maioria considerou-o interessante e perceberam que se tratava de “uma oportunidade para desenvolver novas habilidades e adquirir novas aprendizagens” e de uma “atividade diferente a desenvolver nas aulas”. Quando questionados sobre a razão de ter participado, a maioria responde que foi por sua própria iniciativa, e três alunos consideram que a professora influenciou-os na decisão de participação.

Com o objetivo que averiguar se os alunos perceberam de facto o que estava envolvido no programa, foi-lhes perguntado na questão 3.2 “Qual o objetivo do programa A EMPRESA”. No universo dos nove alunos, dois escreveram “não sei”, dois deixaram em branco e cinco alunos escreveram o seguinte:

- “Criar um “negócio” em que apresentamos um produto e temos de o conseguir vender de forma a ganharmos um lucro para nos conseguirmos sustentar”
- “Preparar os estudantes para o ambiente empresarial.”
- “preparar-nos para o mundo real”
- “Melhor conhecimento, ter objetivos e espírito de vencedor.”
- “Ter novas ideias ...”

Pelas respostas, há portanto um núcleo de alunos que associaram A EMPRESA aos negócios, ao ambiente empresarial, ao espírito de vencedor, conceitos que se enquadram na missão do programa.

■ Opinião sobre o desempenho individual do aluno e da miniempresa

Relativamente ao desempenho individual do aluno, foi-lhes pedido que atribuísssem, numa escala de 1 a 5 o nível que se adequasse ao empenho evidenciado. Os resultados são apresentados na tabela seguinte.

Respostas à Questão “3.3.1.5 Relativamente ao seu desempenho no projeto:	Não evidenciou	Evidenciou pouco	Evidenciou satisfatoriamente	Evidenciou muito	Evidenciou totalmente
<i>Sempre acreditei no projeto</i>	1	4	3	1	
Fui capaz de resolver os problemas e ultrapassar os desafios	2	2	5		
Mostrei espírito de iniciativa	1	2	2	3	1
<i>Fiz-me acompanhar do material necessário</i>	1	5	2	1	
Respeitei sempre os restantes membros			4	2	3
Evidenciei criatividade	1	1	5	2	
Evidenciei responsabilidade	1	1	3	4	
<i>Trabalhei em casa em prol do projeto</i>	6	1	1	1	
Estive sempre presente nas sessões de trabalho		1	1	3	4
<i>Os objetivos a que me propus inicialmente foram concretizados</i>	3	3	1	2	

Tabela 6: AP | Levantamento de respostas sobre o desempenho dos alunos no programa A EMPRESA.

Analisando de perto, a densidade de respostas situa-se essencialmente na escala “Evidenciou Pouco” e “Evidenciou satisfatoriamente”, portanto, os alunos que participaram diretamente no programa consideram que o seu contributo foi, ou pouco satisfatório, ou satisfatório. Níveis pouco exigentes.

No item “Trabalhei em casa em prol do projeto”, seis consideram de facto que não fizeram o esforço por dedicar tempo para avançar nas tarefas propostas pelo programa. Quanto ao “Fiz-me acompanhar do material necessário”, a maioria das respostas indicam que os alunos, além de não se esforçarem pelo projeto fora da sala de aula, não se fizeram acompanhar do material necessário.

No item “sempre acreditei no projeto”, cerca de cinco alunos acreditavam pouco ou não acreditavam no projeto, apesar de estarem a participar nele. Este aspeto merece de facto uma reflexão. Se as expectativas relativamente a um determinado projeto forem negativas, a parte comportamental será afetada resultando num desempenho medíocre. Precisamente o oposto do espírito empreendedor, do profissional que valoriza o seu capital humano.

Respostas à Questão "3.3.1.6 Relativamente ao desempenho da equipa:	Não	Pouco	Sim
Funcionou	2	4	3
Trabalhavam de forma organizada	0	5	4
Cada um sabia o que o outro fazia	1	5	3
Trabalhavam fora da sala de aula	5	3	1
Alguns elementos eram pouco assíduos	0	9	0
Todos os elementos mostraram empenho e vontade de trabalhar	1	7	1

Tabela 7: AP | Opinião sobre desempenho das miniempresas.

Relativamente ao desempenho das equipas de trabalho, a maioria das respostas situa-se no “Pouco”, ou seja, os alunos consideram que o trabalho em equipa funcionou pouco satisfatoriamente, consideram que trabalharam pouco de forma organizada, pois não sabiam muito bem como eram distribuídas as tarefas, não sabendo muito bem o que cada um fazia. Mais uma vez reiteram a sentença de que não trabalhavam fora da sala de aula, que alguns colegas eram pouco assíduos, comprometendo a consecução das várias etapas, e por último, no item “Todos os elementos mostraram empenho e vontade de trabalhar”, oito alunos consideram que houve precisamente pouca vontade em trabalhar e que o empenho, este, pouco se sentiu.

Respostas à Questão: "3.3.1.8 Relativamente às atividades do programa "A Empresa", selecione apenas três atividades em que sentiu maior dificuldade/reconheceu maior desafio:"	Nº de respostas
Seleção do produto/serviço	4
Definição da ideia de negócio: objetivos, missão, valores e visão	7
Definir uma estratégia de Marketing	2
Formação da equipa de trabalho	2
Brainstorming (discussão de ideias)	4
Desenvolver o Plano de Negócios	3
Distribuição dos cargos pelos membros	2
Escolher o nome da miniempresa	1

Tabela 8: AP | Principais dificuldades sentidas relativamente às várias etapas do programa.

Na opinião dos alunos participantes no programa, a etapa onde sentiram mais dificuldades foi na “Definição da ideia de negócio, seus objetivos, missão, valores e visão”. De facto, a investigadora confirma este resultado. Os alunos apresentaram dificuldades em escrever e definir o âmbito da miniempresa respeitando a estrutura composta por objetivos, missão, valores e visão. O ritmo de

trabalho lento dos alunos, as dificuldades na expressão escrita e a dificuldade em estruturar ideias, tornaram este passo difícil de ultrapassar. Outra etapa que atrasou bastante o cumprimento do projeto foi, sem dúvida, a escolha do produto/serviço. Apesar da pesquisa, discussão, sessões de *brainstorming*, as ideias que surgiam não convenciam. Não obstante, acabou por ser necessário fazer opções e avançar para a etapa seguinte.

■ Opinião sobre as razões que levaram à desistência dos alunos

Respostas à Questão: “3.3.1.9 Na sua opinião, quais foram as principais razões que levaram ao abandono do projeto?”	Nº de respostas
<i>Desinteresse gradual pelo projeto</i>	5
Imaturidade dos elementos	0
O nível de exigência	3
Estava a dar muito trabalho	1
Fraca capacidade de trabalho dos restantes elementos	2
<i>Era muita responsabilidade</i>	4
<i>Falta de ideias inovadoras e criativas</i>	4
O facto de a turma estar dividida por turnos	0
<i>Ter um bloco de 100 min de DCA apenas uma vez por semana</i>	8
Fraco espírito de equipa	2

Tabela 9: AP | Opinião sobre as razões que contribuíram para a desistência dos alunos.

Relativamente a esta questão, os alunos consideram que o facto de terem apenas “um bloco de 100 min de DCA apenas uma vez por semana” revelou ser insuficiente para desenvolver o programa e, em segundo lugar, consideram que o desinteresse gradual no projeto culminou no seu abandono. Perante estes resultados, a investigadora refere que se os alunos evidenciassem maior empenho, iniciativa e sentido de compromisso, quer na aula quer fora dela, talvez um bloco de 100 minutos fosse suficiente para trabalhar com os alunos. Como tal não se verificou, e atendendo ao perfil dos alunos do ensino profissional, a proposta de reservar dois blocos de 100 min para o programa A EMPRESA, revela-se mais adequada.

■ Sugestões para futuras implementações do programa

Respostas à Questão: “3.3.1.10 Que sugestões faz para que, numa próxima participação no programa, os alunos não venham a sentir as mesmas dificuldades:		Nº de respostas
A turma não deve estar dividida por turnos		2
Haver no horário 2 blocos de 100 minutos para o projeto, de preferência seguidos.		5
Evitar implementar o projeto nos primeiros anos de um curso, porque os alunos ainda não conhecem a capacidade de trabalho dos seus colegas		3

Tabela 10: AP | Sugestões dos alunos para implementações futuras.

Conforme vimos na tabela anterior, um dos principais constrangimentos na implementação do programa A EMPRESA, segundo os alunos, foi o facto de disporem apenas de um bloco de 100 minutos por semana para desenvolver as várias etapas das miniempresas. Na tabela 10, é precisamente essa a sugestão que fazem para que, numa próxima participação, tenham pelo menos dois blocos de 100 minutos para dedicar ao desenvolvimento do programa. Referem também que será mais apropriado aplicar este tipo de iniciativas mais tarde, ou seja, evitar os primeiros anos do ensino profissional, porque os alunos não se conhecem muito bem. O ideal é dar tempo para que os jovens conheçam os seus hábitos de trabalho, porque de facto, a parte humana de uma miniempresa determina (ou não) o seu sucesso. A turma da presente investigação foi exemplo disso. A turma começou o ano letivo com vinte seis alunos, que gradualmente foram saindo, ou por vontade própria, porque encontraram vaga num curso em que se identificavam mais, ou por apresentarem um comportamento inadequado ao espaço escolar, que, após várias participações disciplinares e respetivas sanções, acabaram por sair da turma. Consequentemente, implementar um programa de educação para o empreendedorismo neste contexto, foi, sem dúvida um grande desafio quer para os alunos quer para a investigadora.

■ O que aprendeu do programa A EMPRESA

4.2 De acordo com o que foi possível experienciar com o programa “A Empresa”, na sua opinião, o que está envolvido em ser-se empreendedor?										
	Aluno1	Aluno2	Aluno3	Aluno4	Aluno5	Aluno6	Aluno7	Aluno8	Aluno9	TOTAL
Ser empresário	X		X							2
Ser determinado e dinâmico	X	X		X	X	X		X		6
Nascer com essa característica	X						X			2
Pensar só em ganhar dinheiro										0
É ser um profissional responsável e de confiança	X	X		X	X	X		X	X	7
Saber explorar as oportunidades	X	X		X		X		X		5
Ser persistente e criativo na resolução de problemas	X	X		X	X	X		X		6
Comunicar eficazmente com os outros	X			X	X	X		X		5
Ter muitas cunhas	X									1
Ter uma postura confiante e pró-ativa	X	X				X		X		4

Tabela 11: AP | O que está envolvido em ser-se empreendedor, segundo os alunos.

Espera-se, que nesta fase, os alunos conheçam as características do empreendedor. Segundo a tabela 11, a maioria dos alunos considera que um empreendedor é um profissional responsável e de confiança, é determinado e dinâmico, é persistente e criativo na forma como soluciona os problemas, sabe comunicar de forma eficaz e deve saber explorar as oportunidades. Consta-se que os alunos perceberam a mensagem e facilmente associam o empreendedor a um conjunto de características que se reconhecem fundamentais num profissional.

Na pergunta “4.3 O que aprendeu com o programa “A Empresa”?”, seis alunos optaram por não se expressar, deixando o espaço em branco. Por outro lado, os restantes três alunos responderam da seguinte forma:

- “A ser confiante com os objetivos a alcançar e a trabalhar melhor em grupo.”
- “Como trabalhar em equipa”
- “Ser empreendedor”

Na questão “Tendo conhecimento da realidade que vivemos no nosso país e na Europa, considera importante “ser-se empreendedor”, oito alunos respondem afirmativamente e, três alunos justificam da seguinte forma:

- “É isso que se procura numa pessoa para ter emprego.”
- “Sim, porque devemos ter essa capacidade.”
- “É uma coisa que pode puxar trabalho.”

Há um pequeno conjunto de alunos que estabelece a relação entre o comportamento empreendedor de um indivíduo e a sua empregabilidade, reconhecendo que representam um conjunto de características que podem resultar na promoção do autoemprego ou então facilitar o recrutamento para o mercado de trabalho.

4.2.2.2 Opinião dos alunos que NÃO PARTICIPARAM no programa A EMPRESA

■ O que acharam do programa, porque é que não participaram e o que levou os colegas a desistir:

		Aluno10	Aluno11	Aluno12	Aluno13
O que acharam do programa A EMPRESA	Interessante	X		X	X
	Aborrecido		X		
	Trabalhoso	X		X	
	Uma oportunidade para desenvolver novas habilidades e adquirir novas aprendizagens				X
	Uma atividade diferente a desenvolver nas aulas				X
Não participou porque		“Gostei do projeto mas exigia muito trabalho”	“Não me interessou”	“Gostei do projeto mas exigia muito trabalho, Receio de ficar mal/falhar”	“Receio de ficar mal/falhar, O projeto é muito extenso/longo”
Nome das mini-empresas dos colegas		não sei	não sei	não recorde	não recorde
O que levou os colegas a desistir	Desinteresse gradual pelo projeto	X	X		X
	Imaturidade dos elementos				X
	O nível de exigência			X	
	Estava a dar muito trabalho			X	
	Frac capacidade de trabalho dos restantes elementos				X
	Era muita responsabilidade			X	
	Falta de ideias inovadoras e criativas				
	O facto de a turma estar dividida por turnos				X
Ter um bloco de 100 min de DCA apenas uma vez por semana				X	X

Tabela 12: Opinião dos alunos não participantes sobre o que acharam do programa, as razões por não terem participado e o que terá levado os colegas a desistir.

De acordo com a tabela 12, é possível analisar vários aspetos relativamente aos alunos que optaram por não participar no programa A EMPRESA. Em primeiro lugar, três alunos consideraram o programa interessante, dois referiram que o projeto exigia muito trabalho e um aluno reconheceu que a participação no programa era “uma oportunidade para desenvolver novas habilidades e adquirir novas aprendizagens” e uma “atividade diferente a desenvolver nas aulas”. Apenas um aluno considerou o programa “Aborrecido”. Quando questionados sobre o motivo por não terem participado, dois alunos afirmaram que gostavam do projeto mas “exigia muito trabalho” e, para outros dois alunos o “receio de falhar/ficar mal” foi mais forte e por isso optaram por não participar. Portanto, no geral, reconheceram que o projeto era muito interessante, contudo, o trabalho e compromisso que exigia juntamente com o receio de falhar, levou-os a não quererem assumir o risco. Quanto ao aluno que refere que o programa não lhe interessou, é um aluno que apresenta quatro retenções no seu percurso escolar, com um contexto pessoal e familiar muito particular. Apresenta também uma postura de total desinteresse perante a escola e por consequência, no programa A EMPRESA.

Relativamente ao que conheciam das miniempresas, os alunos não se lembravam do seu nome. Este aspeto mostra que a implementação do programa na aula de DCA foi discreta. Os alunos não participantes tinham conhecimento que alguns colegas estavam envolvidos no programa, inclusive assistiram à apresentação do programa, à formação de equipas, à visita do voluntário, mas uma vez que os alunos não participantes ficaram ocupados com a oficina de multimédia, acabaram por não perceber muito bem em que situação as miniempresas se encontravam. Outra razão que terá contribuído para esta situação foi o facto de a turma estar dividida por turnos, em que no turno 1, todos os alunos (sete) estavam envolvidos no programa, não havendo alunos NÃO participantes nesse turno, por outro lado, no turno 2, apenas quatro alunos participavam no programa, em que os restantes sete estavam ocupados com a oficina de multimédia.

Quando questionados sobre as razões que levaram os colegas a desistir, três referem que foi o “desinteresse gradual no projeto”. Dois referem que ter apenas “um bloco de 100 min uma vez por semana” também terá influenciado. Um aluno considera também que a imaturidade dos colegas e a sua fraca capacidade de trabalho juntamente com o facto de a turma estar por turnos terá contribuído para que o desenvolvimento do projeto ficasse comprometido, levando-os a desistir.

■ Sugestões para futuras implementações do programa

Sugestões	“3.3.2.4 Que sugestões faz para que, numa próxima participação no programa, os alunos não venham a sentir as mesmas dificuldades”	Aluno10	Aluno11	Aluno12	Aluno13
	A turma não deve estar dividida		X		
	Haver no horário 2 blocos de 100 minutos para o projeto, de preferência seguidos				X
	Evitar implementar o projeto nos primeiros anos de um curso, porque os alunos ainda não conhecem a capacidade de trabalho dos seus colegas	X		X	X

Tabela 13: Sugestões dos alunos não participantes relativamente à implementação do programa.

Três alunos não participantes no programa consideram que uma boa prática para futuras implementações do programa A EMPRESA no ensino profissional será “evitar implementar nos primeiros anos..., uma vez que os alunos não conhecem a capacidade de trabalho dos seus colegas”. Um aluno acrescenta que será benéfico para o desenvolvimento do projeto haver no horário pelo menos 2 blocos de 100 minutos para o projeto.

■ O que aprendeu do programa A EMPRESA

O que está envolvido em ser-se empreendedor?		Aluno10	Aluno11	Aluno12	Aluno13
	Ser empresário	X			
	Ser determinado e dinâmico			X	X
	Nascer com essa característica				
	Pensar só em ganhar dinheiro				
	É ser um profissional responsável e de confiança	X		X	X
	Saber explorar as oportunidades	X	X		X
	Ser persistente e criativo na resolução de problemas	X		X	X
	Comunicar eficazmente com os outros				X
	Ter muitas cunhas				
	Ter uma postura confiante e pró-ativa			X	X
O que aprendeu com o programa “A EMPRESA”?		<i>Aprendi como ser empreendedor e como gerir o meu próprio negócio.</i>	<i>Não sei</i>	<i>Não participei, logo não posso responder a essa questão</i>	<i>Não participei no Programa “A Empresa” logo não posso responder a pergunta</i>
Considera importante ser-se empreendedor? Justifique		<i>Para podermos ser independentes e abrir o nosso próprio negócio</i>	<i>Não sei</i>	<i>É importante, porque o mercado de trabalho, precisa de pessoas com espírito, com poder de criação e inovação</i>	<i>Claro que sim novas ideias podem chegar até muito longe por exemplo a Apple trabalhou para ser uma das melhores.</i>

Tabela 14: Respostas dos alunos não participantes sobre o que aprendeu do programa A EMPRESA.

O facto de terem conhecimento do programa A EMPRESA e de ter acompanhado de perto a “curta” implementação do programa, permitiu aos alunos não participantes acrescentar ao seu vocabulário as palavras empreendedorismo e ser-se empreendedor. E para estes, de acordo com a tabela 14, ser empreendedor envolve “ser um profissional responsável e de confiança”, “saber explorar as oportunidades” e “ser persistente e criativo na resolução de problemas”. Quando lhes é pedido para justificar se ser empreendedor é importante, no geral as respostas reiteram a sua importância. Um aluno responde que é importante ser empreendedor, porque “o mercado de trabalho precisa de pessoas com espírito, com poder de criação e inovação”.

Apesar de não terem participado diretamente no programa por opção, a investigadora constata que o programa A EMPRESA revelou ser uma influência positiva para estes jovens, pela tomada de consciência para o fenómeno de empreendedorismo e da importância de se ser empreendedor, seja numa perspetiva da criação do auto emprego (como refere o *aluno10*, “*Para podermos ser independentes e abrir o nosso próprio negócio*”), ou numa perspetiva de valorização do profissional (“*com espírito, com poder de criação e de inovação*”, como refere o *aluno12*).

4.2.3 Análise da relação entre as respostas dos alunos participantes e não participantes

Após a análise particular dos alunos participantes e dos alunos não participantes, constata-se que a maioria dos alunos considerou o programa A EMPRESA interessante como sendo uma oportunidade para desenvolver novas habilidades e adquirir novas aprendizagens. Numa turma do ensino profissional cujo perfil de alunos é muito particular, ter este *feedback* é positivo.

Os alunos participantes, de acordo com as dificuldades que apontaram nas várias atividades do programa A EMPRESA, revelaram fraca autonomia, esforço, persistência e espírito de iniciativa na realização das várias tarefas, pois reconheceram que não trabalharam em casa, não se esforçaram devidamente e o trabalho em equipa poderia ter sido mais organizado. Quando lhes foi pedido indiretamente para desenvolver um espírito empreendedor, pois é esse o propósito do programa e da JAP, falharam. “Dá muito trabalho”, referiam.

Relativamente à implementação do programa nas aulas, tanto os alunos participantes como os alunos não participantes, referem que será positivo reservar pelo menos dois blocos de 100 minutos semanais para trabalhar no programa e que este deverá ser implementado nos últimos anos dos cursos profissionais, para dar tempo para a turma estabilizar e estreitar os laços entre os alunos. A investigadora acrescenta que será positivo organizar os turnos depois de os alunos escolherem os colegas com quem querem trabalhar e não fazer grupos com os alunos que estão no turno. Este ajuste carece de autorização dos professores do Conselho de Turma, pois interferirá com várias disciplinas.

Relacionando agora as respostas dos alunos participantes e alunos não participantes relativamente ao que está envolvido em ser-se empreendedor, ambos perceberam a mensagem do programa A

EMPRESA. Cruzando as respostas, os alunos consideram que um empreendedor é um profissional responsável e de confiança, sabe explorar as oportunidades, é persistente e criativo na resolução de problemas. Os alunos participantes, naturalmente, destacam mais atributos, encarando-o como determinado e dinâmico, com capacidade de comunicação. Deste modo, consta-se que os dois grupos são capazes de caracterizar o empreendedor. No futuro, quando forem confrontados com a exigência de o serem, saberão o que está envolvido.

Outra aprendizagem adquirida através da implementação do programa A EMPRESA prende-se com o que pode resultar do comportamento empreendedor/espírito empreendedor. Os dois grupos de alunos, no geral, perceberam que *“É isso que se procura numa pessoa para ter emprego”, “devemos ter essa capacidade”, “É uma coisa que pode puxar trabalho”, “podemos ...abrir o nosso próprio negócio”, “o mercado de trabalho, precisa de pessoas com espírito, com poder de criação e inovação”, “novas ideias podem chegar até muito longe por exemplo a Apple trabalhou para ser uma das melhores”*.

A forma como se expressam revela que estabelecem a relação entre o comportamento empreendedor de um indivíduo e a sua empregabilidade, reconhecendo que representam um conjunto de características que podem resultar na promoção do autoemprego ou então facilitar o recrutamento para o mercado de trabalho.

Relativamente às perspetivas futuras, relacionadas com a profissão que gostariam de exercer, analisando o gráfico 8, em treze alunos inquiridos, sete, quase metade, ainda tem dificuldade em definir a profissão que gostaria de exercer.

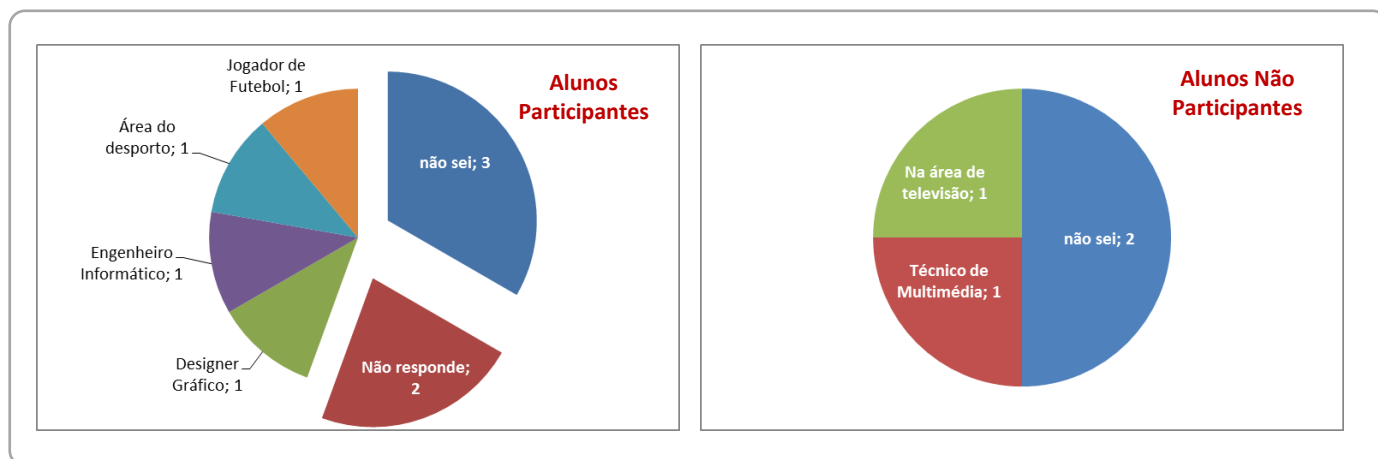


Gráfico 8: Profissões que os alunos gostariam de exercer - após implementação do programa A EMPRESA.

4.2.4 Análise da relação entre as respostas do questionário inicial e do questionário final

Revela-se agora pertinente perceber e analisar a influência que a implementação do programa exerceu a nível pessoal e relativamente às perspetivas futuras dos alunos da turma envolvida.

No imediato, no questionário final sete alunos expressam-se positivamente sobre a importância de se ser empreendedor. No questionário inicial, apenas quatro alunos explicaram por palavras suas o que entendiam por empreendedorismo e ser-se empreendedor. Portanto, verifica-se que a implementação do programa acrescentou aos alunos este conhecimento. Estes estão agora conscientes do que se trata e o que envolve.

Relativamente à profissão que gostariam de exercer no futuro, comparando as respostas a esta questão no questionário inicial e no questionário final, verifica-se que, neste ponto, não houve mudanças significativas, uma vez que as respostas são praticamente as mesmas, em que prevalece o “não sei”, ou as respostas em branco. A novidade está no aluno que quer ser engenheiro informático e outro que quer ser *designer* gráfico.

4.3 Eixo 4 – Opinião dos professores

Como já foi referido no ponto 3.5.2 do presente documento, num universo de 160 professores no Agrupamento, 32 professores responderam questionário.

No sentido de perceber o que pensam os professores do Agrupamento sobre a educação para o empreendedorismo nas escolas, o questionário procurou auscultar os profissionais da educação/formação que se encontram no terreno e que melhor poderão argumentar sobre o que se tem feito sobre o tema.

Os resultados serão apresentados seguindo a estrutura seguinte:

1. Caracterização dos professores que expressaram a sua opinião;
2. O que pensam sobre o empreendedorismo;
3. Importância que atribui à promoção do empreendedorismo nas escolas;
4. Iniciativas de educação para o empreendedorismo que conhece e se já esteve envolvido em alguma iniciativa;
5. O que tem sido feito nas escolas para a promoção do empreendedorismo;
6. Principais desafios e sugestões para a educação para o empreendedorismo;
7. Professores que lecionam ou já lecionaram em turmas do ensino profissional:
 - a. Como caracterizam os alunos do ensino profissional;
 - b. Opinião sobre a importância da educação para o empreendedorismo em especial no ensino profissional;
 - c. Sugestões práticas facilitadoras da promoção do empreendedorismo no ensino profissional.

4.3.1 Caracterização dos professores

Foram sobretudo professoras que colaboraram no preenchimento do questionário, cuja idade se situa entre os 45 e os 55 anos.

A média de idades é de 46,8 anos, tratando-se portanto de professores com bastante experiência profissional enquanto educadores e professores.

Relativamente ao vínculo contratual com o Ministério da Educação e Ciência, constata-se que se trata de professores “da casa”, ou seja, efetivos no Agrupamento de Escolas da Senhora da Hora.

Idade		Género	
Média de Idades	46,8	F	27
dos 23 aos 35	4	M	5
dos 35 aos 45	6	Situação Contratual	
dos 45 aos 55	18	QE/QA	27
dos 55 aos 65	4	QZP	2
		Contratado(a)	2
		Estagiário(a)	1

Tabela 15: Caracterização dos professores que responderam ao inquérito.

Relativamente ao grupo disciplinar, os professores de Matemática, Informática, 1º ciclo do ensino básico, Geografia e Educação Física, foram aqueles que mais responderam ao questionário.

Verifica-se uma participação pouco significativa dos professores que pertencem ao grupo disciplinar das Expressões Linguísticas, sobretudo de Português.

Contudo, a investigadora considera muito positivo o facto de haver professores colaboradores que pertencem a grupos disciplinares bem distintos, pois terão visões muito próprias sobre a temática, de acordo com a sua larga experiência profissional com os alunos.

Grupo Disciplinar		
Código	Designação	Nº de professores
110	1ºCiclo	3
240	Educação visual e Tecnológica 2º ciclo	1
290	Educação Moral e Religiosa	1
250	Educação Musical	1
300	Português	0
320	Francês	1
330	Inglês	1
350	Espanhol	0
400	História	2
410	Filosofia	0
420	Geografia	3
500	Matemática	6
510	Física e Química	2
520	Biologia e Geologia	2
530	Educação tecnológica	0
550	Informática	5
600	Artes visuais	1
620	Educação Física	3

Tabela 16: Grupos de Recrutamento a que pertence os professores.

4.3.2 O que pensam os professores sobre o Empreendedorismo

No geral, as expressões dos professores são muito interessantes, reiterando, no geral, a importância do tema na Sociedade em que vivemos. Uma vez que todos os professores responderam a esta questão, serão citadas apenas as respostas mais significativas, que se enquadram na problemática presente no estudo.

Algumas respostas que reconhecem no Empreendedorismo uma estratégia fundamental para o crescimento económico:

- “É muito importante para o desenvolvimento da economia de um País”
- “É uma área que está a ser mais explorada e incentivada no mundo económico atual para se poder fazer face às dificuldades que as empresas, as sociedades e a economia em geral enfrentam, no sentido de se tornarem mais competitivas e prósperas. O que é necessário valorizar, neste contexto, são as ideias inovadoras, originais e a investigação em áreas por descobrir e onde vale a pena intervir.”

Por outro lado, corroborando a literatura apresentada, constata-se que a compreensão do tema recai, não tanto pela vertente económica e empresarial associada ao tema, mas sobretudo pela parte comportamental:

- “Que é um aspeto muito importante a implementar nas escolas. Penso que desde cedo as **competências dos alunos para esta área**, conforme, as faixas etárias, deveriam ser iniciadas e os mesmos motivados a aprender a empreender, sempre numa perspetiva sustentada e com **espírito crítico**.”
- “Uma **característica** que todos devem cultivar e cuidar em si mesmos.”
- “Algo que deveria ser mais explorado e apoiado! No entanto as **características pessoais** dos docentes, auxiliares e alunos são determinantes!”
- “As novas tecnologias vieram introduzir no trabalho e nas empresas muitas alterações. **O Homem é o fator que pode tornar as empresas mais competitivas** Para corresponder às exigências da mudança, é necessário que seja **competente, dinâmico, flexível, sobretudo qualificado e aberto à autoaprendizagem e à formação contínua**.”
- “**Ter determinação para avançar com projetos**.”
- “**Ser empreendedor é ter espírito de iniciativa, ser criativo, procurar soluções, saber superar obstáculos e vencer a adversidade com dinamismo e resiliência**.”
- “**Bem dirigido poderá ser uma boa aposta da promoção de atitudes de competitividade em jovens que serão os motores no nosso futuro. A escola é um meio de excelência onde se poderá promover o espírito empreendedor, através do ensino e da aprendizagem**.”
- “Um conceito muito atual, mas cada vez mais necessário para quem consegue **interpretar adequadamente o presente e estar confiante no futuro**”
- “**Empreendedorismo é inovação, criatividade, projeção para o futuro de forma consciente e responsável, saber comunicar, defender os seus ideais e saber ouvir**.”
- “**Empreendedorismo é a capacidade que algumas pessoas têm de criar/produzir e atingir os objetivos a que se propuseram**.”
- “**Penso que é importante para estimular a capacidade de iniciativa e inovação em diversas áreas**”

Segundo as expressões citadas, é possível verificar que os professores associam ao empreendedorismo a um conjunto de “competências”, “capacidades”, “atitudes”, “características” que qualquer indivíduo deve promover em si próprio, para que se torne capaz de se projetar de forma criativa, inovadora e atingir os objetivos a que se propôs, procurando soluções para ultrapassar

obstáculos. Ao ter este “espírito”, será mais fácil *“interpretar adequadamente o presente e estar confiante no futuro”*.

Por outro lado, houve professores que se expressaram da seguinte forma:

- *“Algo a explorar desde que haja motivação. No atual contexto, no setor da educação, a tutela só “impõe” razões para a desmotivação.”*

- *“Ganha-se o mesmo e trabalha-se muito. Quase todos o travam. Não fazem nem deixam fazer. Já assim é desde que trabalho como professora, desde 1987.”*

Neste caso, os professores estão descontentes com o sistema de ensino atual, sobretudo pelas mudanças que a classe docente tem vivido por parte da tutela nos últimos anos. As políticas implementadas afetam a vida pessoal dos docentes, a qualidade da sua prática profissional, pois cada vez mais trabalham mais tempo, com mais alunos e por menos dinheiro. Os professores sentem-se desmotivados e demasiado cansados para promoverem nas escolas projetos que vão além da sua prática letiva, é neste sentido que o professor escreve “quase todos o travam”, no sentido que não estão reunidas as condições para promover algo que os vai sobrecarregar ainda mais. De acordo com Teixeira (2012) citado na revisão de literatura, o professor atualmente é obrigado a um “empreendedorismo titânico”, que exige dele constante adaptação ao contexto social, laboral, pedagógico e pessoal.

4.3.3 A importância atribuída à promoção do empreendedorismo nas escolas

Na pergunta “É importante para os alunos participarem em atividades de promoção ao empreendedorismo?”, são apresentadas algumas das respostas que reconhecem a importância da introdução do empreendedorismo nas escolas:

- *“Claro que sim!! é essencial ajudar os alunos a explorar o seu lado de empreendedor: todos temos, não??? Às vezes só está adormecido e é preciso ajudar a quebrar as correntes que os prendem que lhes dão aquele ar parado, amorfo.”*

- *“Sem dúvida. Ao aprender a empreender tornar-se-ão sem dúvida cidadãos mais ativos e conscientes. Aprenderão a medir o risco, a inovar e a crescer de forma saudável e sustentada.”*

- *“Sim. Nesta nova era, estamos numa transição da força do trabalho manual, pouco qualificado, para uma força de trabalho intelectual, altamente qualificado. O conhecimento é o fator fundamental para a estratégia de crescimento das empresas e das nações.”*

-“ Sim. A participação nestas atividades permite-lhes contextualizar os conhecimentos adquiridos na escola, bem como perspetivar os problemas numa outra dimensão. De igual modo, têm a oportunidade de desenvolver capacidades na procura de soluções para os problemas.”

- “Sim. Cada vez mais é aconselhável que os mais jovens tomem consciência do seu papel no mundo atual, dos problemas que o mundo enfrenta, em que áreas é mais necessário empreender, para que lhes sejam abertos horizontes e que lhes seja dada formação de maneira a serem orientados e a tornarem-se mais dinâmicos e interventivos em sociedade.”

-“ Sim. Devem aprender a procurar oportunidades para o futuro e a sobressaírem no mercado de trabalho.”

Como se pode verificar, no geral os professores consideram muito importante para o futuro dos jovens prepará-los o melhor possível para “ler” o mundo e atuar nele, de forma sustentada e confiante.

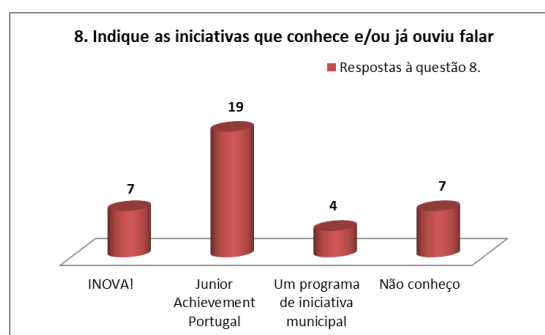
Contudo, dois professores referem que será sim senhor interessante para os alunos, desde que, estes de facto o queiram. Se estiverem interessados, em se envolverem nas atividades, então será benéfico para os alunos a promoção do empreendedorismo nas escolas.

- “Para os interessados todas as experiências são importantes

- “Sim se os alunos se envolverem efetivamente”

4.3.4 Iniciativas de educação para o empreendedorismo que conhece

Quando auscultados sobre iniciativas/programas de educação para o empreendedorismo que possam conhecer, 19 professores respondem que conhecem ou ouviram falar os programas da *Junior Achievement* Portugal e 7 respondem que conhecem ou ouviram falar do programa INOVA!, programa promovido no âmbito



do Programa +e+i - **Programa Estratégico para o Empreendedorismo e a Inovação**. Este, conforme referido

Gráfico 9: Iniciativas que os professores conhecem/já ouviram falar.

no ponto 2.6, materializa a estratégia do Governo para a promoção do empreendedorismo junto das escolas. Tratando-se do programa de educação para o empreendedorismo promovido pela Tutela, verifica-se que não é do conhecimento geral a existência deste programa. Neste sentido, reconhece-se

que a Associação JAP faz um trabalho de divulgação mais próximo e efetivo junto das escolas, o que não se verifica com o INOVA!. A investigadora acrescenta ainda que que conhece este programa pela pesquisa efetuada, e não através de informação veiculada pela escola.

Relativamente aos professores que estiveram efetivamente envolvidos em algum programa de educação para o empreendedorismo, apenas 9 responderam afirmativamente. Estes professores, no geral, estiveram envolvidos na aplicação dos programas JAP nas suas turmas, sobretudo o programa “Economia para o Sucesso” direcionado para os alunos do 3.º ciclo do ensino básico. Foi interessante encontrar uma professora que trabalhou na Direção Regional de Educação do Norte, sendo responsável por estabelecer o primeiro contacto para as escolas a divulgar a Associação JAP e os seus programas. Este facto mostra que a DREN apoia e incentiva as escolas a colaborarem com a Associação JAP.

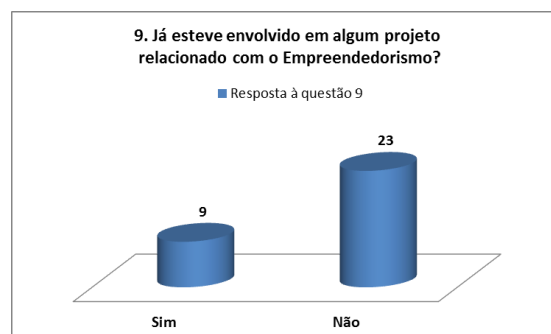


Gráfico 10: Número de professores que já fizeram parte de um projeto relacionado com o empreendedorismo.

Outra professora refere que uma turma participou no programa “A Comunidade”, direcionado para jovens de 7-8 anos, que frequentam o segundo ano.

Além dos programas JAP, que a maioria conhece, uma professora refere o seguinte: “Participei em vários projetos, mas aquele de que me lembro, intitulado “Sustentabilidade nos transportes ou a Arte de fazer voar objetos”, foi integrado no concurso “Eurotopia 2100” - os alunos envolveram-se bastante no projeto e estiveram muito motivados na sua concretização. Foi pluridisciplinar, tendo uma maior colaboração da disciplina de Área de Projeto do 12.º ano, já extinta.” Este comentário mostra que a disciplina de Área de Projeto reunia as condições necessárias para os alunos desenvolverem a metodologia de projeto e aprender outras competências que no ensino formal dificilmente se estimulam.

Nas suas respostas, alguns professores referiram como os alunos reagiram à iniciativa implementada, maioritariamente programas JAP:

- “No geral os alunos mostraram muito interesse nas temáticas”;
- “O impacto foi positivo pois permitiu-lhes compreender alguns processos socioeconómicos atuais, bem como simular caminhos e selecionar opções de resolução, sensibilizando-os para as capacidades a que podem e devem recorrer na resolução de problemas e na definição de objetivos”;
- “ Os alunos gostaram das atividades propostas e foram alertados para determinadas situações em que nunca tinham pensado. Penso que levou a uma mudança de atitudes pelo menos da parte de

alguns. O impacto foi muito positivo, de acordo com as avaliações feitas pelos professores e alunos envolvidos”.

4.3.5 O que tem sido feito nas escolas para a promoção do empreendedorismo

Em resposta à pergunta “10. O que tem sido feito nas escolas na promoção do empreendedorismo...” 11 professores responde que se tem feito “pouco ou nada”. Por outro lado, outros referem que se tem feito alguma coisa, em disciplinas específicas:

- *As atividades próprias de algumas disciplinas, por exemplo em Formação Cívica, que infelizmente já não existe em todos os anos de escolaridade.*
- *No programa de Geografia do ensino secundário, frequentemente se fala neste assunto, de acordo com os temas em estudo, mas sem que essa abordagem seja muito consistente. Na disciplina de Área de Integração, ensino profissional, o assunto é estudado, sendo um dos temas da Área "Sociedade."*
- *Caberá a cada professor/disciplina envolver os alunos em trabalhos ou lecionar os conteúdos de forma a que os alunos desenvolvam estes valores e competências. No entanto, a extensão dos programas limita bastante o campo de ação do professor neste âmbito. A disciplina de Área de Projeto do secundário, já retirada do currículo, permitia dar um bom contributo no sentido da aquisição e desenvolvimento destas competências nos alunos.*

Neste caso, uma professora de Geografia refere que o tema é abordado na sua disciplina, mas só no secundário, “*mas sem que essa abordagem seja muito consistente*”. Por outro lado, há professores que referem que estes assuntos normalmente são abordados na disciplina de Formação Cívica, e, já foram desenvolvidos em Área de Projeto quer no 3.º ciclo, como no 12.º ano, disciplinas que foram retiradas do currículo dos alunos desde o presente ano letivo. Neste sentido, encontra-se a seguinte opinião de outra professora: “*nas aulas de Formação Cívica e Área de Projeto (quando existiam) existia espaço para o debate de temas pertinentes e relevantes para o desenvolvimento destas temáticas*”

Relativamente a Área de Projeto lecionado no 12.º ano, uma docente desabafa: “*permitia dar um bom contributo no sentido da aquisição e desenvolvimento destas competências nos alunos*” e outra reitera escrevendo “*na disciplina de Área de Projeto que era lecionada no ensino secundário, este tema talvez fosse abordado com frequência*”.

Da análise das respostas dos professores inquiridos verifica-se que o que se tem feito nas escolas passa pela aplicação sobretudo dos programas “A Comunidade” e “Economia para o Sucesso”,

programas JAP, direcionados para o 1º ciclo e 3º ciclo, respetivamente, cuja implementação envolve a deslocação de um voluntário à sala de aula, cerca de 5/6 sessões.

Uma docente refere algo muito interessante “A nível do 9.º ano na nossa escola foi criada um tempo letivo para desenvolver o empreendedorismo.” De facto, no presente ano letivo, foi introduzida pela primeira vez no Agrupamento onde se desenrolou a investigação, uma disciplina de oferta escola designada “Jovens Empreendedores”, inserida no currículo do 9.º ano do ensino básico, apenas nos alunos que frequentaram a escola sede. Esta foi uma iniciativa piloto no Agrupamento, uma vez que não há referência de algo semelhante noutras escolas/agrupamentos.

A disciplina tinha a duração de um tempo letivo de 50 minutos, uma vez por semana. As professoras que lecionaram esta disciplina pertencem ao grupo disciplinar de Geografia, uma vez que há conteúdos em Geografia que abordam a Sustentabilidade, talvez por essa razão a Direção do Agrupamento tenha distribuído esta disciplina pelos docentes do Grupo de Geografia. Numa conversa informal a 28 de junho de 2013 com uma das professoras que lecionou esta disciplina, a professora refere que o objetivo é, no geral, muito interessante e oportuno, contudo foi uma dificuldade organizar os conteúdos e as atividades porque não há um programa que forneça orientações para a planificação e organização das atividades. Apesar dos constrangimentos iniciais ultrapassados com pesquisa e estudo, as professoras conseguiram organizar-se e trabalhar o tema Empreendedorismo com os alunos, em sala de aula. Segundo a professora, permitiu consciencializar os alunos para o tema e para as características do Empreendedor, permitiu implementar nas aulas o programa “Economia para o Sucesso”, da JAP, com a colaboração do Voluntário, realizar uma visita de estudo a empresas que nasceram da visão de um empreendedor... Mas numa abordagem sobretudo teórica e formal.

Relativamente à questão “11. Estão os professores preparados para a educação para o empreendedorismo?”, 20 professores referem que “Não”, o que é deveras significativo. Alguns acrescentaram que “Necessitam de orientação para o fazer”.

Para promover o empreendedorismo junto dos alunos, é necessário que primeiro, os próprios professores apresentem um comportamento empreendedor.

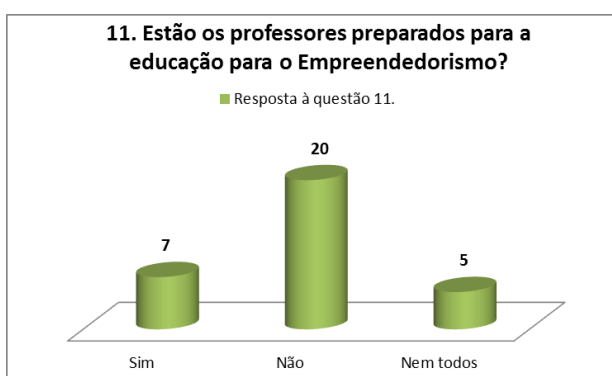


Gráfico 11: Opinião sobre se estão os professores preparados para introduzir nas escolas o empreendedorismo.

4.3.6 Principais desafios e sugestões para a educação para o empreendedorismo

Na questão 12, os professores foram convidados a expressarem, na sua opinião, os constrangimentos e desafios que dificultam a promoção do empreendedorismo nas escolas, é possível consultar algumas das respostas na tabela seguinte:

Resposta à questão: "12. Quais são os principais desafios atuais que dificultam a promoção de uma cultura mais empreendedora nas Escolas?"
<i>O pouco tempo que temos para preparar aulas e os objetivos dos programas curriculares que não estão adequados, na maioria dos casos, ao número de aulas ou à faixa etária.</i>
<i>Falta de conhecimento e de espaço letivo ou não letivo para desenvolver as tarefas respetivas.</i>
<i>A grande extensão de programas curriculares para cumprir.</i>
<i>O cumprimento dos currículos, o ensino está cada vez mais virado para os exames e rankings. As turmas com elevado número de alunos, também não permite ou, torna mais difícil a execução projetos paralelos à atividade letiva</i>
<i>O desânimo presente na classe docente; A instabilidade e incerteza da carreira;</i>
<i>Falta de informação e formação.</i>
<i>O conjunto de valores que suportam a base da educação dos nossos alunos. Por vezes é difícil e outras é muito difícil(para não dizer impossível) mostrar outros princípios para estar na vida. O trabalho, a perseverança, o dialogo, a ética..., são metas que para alguns alunos vem ainda muito longe. Isto porque estão muito habituados a tudo o que seja fácil.</i>
<i>Organização dos currículos Organização das cargas horárias Défice ao nível da autonomia dos alunos</i>
<i>Falta de formação dos professores e falta da verdadeira cultura do empreendedorismo no sentido do bem comum.</i>
<i>Falta de formação nesta temática e a falta de tempo e de motivação dos professores, devido ao excesso de trabalho cada vez mais exigido aos mesmos.</i>
<i>A sobrecarga de tarefas e atividades; o elevado número de alunos por turma;</i>
<i>A formação dos diferentes grupos de professores</i>
<i>Talvez, em primeiro lugar, o desconhecimento dos docentes desse tema; os currículos "pesados" com grande carga horária; os programas extensos de cada disciplina que não permitem uma abordagem continuada desse tema.</i>
<i>Os principais desafios são a falta de motivação dos professores, por vezes uma deficiente organização de horários e recursos</i>
<i>Excessiva carga burocrática exigida aos professores e programas extensos para cumprir.</i>
<i>Creio que a falta de formação nesta área.</i>
<i>O ensino "massificado" sem qualquer critério; todos são obrigados a fazer a escolaridade obrigatória, porque o que interessa é o nº de alunos que obtêm esse certificado e ainda a falta de condições de trabalho.</i>

Gráfico 12: Opinião dos professores sobre os desafios que dificultam a promoção de uma cultura empreendedora nas escolas

Conforme podemos observar na tabela, os professores apontam vários obstáculos:

- Falta de informação/formação sobre o tema e sobretudo, desconhecimento sobre como educar para o empreendedorismo (assinalado na tabela com a cor salmão).

- Programas curriculares desajustados. Neste respeito, as palavras que mais se leem são “pesados”, “extensos”, “ensino massificado” (assinalado na tabela com a cor azul).

- Falta de condições de trabalho para que os professores possam, além da sua prática letiva, encontrar estratégias para implementar e acompanhar devidamente uma educação empreendedora. Neste ponto os professores referem que “turmas com elevado número de alunos”, “instabilidade e incerteza da carreira”, “excessiva carga burocrática” e “deficiente organização de horários e recursos” são os principais desafios que levam ao “*desânimo presente na classe docente*” e à “*falta de motivação dos professores*” (assinalado na tabela com a cor verde).

- “*O conjunto de valores que suportam a base da educação dos nossos alunos*”, representa outro obstáculo para a promoção do empreendedorismo. Se para alguns alunos o “*trabalho, a perseverança, o diálogo, a ética..., são metas que ... vem ainda muito longe*” e se o nível de autonomia destes apresenta um “*défice*”, trabalhar com estes jovens é certamente um desafio constante, não só para lecionar os conteúdos específicos de uma determinada disciplina como também no assumir com estes alunos o compromisso de, por exemplo, desenvolver um programa de educação para o empreendedorismo.

Depois de apontarem os principais desafios que condicionam a “proliferação” do empreendedorismo na instituição Escola, os professores apontam agora algumas sugestões (Gráfico 13). Como é possível analisar no gráfico, consideram que a introdução do empreendedorismo poderá concretizar-se por,



Gráfico 13: Sugestões dos professores para a promoção do empreendedorismo na escola.

em primeiro lugar, *disponibilizar formação sobre Empreendedorismo para os professores*. Em segundo

lugar, *cada turma poderá ser responsável por desenvolver um projeto na área do empreendedorismo, e trabalhá-lo de forma transversal nas várias disciplinas*. E em terceiro lugar, *criar um Clube de Empreendedorismo, para promover atividades e palestras sobre o assunto*.

Verifica-se que a opção *acrescentar uma disciplina de empreendedorismo nos currículos escolares dos alunos do Secundário* foi pouco escolhida pelos professores.

Na questão “Gostaria de trabalhar com os alunos em algum projeto relacionado com o empreendedorismo?”, o gráfico 14 mostra que a maioria manifesta essa vontade. Cinco respondem “Depende”, reconhecendo que gostariam de participar, mas antes precisariam de formação.

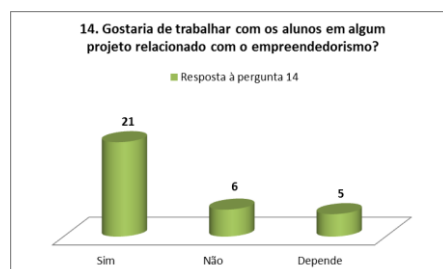
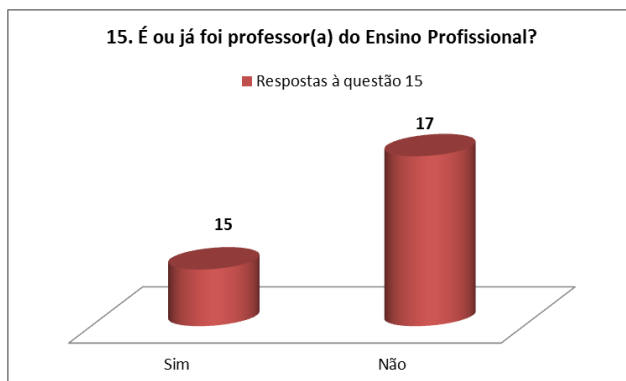


Gráfico 14: Número de professores que gostariam de participar com os alunos num projeto de empreendedorismo.

4.3.7 Professores do Ensino Profissional

De acordo com o gráfico 15, dos 33 inquiridos, 15 já trabalharam ou trabalham com alunos do Ensino Profissional.

Gráfico 15: N° de professores inquiridos que lecionam ou já lecionaram no Ensino Profissional.



Uma vez que na presente investigação a problemática envolve os alunos do ensino profissional, considerou-se pertinente solicitar aos professores que trabalham com eles no terreno, para expressarem a sua opinião relativamente às características que definem, no geral, um aluno do ensino profissional:

Respostas à Questão "16. Como caracteriza, em geral, um aluno do ensino profissional"	Manifesta POUCO	Manifesta ALGUM	Manifesta na sua TOTALIDADE
Assíduo	2	12	1
Pontual	8	7	
Autónomo	9	6	
Responsável	7	8	
Empenhado	10	5	
Gosta de Estudar	11	4	
Com espírito de sacrifício	14	1	
Boa capacidade de comunicação	8	7	
Exigente na qualidade do seu trabalho	11	4	
Com objetivos bem definidos quanto ao futuro	10	5	

Tabela 17: Opinião dos professores relativamente à caracterização do aluno do ensino profissional.

De acordo com a tabela 17, verifica-se que a "mancha" de respostas situa-se entre "Manifesta Pouco" e "Manifesta Algum", nos vários itens relacionados com o desempenho escolar dos alunos. A coluna "Manifesta na sua totalidade" é apenas assinalada uma vez, havendo apenas um docente que considera que, no geral, os alunos manifestam total assiduidade.

Fazendo uma análise da tabela, verifica-se que os alunos do ensino profissional são considerados pelos seus professores:

- Pouco empenhados nas atividades letivas propostas;

- Gostam pouco de estudar;
- Manifestam fraco espírito de sacrifício;
- São pouco exigentes na qualidade do seu trabalho;
- Com “poucos” objetivos definidos quanto ao seu futuro.

Depois da caracterização dos alunos, os professores foram questionados sobre a importância da educação para o empreendedorismo em especial no ensino profissional. Algumas das respostas podem ser consultadas na tabela seguinte:

Respostas à questão: “17. É importante para os alunos do ensino profissional terem «uma experiência prática de empreendedorismo antes de terminarem o ensino secundário»?”
<i>sim para se tornarem mais autónomos</i>
<i>Sendo cursos mais "vocacionados" para determinadas profissões e com uma forte componente prática, uma experiência ao nível do empreendedorismo pode ser útil e benéfica na tomada de iniciativas pessoais no âmbito da formação adquirida.</i>
<i>Sim. Pelo contacto ficarão mais conscientes e com novas perspetivas para futuras possibilidades de sobrevivência e atuação no mundo atual.</i>
<i>Sim! porque estes miúdos estão completamente desfasados do que é a vida fora da escola!! e do que é necessário fazer para alcançarem o tal sucesso</i>
<i>Sim, para experimentarem pôr em prática as características do empreendedor, o que pode ser mais fácil com a ajuda do professor.</i>
<i>Sim, para ficarem melhor preparados para o mundo do trabalho.</i>
<i>Sim. Para identificar oportunidades, agarrá-las e buscar os recursos para transformá-las em negócio lucrativo. Esse é o papel do empreendedor.</i>
<i>Sim porque aqui a vertente sendo profissional pretende-se o desenvolvimento deste espírito mais rapidamente na medida em que os alunos podem ingressar no trabalho mais rapidamente.</i>
<i>Muito para terem uma ideia de como se trabalha numa empresa e para serem mais participativos</i>

Tabela 18: Opinião dos professores sobre a importância de promover o empreendedorismo sobretudo no ensino profissional.

As respostas dos 15 professores são afirmativas quando questionados sobre a importância de se promover a educação para o empreendedorismo no ensino profissional. Referem que, uma vez que os alunos pretendem “ingressar no trabalho mais rapidamente” e “estão completamente desfasados do que é a vida fora da escola”, beneficiarão da educação para o empreendedorismo por ficarem “mais conscientes e com novas perspetivas para futuras possibilidades de sobrevivência e atuação no mundo atual”, “para ficarem melhor preparados para o mundo do trabalho” e para “pôr em prática as características do empreendedor”.

Quando questionados sobre a obrigatoriedade da promoção do empreendedorismo no ensino profissional, 11 professores respondem “Sim”, contra 4 que respondem “Não”. Verifica-se deste modo que a maioria reforça a importância e a obrigatoriedade da introdução do tema no ensino profissional.

18. A promoção do empreendedorismo deveria ser obrigatória no Ensino Profissional?

Sim	11
Não	4

Tabela 19: Opinião dos docentes sobre a obrigatoriedade da promoção do empreendedorismo no ensino profissional.

Relativamente às condições necessárias para uma educação empreendedora no ensino profissional, as respostas dos professores são apresentadas na tabela seguinte.

Respostas à questão: “19. Para implementar um programa/projeto de promoção ao empreendedorismo no Ensino Profissional, que condições eram necessário reunir?”	
Haver no horário uma tarde/manhã livre para os alunos interessados poderem trabalhar.	8
A turma não deve estar dividida por turnos.	0
Haver no horário 2 blocos de 100 minutos, de preferência seguidos para o projeto.	8
Evitar implementar o projeto nos primeiros anos de um curso, porque os alunos ainda não conhecem a capacidade de trabalho dos seus colegas.	10

Tabela 20: Sugestões para implementar um programa/projeto de empreendedorismo no ensino profissional.

A maioria dos professores considera que se deve “evitar implementar o projeto nos primeiros anos de um curso, porque os alunos ainda não conhecem a capacidade de trabalho dos seus colegas”, e que poderá haver no horário dos alunos um espaço para a implementação de um programa de educação para o empreendedorismo, ou uma tarde livre, em que participariam apenas os interessados, ou incluir no horário uma disciplina própria para trabalhar este tema. Neste último caso, seria obrigatório para todos os alunos.

Finalmente, na última questão, os professores foram convidados a se expressarem sobre outras sugestões, além dos programas de educação para o empreendedorismo, no sentido de melhor preparar os alunos para a realidade que os espera. Algumas respostas foram:

- “distribuir os estágios ao longo do ciclo de estudos”;
- “Contatos diretos com empreendedores portugueses.”
- “Mais ligação ao mercado de trabalho, mais visitas a empresas.”

Constata-se que as respostas dadas, “encaixam” mais uma vez nos programas de educação para o empreendedorismo, que procuram sobretudo aproximar a escola do mercado de trabalho, os alunos das empresas, através do contacto com profissionais de várias áreas e segmentos, fomentam visitas, e com estas atividades o desenvolvimento das *soft skills*, do perfil empreendedor, da valorização do capital humano.

Capítulo 5

Discussão de resultados e Conclusões

A questão de investigação que norteou o estudo foi:

“Qual o impacto da implementação de um programa de educação para o empreendedorismo na construção de saberes e na forma como os alunos equacionam o seu futuro?”

Após efetuado o enquadramento teórico, a caracterização da amostra, revelou-se necessário e pertinente definir quatro eixos de investigação, no sentido de encontrar uma resposta para a questão acima. São apresentadas de seguida as principais conclusões retiradas de cada “eixo”.

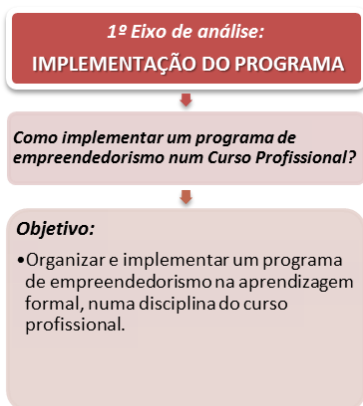
5.1 Satisfação dos objetivos

■ 1º Eixo de Análise: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA

A preocupação da investigadora situou-se no “como”, e não tanto no “qual”, uma vez que o programa de educação para o empreendedorismo escolhido foi, desde o primeiro momento, o programa A EMPRESA, dinamizado pela JAP, pelas razões já anunciadas no ponto 3.2.1.

O objetivo parcelar consistiu em organizar e implementar o programa A EMPRESA na aprendizagem formal, ou seja, na disciplina de *Design, Comunicação e Audiovisuais*, uma vez que os alunos não tinham no horário outro momento que permitisse a implementação do programa. Deste modo, a principal preocupação foi intersetar a implementação do programa A EMPRESA com a planificação da disciplina, sem comprometer o seu cumprimento e a avaliação dos alunos relativamente aos seus conteúdos específicos. Verificou-se que este aspeto exigiu, por parte da investigadora uma reestruturação da planificação e das atividades a lecionar, propondo atividades que se adequavam com as do programa A EMPRESA.

Um constrangimento foi o facto de a turma estar dividida por turnos. Por um lado, consegue-se acompanhar melhor o trabalho desenvolvido pelos alunos, mas por outro, condicionou a formação das equipas de trabalho para o programa A EMPRESA, tendo que os alunos se “escolherem” dentro do turno.



Após a apresentação do programa aos alunos, a investigadora deparou-se com um grupo não interessado em participar no programa, pelas razões apresentadas no ponto 4.2.2.2, exigindo a definição de uma atividade paralela para estes, o mais semelhante possível com o programa A EMPRESA, por uma questão de equidade de projetos propostos. A solução encontrada foi propor aos alunos não participantes a dinamização da Oficina de Informática na escola, a que anuíram.

Deste modo, resta concluir que o objetivo de organizar e implementar o programa A EMPRESA numa disciplina do ensino profissional foi atingido, uma vez que a sua implementação foi concretizada.

■ 2º Eixo de Análise: ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS

Depois de reunidas as condições para a implementação do programa A EMPRESA na disciplina de DCA e uma vez apresentado aos alunos, foi fundamental acompanhar todo o processo para analisar a relação entre observação empírica da investigadora e a apreciação que os alunos iam fazendo da sua participação.

Relativamente aos 11 alunos que participaram no programa, constatou-se que, no início, mostraram-se interessados e entusiasmados. Contudo, quando surgiu a fase de organizar trabalho, dividir tarefas e concretizá-las, os alunos não conseguiram, no geral, corresponder. De acordo com as respostas dos alunos no questionário final (4.2.2.1), verificou-se que os próprios reconheceram que não se dedicaram como deviam. Não trabalhavam fora da sala de aula, não se faziam acompanhar do material necessário e, relativamente ao trabalho de equipa, consideraram que este não funcionou, uma vez que, a maioria, evidenciou pouco empenho e vontade de trabalhar. Os alunos referiram que a etapa onde sentiram mais dificuldades foi na “Definição da ideia de negócio, seus objetivos, missão, valores e visão”. A investigadora reconhece que de facto, foi a partir desse momento que o entusiasmo foi diminuindo, pois perceberam que afinal, não é só ter ideias, é necessário organizá-las, estudar a sua viabilidade e definir um plano de negócios com rigor e qualidade. Verificou-se também que, se por um lado reconhecem que o seu desempenho ficou aquém, por outro, referem que a principal razão para se atrasarem no projeto e por consequência, desistirem dele, foi sobretudo, o facto de considerarem insuficiente “um bloco de 100 min de DCA apenas uma vez por semana” para desenvolver o programa. Escudaram-se muito na desculpa do “100 minutos ser pouco tempo para trabalhar”.

Quanto aos alunos não participantes, constatou-se que no geral, reconheceram que o programa era interessante e com um propósito muito pertinente, contudo, o receio de ficar mal na competição, de não fazer um bom trabalho inibiu-os de aceitarem o compromisso. Neste respeito, a investigadora verificou que os alunos mais responsáveis, cumpridores e com melhor aproveitamento da turma, optaram por não participar no programa A EMPRESA. Aceitaram dinamizar a Oficina de Informática por

2º Eixo de análise: ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS

Como se desenvolverá a participação e o envolvimento dos alunos nas atividades propostas?

Objetivo:

- Analisar a relação entre o envolvimento dos alunos e a apreciação que os alunos fazem da sua participação nas várias etapas do programa.

se tratar de um projeto local e sem a rigidez de prazos e eventos para participar. Outra razão que poderá ter influenciado estes alunos é o facto não se quererem comprometer a desenvolver um projeto com colegas que não apresentam hábitos de estudo e de trabalho. Talvez por isso a maioria considere que se deverá “evitar implementar nos primeiros anos” este tipo de projetos, uma vez que os alunos ainda não se conhecem bem.

Desta forma, o objetivo de analisar o envolvimento dos alunos e contrapor com visão da investigadora baseada na observação empírica do assunto foi atingido.

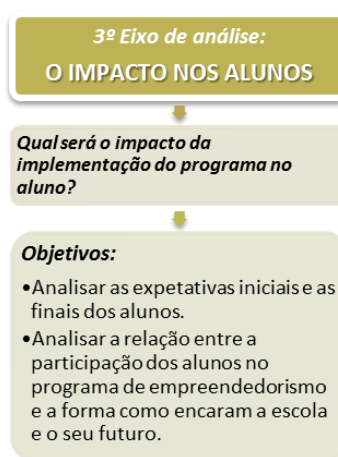
■ 3º Eixo de Análise: O IMPACTO NOS ALUNOS

O impacto foi analisado no sentido de perceber a relação entre a participação dos alunos no programa A EMPRESA e a forma como organizam e projetam o seu futuro. Neste sentido, foram comparadas as respostas dos alunos no questionário inicial e no questionário final.

No momento em que responderam ao questionário inicial, verificou-se que mais de metade da turma desconhecia o tema à volta do Empreendedorismo. Alguns alunos tinham inclusive dificuldade em pronunciar a palavra. Perante este desconhecimento, mais oportuno se tornava a implementação do programa, para que os alunos tomassem consciência de que o empreendedorismo é um fenómeno emergente e necessário na sociedade atual.

Por outro lado, no questionário final, verificou-se uma evolução na forma como se expressaram sobre esta temática. Embora a “abordagem empreendedora” tenha sido curta, os alunos conhecem o termo empreendedorismo, o que está envolvido em ser empreendedor e sobretudo, o que ganham com o comportamento empreendedor. As respostas dos alunos (4.2.2) quando se lhes perguntou a importância de se ter um espírito empreendedor revelaram que estabelecem a relação entre o comportamento empreendedor e a sua empregabilidade, identificando um conjunto de características que podem resultar na promoção do autoemprego ou então facilitar o recrutamento para o mercado de trabalho. Conclui-se, portanto, que tanto os alunos participantes como os alunos não participantes, compreenderam a mensagem do programa A EMPRESA.

Deste modo, o impacto do programa nos alunos traduz-se essencialmente numa tomada de consciência para o tema e a sua importância no futuro/carreira profissional de qualquer indivíduo, e não tanto, na alteração de comportamentos, o que seria desejável. De facto, há um longo caminho ainda a percorrer por parte destes alunos relativamente à mudança efetiva do seu comportamento. Conforme já mencionado, ainda revelam atitudes/características claramente opostas ao perfil empreendedor. Fica



a esperança, para bem destes jovens, que despertem rapidamente para a realidade e alterem o seu comportamento, para um, mais empreendedor.

■ 4º Eixo de Análise: OPINIÃO DOS PROFESSORES

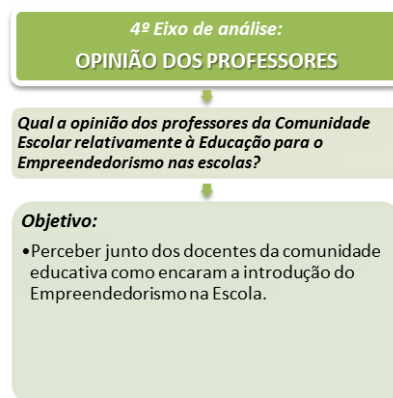
Sendo bem claras as orientações das organizações europeias para a introdução de uma cultura empreendedora nas escolas, revelou-se pertinente e necessário perceber junto dos professores do Agrupamento, o que pensam sobre este assunto. A amostra é composta por 32 professores, sobretudo do sexo feminino, efetivos no Agrupamento e com largos anos de experiência.

Denota-se um conhecimento geral sobre o tema, sobretudo da parte comportamental. Verificou-se que um grande número de professores associa a importância do empreendedorismo ao papel do empreendedor na sociedade e no crescimento económico de um país.

Relativamente às iniciativas de educação para o empreendedorismo, constata-se que os professores conhecem ou já ouviram falar dos programas da Associação *Junior Achievement* Portugal. Importa referir que, apesar de forte recomendação europeia para “reacender” o espírito empreendedor nas escolas, não é o programa INOVA! promovido pelo Governo que está dentre os programas mais conhecidos pelos professores. Este aspeto mostra que a divulgação e publicidade do programa não funcionam devidamente. Neste sentido, verifica-se que a Associação *Junior Achievement* faz um trabalho bem mais próximo e efetivo junto das escolas/professores.

Os professores inquiridos apontam vários desafios/constrangimentos que boicotam a promoção de uma cultura empreendedora junto dos alunos (4.3.6): falta de (in)formação, programas curriculares extensos e “massificados”, “instabilidade e incerteza da carreira”, “excessiva carga burocrática”, “deficiente organização de horários e recursos” e por último, apontam para o tipo de alunos que cada vez mais chegam às escolas, cujos valores de ética, boa educação, trabalho e esforço... “vêm de muito longe”. Nestas condições, entende-se que os professores não estão, no geral, motivados para colaborar na promoção do empreendedorismo nas escolas, pois implicará mais uma tarefa e responsabilidade a acrescentar a todas as outras.

Se por um lado reconhecem a importância e emergência da introdução do empreendedorismo nas escolas, por outro, não aceitam ser ainda mais sobrecarregados com a responsabilidade de implementar projetos junto dos alunos. Esta dualidade é notória nas opções escolhidas relativamente às sugestões para implementar no secundário experiências de educação para o empreendedorismo. A maioria refere que é necessária formação para os professores, que cada turma pode ser responsável por desenvolver um projeto na área do empreendedorismo, que a escola poderá dinamizar um Clube de



Empreendedorismo mas, introduzir uma disciplina nos currículos escolares dos alunos do ensino secundário, tornando o empreendedorismo uma disciplina obrigatória no horário, não agradou à maioria.

Depois de conhecer a opinião geral dos professores sobre o tema, a atenção foi conduzida de seguida para os professores do ensino profissional. Relativamente a estes, foi muito interessante analisar a forma como caracterizam o aluno: pouco empenhado nas atividades letivas, gosta pouco de estudar, manifesta fraco espírito de sacrifício, são pouco exigentes na qualidade do seu trabalho e apresentam “poucos” objetivos definidos quanto ao seu futuro. Cruzando a opinião dos professores com a dos alunos no eixo 3, conclui-se que os alunos apresentam, “no seu estado normal” este tipo de características e atitudes “não empreendedoras”.

À semelhança dos alunos participantes e não participantes, verifica-se também que, os professores são de opinião de se evitar implementar um programa de educação para o empreendedorismo nos primeiros anos de um curso profissional.

Relativamente a outras sugestões, para melhor preparar os alunos do ensino profissional para a realidade que os aguarda, os docentes respondem que é importante dinamizar atividades que os aproximem do mercado de trabalho e das rotinas das empresas, precisamente o que o programa A EMPRESA promove junto dos alunos: procuram encurtar a distância e aproximar cada vez mais o mundo empresarial do escolar, desde muito cedo, envolvendo voluntários, oriundos das empresas, para diretamente dentro das salas de aula e, criar uma simulação da competição empresarial que se faz sentir no mundo real.

Deste modo, o objetivo de perceber junto dos professores inquiridos o que pensam sobre a educação para o empreendedorismo nas escolas, foi alcançado.

5.2 Reflexão final

A presente investigação surge da preocupação da investigadora pelo elevada taxa de desemprego jovem e pelo facto dos alunos do ensino profissional serem aqueles que, no final do 12º ano, pretendem entrar no mercado de trabalho. “Como é que estes jovens vão conseguir, se apresentam uma postura tão desajustada da realidade?” é a pergunta que faz, não só a investigadora, como os professores inquiridos que trabalham com os alunos do ensino profissional.

Fez-se a “experiência” de introduzir numa disciplina o programa A EMPRESA. O balanço é positivo, contudo verifica-se que de facto, ainda há muito trabalho a fazer. Estes jovens em particular precisam urgentemente de ser educados para uma cultura/comportamento empreendedor, de forma contínua, para que as mudanças comportamentais se façam sentir. A abordagem inicial foi feita, os alunos

conhecem o tema, o que está envolvido e o que podem ganhar com o comportamento empreendedor, mas faltou experiência prática e trabalho efetivo por parte dos alunos.

Em todo o processo, o comportamento da turma, revelou ser, seguramente, o maior desafio. Conforme já referido, o ensino profissional, tem a particularidade de congregar nas suas turmas alunos que não revelam hábitos de estudo e de trabalho. Para além disso, evidenciam, no geral, um comportamento desajustado e eticamente incorreto, o que resulta num constante “braço de ferro” entre o professor e estes alunos, exigindo dos professores sobretudo, o papel de educador, e não tanto o de professor. De facto, a turma que participou na presente investigação não foi diferente. Tratou-se de uma turma do 1º ano, 98% composta de alunos provenientes de escolas vizinhas, grande parte de Cursos de Educação e Formação (CEF). A reunião destes alunos começou por ser deveras “explosiva”. Gerir a parte humana da turma foi um desafio constante, sobretudo no 1.º período, onde se protagonizaram o maior número de registos disciplinares. Perante este tipo de alunos, a professora, diretora de turma e investigadora viu o seu trabalho redobrado no sentido de gerir os conflitos que surgiram, definir limites de comportamento e motivá-los para o projeto.

Apesar de todo o trabalho desenvolvido, constata-se que estes alunos apresentam ainda uma postura oposta ao comportamento empreendedor, pelo que se revela urgente, pela dimensão social que se perspetiva, continuar a consciencializar estes jovens para a importância de desenvolverem em si, as características empreendedoras.

Constata-se que nos próximos anos letivos, mantendo a forma como se encontra organizado o ensino profissional, e arrisca-se dizer, o ensino regular público, se não houver um professor que assuma o compromisso de implementar um programa de educação para o empreendedorismo nas suas turmas, prevê-se que, a meta europeia de que os jovens deveriam ter, “pelo menos, uma experiência prática de empreendedorismo antes de terminarem o ensino secundário”, dificilmente será uma realidade.

Para promover uma educação empreendedora, é necessário em primeiro lugar criar condições no sistema de ensino, sobretudo no secundário. Estas mudanças deverão partir do Ministério de Educação e Ciência. Na visão da investigadora, é necessário traçar um plano de reestruturação a diferentes níveis, organizacional, curricular, contratual, entre outros, para que a educação para o empreendedorismo ocorra de forma equitativa para cada aluno, para que todos tenham o mesmo tipo de experiências e de aprendizagens. Só assim os alunos estarão numa situação de igualdade e de coerência, e só assim será possível promover efetivamente uma cultura empreendedora reconhecida em todas as escolas do país.

O empreendedorismo na educação resulta em várias vantagens:

- Consciencializa os jovens em geral para o desenvolvimento de características, capacidades, atitudes desejáveis no indivíduo, enquanto aluno, estudante, profissional e cidadão.
- Representa uma estratégia para disciplinar os jovens cuja educação base falhou. Para estes julga-se interessante envolvê-los em projetos de educação para o empreendedorismo desde bem cedo e de forma contínua.

- Os alunos transportam para casa o espírito empreendedor envolvendo as famílias para o projeto e para o tema, propagando assim a cultura empreendedora para as famílias.

- A escola ganha um novo significado para os jovens e professores que aprendem a ser empreendedores, uma vez que estão envolvidos num projeto que estreita a relação da escola com o mercado de trabalho e têm a oportunidade de aplicar os conteúdos lecionados em algo concreto e real.

Relativamente ao ensino profissional, uma vez que tem um papel importante de preparar os jovens para um mercado de trabalho radicalmente novo, facultando informações e conhecimentos, competências e qualificações visando o desenvolvimento da capacidade empreendedora e da personalidade do jovem, lança-se o desafio aos órgãos decisores de organizarem e reestruturarem os programas curriculares de todos os cursos profissionais para que todos os alunos possam participar em projetos/programas de educação para empreendedorismo no segundo ou terceiro ano do seu curso, como forma de os melhor preparar para o mercado de trabalho ou autoemprego.

O contributo da presente investigação contribuiu para divulgar um “caso” específico de implementação de um programa de educação para o empreendedorismo numa turma do ensino profissional, dando a conhecer os desafios, constrangimentos da implementação de um programa desta natureza numa disciplina do curso, sendo este na área de Multimédia. Permitiu também analisar o que alguns professores do agrupamento pensam sobre a promoção do empreendedorismo, concluindo-se que de fato há muito a fazer para que se reconheça uniformidade nas escolas na forma como atuam em prol da cultura empreendedora na comunidade escolar a que pertencem.

5.3 Trabalho Futuro

São várias as propostas para trabalhos futuros no âmbito deste tema, em vários domínios:

- Organizar, planificar e implementar a educação para o empreendedorismo em todas as turmas do ensino secundário, de um determinado agrupamento. Os resultados deste estudo serão certamente muito ricos em significado, no sentido de se perceber que ajustes são necessários fazer para que todos os alunos possam estar numa situação de igualdade de experiências de aprendizagem. Seria interessante analisar o impacto desta iniciativa na cultura da escola e na mudança dos comportamentos dos alunos.
- Implementar um programa de educação para o empreendedorismo em turmas do ensino profissional, de escolas distintas, desta vez no segundo/terceiro ano e analisar o envolvimento dos alunos nas atividades.
- Estudar o envolvimento dos alunos do ensino profissional em duas situações distintas, por exemplo, no primeiro caso, é introduzida uma disciplina obrigatória no horário dos alunos para

a promoção do empreendedorismo e, no segundo caso, é dinamizado o programa de forma transversal nas várias disciplinas da turma. Organizar, planificar, implementar e analisar estes aspetos serão certamente muito interessantes.

- Implementar numa turma do ensino profissional o programa INOVA! e analisar todo o processo, comparando-o com o programa A EMPRESA, da JAP.

Resta concluir que de facto, há muito a fazer no âmbito da educação para o empreendedorismo, e não se perspetiva por parte da Tutela, até ao momento, estratégias significativas e eficientes neste ponto.

Fica o repto final para que a mentalidade de todos os agentes educativos se altere e se organize no sentido de criar condições para que todos os alunos/jovens em geral possam dizer: *eu não nasci empreendedor, mas aprendi na escola a sê-lo!*

Referências

- Aidar, M. (2007). Empreendedorismo. São Paulo: Thomson Learning.
- Alarcão, I. (1996). Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores (Vol. 22): Porto. Porto Editora.
- Alves, N. (2008). Juventudes e inserção profissional. Educa-Unidade de I&D de Ciências.
- Angeloni, M., & Dazzi, M.. (2003). A Era do Conhecimento. Gestão de empresas na era do conhecimento. Lisboa: Edições Sílabo..
- Audretsch, D. B. (2003). Entrepreneurship: A Survey of the Literature. Enterprise Papers, European Commission.
- Bíscaro, A. (1994). Métodos e técnicas em Treinamento & Desenvolvimento. (Vol. 2). São Paulo: Makron Books.
- Boava, D. & Macedo, F. (2006). Estudo sobre a essência do empreendedorismo. Salvador: Enanpad.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.
- Bourdieu, P., & Passeron, J. (1970). La reproduction: éléments pour une théorie du système d'enseignement. Paris: Éditions de minuit.
- Brollo, M. (2006). Intenção empreendedora: um modelo econômico-psicológico entre estudantes universitários. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.
- Bueno, A., Leite, M., & Pilatti, L. (2004). Empreendedorismo e comportamento empreendedor: como transformar gestores em profissionais empreendedores. XXIV Encontro nacional de Engenharia da produção. Florianópolis, SC, Brasil, 3.
- Bull, I., & Williard, G. E. (1993). Towards a theory of entrepreneurship. Journal of Business Venturing, 183-195.
- Cabral, M. (2012). Contributos da Universidade para a promoção do potencial empreendedor dos estudantes. UCP, Porto. <http://hdl.handle.net/10400.14/9261>
- Cantillon, R. (1755). Essai sur la nature du commerce en général: INED.
- Capucha, L. (1998). Exclusão social e acesso ao emprego: paralelas que podem convergir. Sociedade e trabalho, 3, 60-69.
- Cardoso, R. (2009). Formação profissional e empreendedorismo: o caso do Centro de Juventude de S. Vicente. ISCTE, Lisboa. Retrieved from <https://repositorio.iscte.pt/handle/10071/1507>

- Cardoso, T., Alarcão, I. & Celorico, J. (2010). *Revisão da Literatura e Sistemização do Conhecimento*. Porto. Porto Editora.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*: Universidade Aberta.
- Chaves, M. (2009). *Empreendedorismo na escola: a emergência de um outro paradigma na educação/formação*. FLUP. Retrieved from <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/20315/2/mestmariachavesempreendedorismo000084946.pdf>
- Coelho, C., & Neves, M. (2010). *Aprendizagem ao longo da vida: desafios ao ensino superior para a estratégia EU 2020*. Paper presented at the Actas da I International Conference "Learning and Teaching in Higher. Universidade de Évora. <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/7120/1/2010%20LTHE%20Evora.pdf>
- Mini-empresas no ensino secundário. Projecto do procedimento BEST: relatório final do grupo de peritos.Comissão Europeia. (2005).
- Coutinho, C. & Lisboa, E. (2011). *Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI*. Universidade do Minho.
- Coutinho, C. (2005). *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas*. Braga.CIED.
- Davenport, T. (2001). *Capital humano: o que é e por que as pessoas investem nele*. São Paulo: Nobel.
- David, D., Roveda, M., Redivo, R., Gauthier, F., Colossi, N., & Franzoni, A. (2001). *Aspectos pedagógicos no ensino do empreendedorismo*. Anais. III Encontro Nacional de Empreendedorismo, Florianópolis, 1(2).
- Dolabela, F. (1999). *Oficina do empreendedor*: São Paulo. Cultura.
- Dornelas, J. (2008). *Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Drucker, P. (1994). *Sociedade Pós-Capitalista (Vol. 1)*. São Paulo: Pioneira.
- Duarte, A. (2012). *A introdução dos cursos profissionais nas escolas públicas: perfil socioeducativo dos alunos*. Lisboa: CIES-IUL, 2012 (CIES e-Working Paper, 143).
- Filion, L. (1991). *O planeamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações*. Revista de Administração de Empresas, 31(3), 63-72.
- Filion, L. (1997). *From entrepreneurship to entreprenology*: Montréal: École des hautes études commerciales, Chaire d'entrepreneurship Maclean Hunter.
- Flores, J., GÓMEZ, G., & Jiménez, E. (1999). *Metodología de la Investigación Cualitativa*. Málaga: Aljibe.
- Friedlaender, G. (2012). *Metodologia de ensino-aprendizagem visando o comportamento empreendedor*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Gaspar, F. (2006). *A Influência do Capital de Risco e da Incubação de Empresas no Empreendedorismo e na Mortalidade das Jovens Empresas*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade Lusíada. Disponível em <http://docentes.esgs.pt/fernando-gaspar/>(acedido a 15 de abril de 2013).

- Gomes, M. (2004). Educação a distância: um estudo de caso sobre formação contínua de professores via Internet. Braga: Centro de Investigação em Educação.
- Gonçalves, C. (2010). Emprego dos licenciados universitários: reflexões em torno de dois estudos. Inserção profissional de graduados em Portugal.(Re) configurações teóricas e empíricas. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 195-227.
- Gonçalves, F., Carreira, T., Valadas, S., & Sequeira, B. (2006). Percursos de empregabilidade dos licenciados: Perspectivas europeias e nacional. *Análise Psicológica*, 24(1), 99-114.
- González, G. & Nélide, M. (1997). A globalização e os novos espaços da informação. *Informare*, Rio de Janeiro, 3(1/2).
- Goulart, I., Papa, S., & Leite, W. (2011). Empreendedorismo: uma palavra nova, uma ação urgente. *Educação & Tecnologia*, 7(1).
- Guião de Educação para o Empreendedorismo. (2006). Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação.
- Henrique, D., & Cunha, S. (2008). Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. *Revista de Administração Mackenzie* (Vol. 9, pp. 112-136).
- Hynes, B. (1996). Entrepreneurship education and training-introducing entrepreneurship into non-business disciplines. *Journal of European Industrial Training*, 20(8), 10-17.
- Kirzner, I. (1979). Perception, opportunity, and profit: Studies in the theory of entrepreneurship: University of Chicago Press Chicago.
- Macêdo, M., Boava, D., & Silva, A. (2009). Estudo sobre as abordagens económica e comportamental no empreendedorismo. Universidade Federal de Ouro Preto.
- Marques, A. (2007). MeIntegra: mercados e estratégias de inserção profissional: licenciados versus empresas da Região Norte. Universidade do Minho.
- Marshall, A. (1982). *Princípios de economia*. São Paulo: abril cultural, 1.
- Martins, C. (2006). Estudo de Caso: Uma estratégia de pesquisa. *Coleção Primeiros Passos*: Gilberto de Andrade.
- McClelland, D. (1967). *Achieving society*. Simon and Schuster.
- Mendes, A. (2007). Apontamentos sobre a educação para o empreendedorismo em Portugal. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 285-298.
- Mill, J. (1986). *Princípios de economia política*. São Paulo: Nova Cultural.
- Miner, J. (1998). Os quatro caminhos para o sucesso empresarial: como acertar o alvo no mundo dos negócios. São Paulo: Futura, 305.
- Naia, A. (2009). Importância da formação inicial no empreendedorismo. Estudo do percurso empreendedor de licenciados da FMH, 185. Tese de Mestrado. <http://hdl.handle.net/10451/848>

- Paim, L. (2001). Estratégias metodológicas na formação de empreendedores em cursos de graduação: cultura empreendedora. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico.
- Patton, M. (1990). Qualitative Evaluation and research methods. Sage Publications.
- Paulino, A. D., & Rossi, S. M. M. (2003). Um estudo de caso sobre Perfil Empreendedor–Características e traços de personalidade empreendedora. EGEPE-Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas.
- Pegado, E. & Guerreiro, M. (2006). Os jovens e a inserção na vida ativa. Revista Sociedade e Trabalho, nº 30. Ministério do Trabalho e Solidariedade.
- Ponchirolli, O. (2000). O capital humano como elemento estratégico na economia da sociedade do conhecimento sob a perspectiva da teoria do agir comunicativo. Acedido a 27 de abril de 2013 <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/79048/176828.pdf?sequence=1>
- Quintão, C, Cavaco, C, Correia, C, & Faustino, F. (1999). Relações entre a Escola eo Mercado de Emprego Envolvente. Estudos e Análises n. º17, Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- Rodrigues, Eduardo, Samagaio, Florbela, Hélder, Ferreira, Mendes, Maria & Januário, Susana. (1999). A pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal. Sociologia, 9, 63-101.
- Rodrigues, M. & Ribeiro, J. (2001). Inovação, Tecnologia e Globalização: o Papel do Conhecimento eo Lugar do Trabalho na Nova Economia. Carneiro, Roberto, Caraça, João & pedro, Maria Emília S.(Eds.), O futuro da educação em Portugal-Tendências e oportunidades: Um estudo de reflexão prospectiva, 2, 34-151.
- Rosário, A. (2007). Propensão ao empreendedorismo dos alunos finalistas da Universidade do Porto. FEUP. Dissertação de Mestrado. <http://hdl.handle.net/10216/11505>
- Santos, S., Dantas, A., Santos, P., & Silva, M. (2009). Propensão empreendedora em alunos de administração da ufal: uma análise comparativa com estudantes das modalidades presencial ea distância. Universidade Federal de Halagaos Alagoas/Brasil
- Sarkar, S. (2007). Empreendedorismo e inovação. Escolar Editora.
- Say, J. (1861). Traité d'économie politique ou simple exposition de la manière dont se forment, se distribuent et se consomment les richesses. Guillaumin.
- Schumpeter, J. (1934). The theory of economic development. Cambridge. Havard University Press.
- Silva, E. & Cunha, M. (2002). A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas Ci. Inf (Vol. 31, pp. 77-82).
- Smith, A. (2008). A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas. Hemus.
- Sorensen, J. & Chang, P. (2006). Determinants of successful entrepreneurship: A review of the recent literature. Available at SSRN 1244663.
- Tan, S, & Ng, C. (2006). A problem-based learning approach to entrepreneurship education (Vol. 48).
- Teixeira, C. (2012). Educação para o empreendedorismo: um estudo sobre o Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/21484>

Timmons, J. (1989). The Entrepreneurial Mind. ERIC.

Toffler, A. (1990). Aprendendo para o futuro. Artenova.

Trigo, V. (2003). Entre o Estado e o mercado: empreendedorismo e a condição do empresário na China. Lisboa: Colecção ISCTE – Escola de Gestão.

Trigo, V. (2008). 12 meses de empreendedorismo (pp. 2).

Tuckman, B. (2000). Manual de investigação em educação: como conceber e realizar o processo de investigação em educação. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Yin, R. (2001). Estudo de caso: planeamento e métodos (Vol. 2). Porto Alegre. Bookman.

Anexos

Anexo 1 – Questionário inicial aos alunos

Este questionário pretende estudar o ensino do Empreendedorismo nos Cursos Profissionais, com o objetivo de avaliar o conhecimento dos alunos relativamente ao conceito envolvido no Empreendedorismo.

Idade		Sexo	F <input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/>
-------	--	------	---

Turma	
-------	--

1. Empreendedorismo é... (assinalar com x a resposta certa)

☐ estudo voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas com a edição de áudio e vídeo, no âmbito da multimédia.

☐ nova corrente educativa que estuda o perfil de alunos dos Cursos Profissionais.

☐ estudo voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas à criação de um projeto (técnico, científico, empresarial).

☐ partido político

2. Ser empreendedor é... (assinalar as opções que acham estar corretas)

☐ Ser empresário

☐ Ser determinado e dinâmico

☐ Nascer com essa característica

☐ Pensar só em ganhar dinheiro

☐ Saber explorar as oportunidades

☐ Ser persistente

☐ Ser criativo na resolução de problemas

☐ Ter muitas cunhas

3. Considera-se um(a) empreendedor(a)?

Sim ☐ Não ☐

4. É positivo ser empreendedor(a)?

Sim ☐ Não ☐

Qualquer que tenha sido a sua resposta, justifique:

5. Qual a profissão que pretende seguir?

6. Para terminar, diga por palavras suas o que entende por empreendedorismo/ ser empreendedor(a).

Anexo 2 – Questionário Final aos alunos

Disponível em <https://docs.google.com/forms/d/1r2KR-MBPKnqPrcjr92DFkJuXLFGBiQPRfZuEhgV08tQ/viewform>

O Empreendedorismo no Ensino Profissional

O presente questionário pretende avaliar o processo de implementação do programa "A Empresa" (promovido pela Junior Achievement Portugal) na disciplina de Design, Comunicação e Audiovisuais e analisar o impacto que o programa poderá ter exercido na forma como os alunos encaram o empreendedorismo.

A sua opinião sobre este processo é muito importante no sentido de melhor avaliar a importância da implementação de projetos semelhantes na vida escolar dos jovens, no sentido de os melhor preparar para o futuro.

As respostas sinceras e verdadeiras serão muito úteis para perceber o que pode ser melhorado. As respostas são confidenciais.

*Obrigatório

1. Caracterização do(a) aluno(a)

1.1 Idade: *

1.2 Sexo: *

- ☐ Feminino
☐ Masculino

1.3 Já ficou retido alguma vez? *

- ☐ Sim
☐ Não

1.3.1 Se respondeu "Sim", indique por favor os anos escolares em que ficou retido:

- ☐ 1º ano
☐ 2º ano
☐ 3º ano
☐ 4º ano
☐ 5º ano
☐ 6º ano
☐ 7º ano
☐ 8º ano
☐ 9º ano
☐ 10º ano
☐ Outra:

1.4 Gosta de estudar? *

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Outra:

1.5 Considera importante estudar? Justifique. *

[Continuar »](#)

2. Conhecimento prévio sobre a Junior Achievement Portugal (JAP)

Nesta parte os alunos são convidados a se pronunciar sobre o que conheciam da JAP e dos seus programas.

2.1 Já tinha ouvido falar da Associação Junior Achievement Portugal? *

- ☒ Sim
☐ Não

2.1.1 Se respondeu "Sim", em que contexto?

- ☐ Um amigo/familiar que lhe falou da JAP
☐ Na televisão
☐ No Jornal/revista
☐ Na Internet
☐ Já participei no programa "Economia para o Sucesso"
☐ Outra:

2.2 Já tinha ouvido falar ou já conhecia o programa "A Empresa"? *

- ☐ Sim
☐ Não

[« Anterior](#)

[Continuar »](#)

3. Avaliação do processo de implementação do programa "A Empresa"

Nesta fase pretende-se que os alunos se foquem no processo de implementação do programa "A Empresa" no corrente ano letivo.

3.1 Quando lhe foi apresentado o âmbito do programa "A Empresa", o que achou do projeto? *

- ☒ Interessante
☐ Aborrecido
☐ Trabalhoso
☐ Uma oportunidade para desenvolver novas habilidades e adquirir novas aprendizagens
☐ Uma atividade diferente a desenvolver nas aulas.
☐ Outra:

3.2 Qual o objetivo do programa "A Empresa"?

3.3 Participou no programa "A Empresa"? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

[« Anterior](#) [Continuar »](#)

Questionário para quem PARTICIPOU no programa "A Empresa":

3.3.1.1 Participou no programa "A Empresa" porque: *

- ☒ Por vontade própria
- ☐ Porque os colegas me pediram para participar
- ☐ Por influência da professora

3.3.1.2 A que mini empresa pertenceu? *

(indique o nome da mini empresa)

- ☐ FARMENN AE
- ☐ Student Bracelet AE

3.3.1.3 Leu a documentação do programa "A Empresa"? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Pouco

3.3.1.4 Conhecia os deveres da sua função/cargo na mini-empresa? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

3.3.1.5 Relativamente ao seu desempenho no projeto: *

(1 - não evidenciei | 5 - evidenciei totalmente)

	1	2	3	4	5
Sempre acreditei no projeto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fui capaz de resolver os problemas e ultrapassar os desafios	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mostrei espírito de Iniciativa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fiz-me acompanhar do material necessário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Respeitei sempre os restantes membros da equipa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Evidenciei criatividade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Evidenciei responsabilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trabalhei em casa em prol do projeto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estive sempre presente nas sessões de trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os objetivos a que me propus inicialmente foram concretizados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3.3.1.6 Qual foi o seu contributo no projeto, o que produziu? *

3.3.1.7 Relativamente ao desempenho da equipa:

1 - Não | 2 - pouco | 3 - Sim

	1	2	3
Funcionou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trabalhavam de forma organizada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cada um sabia o que o outro fazia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trabalhavam fora da sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alguns elementos eram pouco assíduos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Todos os elementos mostraram empenho e vontade de trabalhar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3.3.1.8 Relativamente às atividades do programa “A Empresa”, selecione apenas três atividades em que sentiu maior dificuldade/reconheceu maior desafio:

- ☐ Formação da equipa de trabalho
- ☐ Distribuição dos cargos pelos membros
- ☐ Brainstorming (discussão de ideias)
- ☐ Seleção do produto/serviço
- ☐ Definição da ideia de negócio: objetivos, missão, valores e visão

- ☐ Escolher um nome para mini empresa
- ☐ Desenvolver o Plano de Negócios
- ☐ Definir uma estratégia de Marketing

3.3.1.9 Na sua opinião, quais foram as principais razões que levaram ao abandono do projeto? *

Indique pelo menos três razões.

- ☐ Desinteresse gradual pelo projeto
- ☐ Imaturidade dos elementos
- ☐ O nível de exigência
- ☐ Estava a dar muito trabalho
- ☐ Fraca capacidade de trabalho dos restantes elementos
- ☐ Era muita responsabilidade
- ☐ Falta de ideias inovadoras e criativas
- ☐ O facto de a turma estar dividida por turnos
- ☐ Ter um bloco de 100m de DCA apenas uma vez por semana
- ☐ Fraco espírito de equipa
- ☐ Outra:

3.3.1.10 Que sugestões faz para que, numa próxima participação no programa, os alunos não venham a sentir as mesmas dificuldades: *

Pode assinalar mais do que uma opção.

- ☐ A turma não deve estar dividida por turnos
- ☐ Haver no horário 2 blocos de 100 minutos para o projeto, de preferência seguidos.
- ☐ Evitar implementar o projeto nos primeiros anos de um curso, porque os alunos ainda não conhecem a capacidade de trabalho dos seus colegas
- ☐ Outra:

3.3.1.11 Foi convidado a participar no GEP “Creativity & Innovation Challenge”? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

GEP: Explique em linhas gerais em que consistia o desafio: *

3.3.1.11.1 Se foi convidado a participar no GEP, chegou a ir?

Participou?

- ☐ Sim
- ☐ Não

GEP: Se participou, o que achou?

4. Balanço final do projeto

4.1 Participou na Visita de Estudo à Feira Ilimitada, no passado dia 23 de abril? *

- ☒ Sim
☐ Não

4.1.1 Se respondeu "Sim", de acordo com o que viu e contactou com os alunos das mini-empresas, o que é que achou mais interessante?

4.1.2 Se respondeu "Não", não foi porque:

- ☐ Não me apeteceu
☐ Não me interessou
☐ Outra:

Posto isto, e porque o lema da JAP é “Não se nasce empreendedor. Aprende-se. O empreendedorismo é uma atitude de vida que precisa de ser construída e desenvolvida”...

4.2 De acordo com o que foi possível experienciar com o programa “A Empresa”, na sua opinião, o que está envolvido em ser-se empreendedor? *

Assinale as opções que achar corretas.

- ☒ Ser empresário
☐ Ser determinado e dinâmico
☐ Nascer com essa característica
☐ Pensar só em ganhar dinheiro
☐ É ser um profissional responsável e de confiança
☐ Saber explorar as oportunidades
☐ Ser persistente e criativo na resolução de problemas
☐ Comunicar eficazmente com os outros
☐ Ter muitas cunhas
☐ Ter uma postura confiante e pró-ativa
☐ Outra:

4.3 O que aprendeu com o programa “A Empresa”? Dê alguns exemplos de aspetos que antes não conhecia e que com este projeto passou a conhecer melhor. *

"A nível nacional, a taxa de desemprego mantém-se mais elevada para o sexo feminino, com 17,7%, enquanto para o masculino é de 17,5%. Os jovens portugueses ocupam o quarto lugar na taxa de desemprego, que subiu para os 38,6%". Notícia do Jornal Expresso Economia, a 12 de março de 2013. *

Tendo conhecimento da realidade que vivemos no nosso país e na Europa, considera importante "ser-se empreendedor"?

- ☐ Sim
☐ Não

4.4.1 De acordo com a sua resposta, justifique. *

4.5 Que profissão gostaria de exercer no futuro e o que está disposto a fazer para o conseguir? *

« Anterior

Enviar

O Empreendedorismo no Ensino Profissional

Muito obrigada pela sua colaboração e lembre-se:

"Ser um empreendedor é muito mais que ter vontade de chegar ao topo de uma montanha; é conhecer a montanha e o tamanho do desafio; planificar cada detalhe da subida, saber o que é necessário levar e que ferramentas utilizar; encontrar o melhor caminho, estar comprometido com o resultado, ser persistente, calcular os riscos, preparar-se fisicamente; acreditar na sua própria capacidade e começar a escalada"

Prof. Rute Ribeiro
Ano letivo 2012/2013

[Enviar outra resposta](#) | [Criar o seu próprio formulário](#)

Google Drive

Anexo 3 – Questionário dirigido aos professores

Disponível em <https://docs.google.com/forms/d/16RZ1EEurtQxGThMnQrDM9F3pbyMoAM6ZXGr8zl-gzvc/viewform>

Empreendedorismo na Educação

O presente questionário tem no mínimo 15 questões, no máximo 20. Força! vai ver que responde rápido :)

***Obrigatório**

➡ Breve contextualização:

A **Comissão Europeia** apresentou em **janeiro de 2013** de um **plano de ação** designado por «**EMPREENDEADORISMO 2020**», cujo objetivo é regular a linha de atuação dos países membros para «Relançar o espírito empresarial na Europa».

Uma das metas apresentadas passa por incluir o ensino e a prática do empreendedorismo nos programas escolares, «**os jovens deveriam ter, pelo menos, uma experiência prática de empreendedorismo antes de terminarem o ensino secundário**».

“Investing in entrepreneurship education is one of the highest return investments Europe can make”.

Baseado em <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM.2012.0795:FIN:en:PDF>

➡ Neste sentido, o presente questionário pretende auscultar os profissionais da educação/formação que se encontram no terreno, sobre o que pensam sobre a promoção do Empreendedorismo nas Escolas.

Caracterização Pessoal

1. Idade: *

2. Sexo: *

- ☐ F
☐ M

3. Grupo de Recrutamento a que pertence: *

4. Situação Contratual: *

- ☐ QA/QE
☐ QZP
☐ Contratado(a)
☐ Outra:

Opinião sobre o Empreendedorismo na Educação

5. O que pensa sobre o Empreendedorismo? *

6. Ser Empreendedor é... *

Pode escolher mais do que uma opção.

- ☐ Ser empresário
- ☐ Ser determinado e dinâmico
- ☐ Nascer com essa característica
- ☐ Pensar só em ganhar dinheiro
- ☐ É ser um profissional responsável e de confiança
- ☐ Saber explorar as oportunidades
- ☐ Ser persistente e criativo na resolução de problemas
- ☐ Comunicar eficazmente com os outros
- ☐ Comunicar eficazmente com os outros
- ☐ Ter muitas cunhas
- ☐ Ter uma postura confiante e pró-ativa
- ☐ Outra:

7. É importante para os alunos participarem em atividades de promoção ao empreendedorismo? *

Justifique.

8. Existem várias iniciativas que promovem junto das escolas o Empreendedorismo e o espírito empreendedor. Indique as que conhece e/ou já ouviu falar: *

Pode escolher mais do que uma opção.

- ☐ Os programas da Associação Junior Achievement Portugal
- ☐ INOVA!
- ☐ IUPI Life
- ☐ Um programa de iniciativa municipal - existem várias iniciativas por parte das autarquias.

9. Já esteve direta ou indiretamente envolvido(a) em algum projeto relacionado com esta temática? *

- ☐ Sim
☐ Não

9.1 Se respondeu "Sim"

Qual era o projeto e que impacto este teve junto dos alunos e da comunidade escolar.

10. O que tem sido feito nas Escolas na promoção do Empreendedorismo no sentido de dotar os alunos de autonomia, iniciativa, autoavaliação, ética, criatividade, cidadania, liderança, diálogo, participação, resolução de problemas, inovação, para empreender a própria vida, participando de forma consciente, efetiva e criativa na transformação da sociedade em que vive? *

11. Acha que as escolas e os professores estão preparados para “Desenvolver o ensino e a formação no domínio do empreendedorismo”? *

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Outra:

12. Quais são os principais desafios atuais que dificultam a promoção de uma cultura mais empreendedora nas Escolas? *

13. O que é necessário fazer nas Escolas para que os jovens possam ter, pelo menos, «uma experiência prática de empreendedorismo antes de terminarem o ensino secundário». *

Pode escolher mais do que uma opção.

- ☐ Disponibilizar formação sobre Empreendedorismo para os professores.
- ☐ Acrescentar uma disciplina de empreendedorismo nos currículos escolares dos alunos do Secundário
- ☐ Cada turma ser responsável por desenvolver um projeto na área do empreendedorismo, e trabalhá-lo de forma transversal nas várias disciplinas.
- ☐ Criar um clube de empreendedorismo, para promover atividades e palestras sobre o assunto.
- ☐ Outra:

14. Gostaria de trabalhar com os alunos em algum projeto relacionado com o Empreendedorismo? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Outra:

15. É ou já foi professor(a) do Ensino Profissional? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

16. Como caracteriza, em geral, um aluno do ensino profissional: *

	1 (pouco)	2	3 (muito)
Assíduo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pontual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Autónomo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Responsável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Empenhado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gosta de estudar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com espírito de sacrifício	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Boa capacidade de comunicação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Exigente na qualidade do seu trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com objetivos bem definidos quanto ao futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17. É importante para os alunos do ensino profissional terem «uma experiência prática de empreendedorismo antes de terminarem o ensino secundário»? *

Justifique por favor.

18. A promoção do empreendedorismo deveria ser obrigatória no Ensino Profissional? *

- ☐ Sim
☐ Não

19. Para implementar um programa/projeto de promoção ao empreendedorismo no Ensino Profissional, que condições era necessário reunir? *

Pode escolher mais do que uma opção.

- ☐ Haver no horário uma tarde/manhã livre para os alunos interessados poderem trabalhar.
☐ A turma não deve estar dividida por turnos.
☐ Haver no horário 2 blocos de 100 minutos, de preferência seguidos para o projeto.
☐ Evitar implementar o projeto nos primeiros anos de um curso, porque os alunos ainda não conhecem a capacidade de trabalho dos seus colegas.
☐ Opção 5
☐ Outra:

20. Que outras sugestões faz, para melhor preparar os alunos do ensino profissional para a realidade que os espera:

O questionário terminou.

Deixo aqui o meu sincero agradecimento pela sua colaboração. Bem haja!

E lembre-se:

"Não se nasce empreendedor. Aprende-se. O empreendedorismo é uma atitude de vida que precisa de ser construída e desenvolvida."

Atentamente,
Rute Ribeiro
mm11056@fe.up.pt